

By Kaitlyn Davis

A person wearing a vibrant red, flowing dress is shown from the waist down, holding a large, intense fire. The fire is bright yellow and orange, with a jagged, flame-like shape. The background is solid black, making the red dress and the fire stand out prominently.

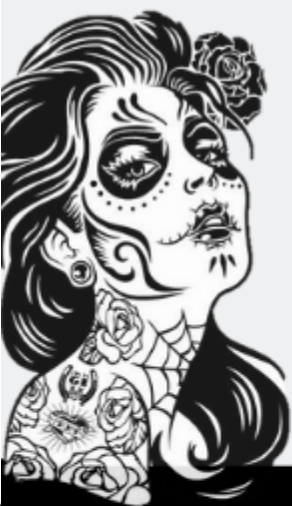
Scorch

Midnight Fire Series Book Four





Queens of Shadows



TRADUÇÃO: MEL DUSK
REVISÃO INCIAL: CASSIA QUEEN
REVISÃO FINAL: ANA QUEEN
LEITURA FINAL: VICKY QUEEN
FORMATAÇÃO: MEGHAN WILLIAMS



2019



Scorch (Midnight Fire #4)

by
Kaitlyn Davis

Tudo o que fez foi lembrar Kira que o tempo estava se esgotando. Que ela precisava escolher. Ou muito mais do que uma floresta iria queimar. O mundo inteiro iria desmoronar.

Aldrich escapou... de novo. Tristan esqueceu... tudo.

E Luke... bem, Luke estava ficando mais do que um pouco impaciente. Mas essas eram as menores preocupações de Kira, porque algo mais aconteceu na Inglaterra... algo que ela estava tentando desesperadamente esquecer. Uma fatia do mal se alojou em seu coração, um pequeno buraco negro se aninhou em suas chamas, e não ia embora... Não tão cedo... e talvez nem nunca.





*Para minha família pelo amor incondicional deles
meus amigos pelo apoio esmagador,
e meus fãs por seu incrível entusiasmo.
Obrigado do fundo do meu coração.*



De uma cadeira no canto do seu quarto de hospital, Kira olhou para a constante subida e descida do peito de Tristan. Seus movimentos estavam em sintonia com o bipe constante das máquinas ligadas ao seu corpo. Eles eram as únicas coisas que diziam que ele estava vivo, porque todas as outras partes dele ainda estavam inertes. Sua boca estava relaxada, ligeiramente aberta para permitir que cada exalação escapasse. Suas pálpebras estavam fechadas, as sobrancelhas franzidas e as rugas induzidas pelo estresse que normalmente se amontoavam em sua testa tinham desaparecido. Ele parecia estranhamente em paz, flutuando entre o reino dos vivos e dos mortos.

Mas era hora dele acordar.

Dois dias se passaram desde a luta no castelo de Aldrich: um longo dia de viagem da Inglaterra para Sonnyville e um longo dia explicando tudo ao Conselho Protetor.

Kira não conseguia apagar a dor nos olhos de seu avô quando ela disse a ele que sua única filha, sua mãe, realmente havia desaparecido - que um vampiro tinha roubado suas memórias, replicado seu rosto e fingido ser ela apenas para enganar Kira.

Ela não podia esquecer o olhar ferido no rosto de Luke enquanto explicava a transformação milagrosa de Tristan para os outros canais. Seu beijo ainda ardia em sua mente, tocando





repetidamente, fazendo-a se sentir viva. Seu amor por Luke estava fervendo atrás de seus pensamentos todo esse tempo, e finalmente havia chegado à superfície, desabrochando em uma forte chama antes que ela realmente percebesse que estava lá. Mas olhando para um humano Tristan, agora tão frágil e novo para o mundo, Kira não tinha certeza se poderia deixá-lo ir e fazê-lo enfrentar sozinho.

Mas acima de tudo, Kira não podia afrouxar o nó em seu peito, sabendo que ela libertou Aldrich - sabendo que em algum lugar lá fora ele estava vivo e sabia seu segredo. Essa foi a pior parte de tudo, a escuridão escondida dentro dela que ela não podia compartilhar com ninguém, nem mesmo com Luke. Uma cova de mal se alojou em seu coração, um pequeno buraco negro se aninhara em suas chamas, e não ia embora.

Ela sabia disso.

Aldrich sabia disso.

E Kira não viu Aldrich esquecer isso tão cedo.

Foi por isso que ela se escondeu no quarto do hospital de Tristan, esperando apenas por seus pensamentos por companhia. Depois de saber que ela estava namorando um vampiro, os outros canais em Sonnyville começaram a evitá-la. Seus avós queriam se reconectar com ela, mas Kira não suportava as ondas de desapontamento em seus olhos - depois de lhes dar uma nova esperança, ela não conseguiu levar sua mãe biológica para casa. Seus pais adotivos ficaram furiosos quando souberam de sua viagem à Inglaterra e Kira desligou o telefone para escapar de uma palestra. E Luke, o melhor amigo de Kira no





mundo inteiro, estava ficando impaciente. Ele queria a decisão dela e ela não estava pronta para dar.

Então, tire todas essas pessoas e quem foi deixado? Seu comatoso, outrora vampiro agora humano, ex-namorado que achava que ele estava vivendo em 1800. Ah, e quem quase a sufocou até a morte quando acordou porque achava que ela era uma bruxa demônio.

Perfeito.

Kira suspirou, revirou os olhos e bateu a cabeça contra a parede. Ela realmente estava em um canto - fisicamente e mentalmente presa. E ela precisava de Tristan para acordar agora, antes de enlouquecer de verdade. Ela precisava de uma distração, e contar a alguém sobre os cento e cinquenta anos de vida humana que eles haviam perdido, bem, isso deveria levar algum tempo.

Ansiosa, Kira se levantou e caminhou até o pé da cama de Tristan bem a tempo de pegar o pé dele. Os médicos dos condutores o mantiveram fortemente medicado para o dia anterior, a fim de estudar sua composição celular, mas as vinte e quatro horas que Kira lhes dera tinham acabado e Tristan não seria mais um rato de laboratório.

Mais acima na cama, seus dedos se curvaram e depois se flexionaram em linha reta.

Kira se aproximou, pisando ao lado de seu rosto para que pudesse colocar a mão na bochecha quente dele. Sua pele tinha um rubor saudável e um ligeiro bronzeado que, embora natural para um humano, parecia pouco natural para ele. As pontas dos



dedos dela roçaram o sedoso cabelo preto dele e Kira estudou os fios ligeiramente curvados por um momento antes de focar nos olhos dele.

Eles piscaram uma vez e fecharam novamente, mas o coração de Kira parou.

Castanho.

Ela não estava acostumada com essas íris achocolatadas ainda. E quando ele piscou novamente, Kira forçou a respiração a estabilizar.

—Shh—, ela balbuciou enquanto acariciava sua bochecha. O esmalte sobre os olhos começou a retroceder, substituído por confusão e medo, ambos um pouco mudos de sua medicação.

—Onde...?— Ele começou com uma voz áspera, mas parou no meio da frase quando seu olhar captou a luz fluorescente piscando no alto. —O que...?— Sua cabeça inclinou e uma expressão estranha se reuniu em seu rosto enquanto ele inspecionava a sala.

Ah, certo, Kira pensou, eletricidade. Era fácil esquecer há quanto tempo 1864 realmente era.

—Por favor, tente não entrar em pânico—, disse Kira. Depois de pensar sobre esse momento para o avião inteiro voltar da Inglaterra, ela decidiu deixar o relacionamento para fora - fingir que não eram mais do que amigos. Seria mais fácil assim... pelo menos para ela. —Eu sou Kira—, ela disse, —você se lembra do seu nome?—



—Tristan, Tristan Kent,— ele disse com um profundo suspiro e trancou o olhar nela, enviando um pequeno enxame de borboletas em seu estômago.

—Prazer em conhecê-lo, Tristan. — Kira se inclinou para trás, soltando sua bochecha para apertar sua mão.

—E você, senhorita... — Ele parou, esperando pelo sobrenome dela.

—Você pode me chamar de Kira—, ela disse. Ele teve que ser apresentado ao século XXI em algum momento - poderia muito bem começar agora.

—Senhorita Kira—, ele respirou, deixando as palavras saírem da sua língua enquanto ele pegava sua mão estendida. Inesperadamente, ele levou os dedos à boca para um beijo rápido.

Kira desembaraçou os dedos, forçando lembranças mais íntimas de sua cabeça. —Qual é a última coisa que você lembra?

—Eu estava em uma floresta. Homens gritavam ao meu redor. Eu estava ferido, a dor na minha perna era pior do que qualquer outra que eu senti. Eu era soldado de infantaria no Exército Confederado e a União acabara de nos dar um duro golpe.

—Bom—, disse Kira e deu um tapinha na mão dele. Ele não se lembrava da Inglaterra - Kira silenciosamente agradeceu sua boa sorte por isso. —A coisa é, Tristan, eu tenho uma espécie de história maluca para contar a você e preciso que você se sente aí, ouça e tente absorver tudo. Você pode fazer isso?—



—Claro, senhorita—, ele respondeu antes de levantar a mão mais perto de seu rosto. Ele puxou o arame preso em seu pulso, o que monitorava seu pulso.

—Deixe isso aí—, disse Kira, cobrindo o local com a mão.

—Mas, eu posso perguntar, o que-

—Apenas ouça, eu prometo que vou tentar explicar. —

Tristan assentiu e colocou a mão de volta na cama. Seus movimentos eram lentos e pareciam um pouco desconectados de seu cérebro, deixando Kira saber que esse humor calmo provavelmente só duraria até que seus remédios se esgotassem.

—Você não lembra, mas somos amigos há um bom tempo - bons amigos. Eu sei muito sobre você e sei como você veio para cá, no hospital. Mas Tristan, eu tenho que te contar uma coisa que vai parecer um pouco assustadora. — Kira apertou a mão dele, tentando fornecer uma onça de conforto. —Estamos no futuro. A Guerra Civil aconteceu cento e cinquenta anos atrás, e

Tristan se sentou e os bipes das máquinas aumentaram a um ritmo frenético. Ele apertou seus ombros, cavando seus dedos profundamente em sua pele.

—O que você quer dizer?— Ele disse em um sussurro áspero.

—Tristan, por favor, acalme-se.

—Em que ano estamos?— Ele disse um pouco mais alto.

—Tristan—, disse Kira, tentando escapar de seu controle.

—Como isso é possível?— Ele a sacudiu com força suficiente para machucar, e um medo animalesco penetrou em seu olhar.
—Onde estão meus homens? O que você fez?

Kira deu um tapa no rosto dele. O som ecoou contra as paredes estéreis do hospital e ela olhou para a palma da mão vermelha em estado de choque. Ela olhou para Tristan, que olhou para ela com uma expressão igual de surpresa.

—Sinto muito—, disse ela lentamente.

—Não, sou eu quem deve ser perdoado. Por favor, desculpe o meu comportamento abominável, eu sou apenas... bem, eu não consigo explicar isso... confuso, assustado, perdido... para tratar uma mulher, então...

—Está tudo bem—, ela acalmou enquanto pegava a mão dele, —eu entendo.

—Eu não posso. Como cheguei a estar aqui?

—Deixe-me mostrar-lhe uma coisa primeiro.

Kira se levantou e empurrou a cadeira para o lado. Erguendo a palma da mão diante dos olhos de Tristan, Kira acendeu uma chama pequena e controlada acima dos dedos, suspendendo-a por um momento. Tristan inalou bruscamente, cortando o ar. Kira chupou o fogo de volta e soltou a mão.

—Há muitas coisas impossíveis neste mundo—, disse ela antes que Tristan tivesse tempo de recuperar a compostura. —E eu sou um deles, mas você também é. —



—Você é uma bruxa?— ele perguntou, incapaz de esconder a corrente de medo e ódio viajando com essa palavra.

Kira sacudiu a cabeça. —Eu sou uma condutora, uma caçadora de vampiros, e você era meu amigo - uma boa pessoa presa em uma vida que nunca quis.

—E que vida era essa?—

—Você não se lembra porque eu apenas curei você, retornou sua humanidade, mas por décadas você viveu como um—, Kira hesitou, odiando o quão esmagadora essa palavra seria ouvir, —como um vampiro. —

Tristan de cara lisa.

Seu coração humano tinha tido muito assustado e parou assim que ela pronunciou a palavra. Seu peito caiu de volta contra a cama do hospital, enquanto sua cabeça bateu dolorosamente contra a parede.

—Tristan!— Kira pulou e sacudiu os ombros, tentando acordá-lo. Um alarme soou do lado da sala e o sistema de intercomunicação começou a piscar.

—Socorro!— Kira gritou, esperando que o hospital de condutores levemente equipado ainda tivesse algumas enfermeiras disponíveis em algum lugar.

Inclinando-se sobre o peito, Kira escutou por um instante, mas não havia nenhum. Formando um punho com uma palma sobre a outra, Kira bombeou em seu peito para a contagem de



três. Ela alargou os lábios e forçou a própria respiração pela abertura, rezando para que ele acordasse.

Ela bombeou novamente.

Seus cílios se abriram para revelar nada além do branco de seus olhos e Kira gritou.

—Mova-se, por favor—, um médico avançou pela porta, empurrando Kira suavemente para o lado. Ele colocou os punhos no peito de Tristan, bombeando, enquanto uma enfermeira enfiou o oxigênio em seus pulmões.

—O que aconteceu?— O médico perguntou.

—Nós estávamos apenas conversando, eu estava apenas tentando explicar... — Kira parou quando o médico continuou a trabalhar. Depois de outra ronda de RCP, a máquina recuperou um batimento cardíaco novamente e Kira instantaneamente relaxou, tentando diminuir o ritmo do coração para o mesmo bip do pulso restaurado de Tristan.

—Dê-lhe outra rodada de relaxantes—, disse o médico à enfermeira, que anotou alguns rabiscos no prontuário de Tristan e pegou uma dose de líquidos. —Agora—, ele se virou para Kira, —o que você disse exatamente?—

—Eu só—, Kira se aproximou da cama, passando levemente os dedos sobre o antebraço de Tristan. —Eu estava apenas tentando explicar como ele chegou aqui, neste período de tempo. Ele está tão confuso. — Ela estremeceu quando a enfermeira afundou uma agulha profundamente em sua pele. —Ele não entende nada disso. —

—Está tudo bem. — O médico, loiro e tão obviamente um Protetor, colocou a mão em seu ombro. —Não vai ser fácil para ele se ajustar, mas essas coisas levam tempo.

Kira soltou um forte suspiro: —Você já lidou com algo assim antes?

—Vampiros voltando dos mortos?— Ele riu baixinho em voz baixa. —Não, não nesta vida. Mas eu tenho visto pessoas com amnésia e perda de memória, e elas se recuperam eventualmente -mudam para sempre talvez, mas as pessoas têm um jeito de se ajustar a situações que podem parecer intransponíveis a princípio. — Ele apertou o braço tranquilizadamente.

—Sim, eu sei sobre isso, acredite em mim—, disse Kira. Se ela pudesse superar as mudanças em sua vida - a verdade sobre seus pais, sua herança como condutora, e seu papel como mestiça ou potencialmente algum anjo destinado a cair na escuridão -, Tristan descobriria eventualmente. —Obrigada—, Kira disse ao médico enquanto ele saía pela porta.

—Ele não deve acordar novamente por algumas horas—, informou a enfermeira antes de seguir o médico até a saída.

Kira se sentou ao lado da cama de hospital de Tristan. Mesmo que sua pele tivesse escurecido e seus olhos tivessem perdido sua impressionante tonalidade azul, seu Tristan tinha que estar lá em algum lugar. Ele olharia para ela com carinho e amor novamente, e não como um estranho ou uma ameaça.

—Ele parece muito bom, você sabe, para alguém que estava morto há três dias. —



Kira reconheceu aquela voz instantaneamente e se virou para dar as boas-vindas a Luke com um sorriso. Ele ficou na porta com as mãos descansando preguiçosamente nos bolsos e os ombros ligeiramente encolhidos de ombros como se estivesse ligeiramente desconfortável. Quando ele entrou no quarto, ele olhou para o chão, evitando a cama.

Kira pensou que o verde em sua camiseta fazia seus olhos brilharem como esmeraldas escuras, e ela resistiu ao impulso de passar a mão sobre o algodão macio. —Ele ainda acha que você é uma bruxa demoníaca? Eu mesmo achei a descrição estranhamente precisa.

Kira revirou os olhos para a brincadeira. —Você não quer saber que apelidos eu tenho para você. —

—Príncipe encantado? Cavaleiro em armadura reluzente? Amor da minha vida? Você não é tão original, Kira. Ele sorriu, olhando para ela piercing sob suas sobrancelhas encapuzadas.

Kira respirou fundo, soltando um suspiro e subconscientemente tirou a mão de Tristan. —E você não é um príncipe da Disney.

—Eu sei—, ele disse e se aproximou dela, ganhando confiança com sua brincadeira fácil. —Ser bidimensional iria prejudicar totalmente meu estilo. —

—Sim—, Kira começou, mas sua respiração ficou presa quando ele estendeu a mão para correr o polegar ao longo de seu lábio inferior. Kira engoliu em seco. —Você não quer uma princesa perfeitamente embalada para fugir?—



Luke moveu a mão ao longo de sua bochecha, acariciando sua pele até que seus dedos descansaram na base de seu pescoço. Ele inclinou a cabeça ligeiramente para cima e forçou-a a encontrar seu olhar. —Eu prefiro a minha dor na bruxa demônio bunda. — Ele se inclinou, arqueando a cabeça para mais longe.

—Luke,— Kira murmurou, moveu a cabeça para o lado para que seus lábios pousassem em sua bochecha. Mesmo que ela quisesse beijar Luke, o que ela fez, e mesmo que Tristan não se lembrasse de quem ela era, o que ele não fez, Kira estava consciente demais de seu corpo deitado ao lado dela.

Luke suspirou e pressionou suas testas juntas, respirando fundo antes de recuar alguns metros para a cadeira vazia ao lado da cama.

—Então, como ele está realmente?—

Kira apreciou a preocupação genuína no tom de Luke, mesmo que fosse mais por ela do que por Tristan. —Bem, eu disse a ele que ele é um vampiro nos últimos cem anos, e seu coração parou de bater e ele desmaiou... então, sim, não ótimo. —

—Ele ainda não se lembra de nada?— Ou quem você é? Kira terminou a pergunta de Luke em sua própria mente.

—Não, nada. Mas ele parecia um pouco mais no controle, pelo menos no começo. A enfermeira deu-lhe mais alguns remédios... Kira parou quando ela traçou o corpo de Tristan com seu olhar.





Ele estava dormindo e não acordaria tão cedo, mas o que ela não pôde deixar de notar foi o quão sereno ele parecia, mesmo com toda a confusão. Suas feições nunca pareciam tão relaxadas para ela, nem em todas as vezes que ela o tinha visto dormir. Era como se algum peso invisível tivesse sido levantado, como se tivesse sido libertado.

—Então, o que você realmente veio aqui para falar?— Kira olhou para Luke, pegando-o no meio do olhar.

Ele abriu a boca, pronto com uma resposta espirituosa, mas fechou novamente. —O Conselho—, ele disse e deixou seus olhos deslizarem para a janela.

—Qual?— Kira suspirou.

—Ambos. — Luke se inclinou para a frente, descansando os antebraços nos joelhos, claramente estressado.

Ambos eram. Os últimos dois dias estavam sobrecarregando todo mundo, mas Kira achava que ela e Luke haviam sofrido o impacto do calor sobre a missão fracassada na Inglaterra. Todo mundo esqueceu que Luke tinha conseguido salvar todos os condutores trancados no calabouço só porque ele deixara um único vampiro se libertar - Pavia. Ele se recusou a colocar mais culpa em Kira dizendo ao Conselho que era sua exigência deixar Pavia escapar e, em vez disso, deixou todos acreditarem que ela havia escapado.

Mas o verdadeiro estressor, para os dois, foi o Conselho do Justiceiro. Nunca na vida de Luke ou na vida de seus pais os dois Conselhos se reuniram na íntegra. Sempre que ocorria um negócio de condutores cruzado, um membro de cada Conselho





viajaria e tomaria as decisões necessárias. Mas uma reunião completa de todos os sete membros de cada Conselho era quase inédita - e eles estavam se reunindo hoje para discutir o destino de Kira, agora que ela havia mudado completamente o jogo trazendo Tristan de volta à vida.

Kira engoliu em seco.

Suas horas de paz guardadas no quarto do hospital de Tristan estavam prestes a chegar ao fim. Já era quase hora de enfrentar o mundo e suas consequências novamente.

—Quando eles deveriam chegar aqui?— Kira perguntou.

Luke não precisava de esclarecimentos. —Logo, muito em breve. —

—E o que o Conselho Protetor disse?

—Eles não deixam ninguém te machucar - eu não deixarei ninguém te machucar. Mas eles estão preocupados sobre como os Justiceiros agirão, o que eles exigirão. Isso vai contra tudo que eles sabem. Por centenas de anos, Punidores foram alimentados por sua crença de que vampiros não podem ser salvos, que sua humanidade se foi, e o que você fez nega completamente isso.

—E há mais—, disse Kira. Luke continuou torcendo as mãos e olhou para ela interrogativamente.

—Mais que isso?

—Bem, esse é o argumento deles para defenderem que Tristan deveria morrer - que o mal ainda vai chamar por ele. Mas qual é o argumento deles para mim? Eu te disse o que aquele



Justiceiro na masmorra disse. Sobre como ele pensa que eu sou um anjo que está caindo e se tornando um vampiro original, uma força imparável. Eles vão querer acabar comigo antes que eu tenha a chance de fazer essa transformação. —

Luke se inclinou para trás e acenou com a mão no ar, rejeitando a ideia. —Vamos, Kira, isso é insano. Qualquer um que olhe para você pode ver de que lado você está.

—Qualquer um que olhe para mim pode ver meus olhos azuis, ou você está acostumado com eles agora?—

Luke arrastou a cadeira para mais perto, então seus joelhos tocaram os dela. —Eu vejo eles. Eu vejo dois brilhantes, bonitos e quentes olhos azuis cobalto que parecem o calor safira de uma chama ardente e nada como os olhos frios e mortos de um vampiro. —

Kira desviou o olhar, seu coração se derretendo um pouco sob seu escrutínio. —Sim, bem, muita exposição ao sol pode ter afetado suas células cerebrais. Além do mais, —Kira continuou, não deixando que ele respondesse com mais elogios - ela já podia sentir o sangue correndo para suas bochechas um pouco—, eles dirão que eu sou muito simpática aos vampiros porque eu estava com Tristan. Talvez eles vão torcer ao redor, então parece que eu queria que Aldrich fosse livre. Eu não sei. —

—Mas você nunca agiu como uma daquelas coisas ou sentiu algum tipo de chamado como o Justiceiro descreveu, não é?—

—Claro que não—, retrucou Kira, tentando parecer zangada que ele até perguntou e nem um pouco culpada.



Porque, claro, ela tinha.

Durante sua luta com Aldrich, Kira tinha desejado a morte prolongada e dolorosa, e talvez até pelo sangue de Aldrich. E foi por isso que ele se libertou - por que ele teve o momento que precisava para escapar - porque Kira tinha começado a lutar contra o demônio dentro dela em vez do que estava queimando a seus pés. Desde que saíram do castelo, nada de novo aconteceu. Mas ainda assim, ela sentiu a mudança dentro dela, a ligeira mancha que suas chamas agora carregavam.

—Então é isso,— Luke bateu as mãos, sacudindo Kira de seus pensamentos, —eles não têm nada, nenhum argumento que faça qualquer sentido plausível contra você.

—Estou apenas nervosa, eu acho. — Ela encolheu os ombros.

—O Tomate Flamejante está nervoso? Estou chocado!—

Kira sorriu. —Eu não ouvi isso há algum tempo. Eu estava meio que esperando que você tivesse de alguma forma esquecido sobre isso... —

—Esqueça o tomate flamejante? Você não pode simplesmente esquecer O Tomate Flamejante - é bom demais. Kira levantou as sobrancelhas em sua direção e ele respondeu levantando as mãos. —O que? Estou apenas dizendo...

—Então eu tenho Bruxa Demoníaca e Tomate Flamejante ? Eu realmente preciso de alguns novos apelidos... ou alguns novos amigos, —Kira murmurou a última parte.



—Você preferiria algo mais normal como... Kiki?— Luke perguntou, seu rosto um manto de inocência.

—Me chame assim de novo e eu posso te matar... — Kira enviou seu melhor olhar de morte.

—Veja, isso pode ter me assustado quando seu nome era Bruxa Demoníaca, mas com Kiki não é tão ameaçador. — Ele cruzou os lábios para não sorrir.

Kira se lançou pela sala, indo direto para a caixa torácica com as mãos. O benefício de ser melhor amiga era que Kira conhecia todos os seus pontos vulneráveis e demorou cerca de dois segundos para tê-lo rolando no chão implorando por misericórdia.

Cócegas - foi totalmente subestimado.

—Kiki... vamos lá... eu não posso respirar—, Luke engasgou entre o riso se encaixa. Kira empurrou ainda mais.

Ele agarrou-a pelos pulsos, finalmente usando sua força e tamanho para superá-la. Sem as mãos para apoiá-la, o equilíbrio de Kira escorregou e ela pousou em seu peito com força. Quando ela abriu os olhos, a risada desapareceu do rosto de Luke e, num instante, o ar ficou mais denso. Ela lambeu os lábios, incapaz de desviar o olhar.

—Ahem

Kira saiu de Luke imediatamente, pulando ao som de uma voz desconhecida na porta. Ela olhou para cima para ver um



homem loiro bem vestido que ela se lembrava de ter visto em volta de Sonnyville antes.

—O Conselho do Justiceiro chegou. Nós solicitamos a sua presença no Conselho imediatamente. —

—Obrigado—, Luke murmurou enquanto se levantava e tirava a roupa.

—Eu te encontrarei lá em um minuto—, disse Kira, olhando de volta para o ainda imóvel Tristan. Luke assentiu e arrastou o Protetor que protestava do quarto.

Kira voltou para a esquina do quarto do hospital onde ela havia deixado a bolsa e tirou o presente embrulhado e maltrapilho que descansava lá dentro. Apressadamente, ela rabiscou uma nota no cartão em branco.

—Querido Tristan, me desculpe por não estar aqui quando você acordar de novo. Lembre-se do que eu disse e por favor tente ficar calmo. Aqui está um livro de história que eu acho que você vai gostar - vai te deixar preso em tudo que você perdeu. E há um pouco mais também. Eu não consegui encontrar o carvão que você gosta, então eu peguei alguns lápis de grafite. Eu sei o quanto o desenho te relaxa. Por favor, não se preocupe, eu volto em breve. Amor sempre —, ela apagou isso—, sinceramente, —ela apagou de novo—, sua amiga, Kira.

Kira deixou o pacote ao pé de sua cama e saiu do quarto, esperando que ela pudesse mantê-los a salvo dos Justiceiros que agora esperavam a uma curta caminhada pela rua.

DOIS

Enquanto se dirigia para a praça da cidade, uma estranha sensação de déjà vu superou Kira. Avistar um mar de cabeças loiras em torno da plataforma de madeira arcaica que servia de centro de reuniões do Conselho era um lembrete da primeira visita que fizera a Sonnyville. Mais ainda, era um lembrete de quanto poderia mudar em tão pouco tempo... e quanto poderia continuar o mesmo. Considerando que antes de Kira ser uma pária pela cor de seu cabelo e a fonte de seus poderes, ela agora era um pária por sua lealdade e sua suposta suavidade por vampiros.

Quando ela alcançou o topo da longa colina, cada cabeça na multidão se virou para ela. Semanas antes, seus olhares estavam cheios de interesse, admiração e uma leve sensação de medo. Agora, alguns dos canais acrescentaram desgosto a essa lista.

Mas Kira tinha passado por muita coisa para realmente se importar com o que as pessoas pensavam sobre ela, então ela apenas passava pelas pessoas, não fazendo contato visual com ninguém, até que ela alcançou os degraus de madeira da plataforma elevada e viu Luke esperando por ela. Grata por seu sorriso caloroso, Kira pegou a mão que ele ofereceu e subiu as escadas prontas para o que quer que fosse que a encarasse.

Sentados em seus tronos de madeira estavam os sete membros do Conselho Protetor. Kira olhou cautelosamente para seu avô, que estava sentado no centro do grupo. Como Luke, ele



ofereceu uma saudação calorosa. As rugas ao redor de seus olhos se enrugaram em um sorriso sutil destinado apenas aos olhos de Kira.

Os outros seis vereadores eram estóicos em seus ternos formais, olhando para além de Kira, de volta ao topo da colina onde seus convidados chegariam em breve.

—Eles mencionaram alguma coisa?— Kira sussurrou para Luke, que ainda não havia soltado a mão dela. Mas ela não se importou.

—Não—, ele respondeu em voz baixa. —Você não consegue sentir o quão ansioso todo mundo está? Eu acho que eles estão nervosos demais para quebrar o silêncio. —

—Eu sei que esta reunião é um grande negócio, mas eu não entendo o que o Conselho tem tanto medo... — Kira olhou para trás novamente, tomando nota das linhas de tensão nos rostos dos Vereadores. Seus olhos estavam estreitados e suas mãos estavam brancas com a força das alças em suas cadeiras.

—A paz com os Punidores é frágil como é, e eles querem mantê-lo seguro, mas não se nos custar nossa trégua. Precisamos ser capazes de trabalhar juntos.

—Então você está dizendo que eles estão nervosos por mim?— Kira olhou incrédula para Luke. Era difícil acreditar que esta multidão de jurados estava realmente torcendo por ela. Ele apertou a mão dela, mas continuou olhando para o topo da colina, esperando pelos Justiceiros.

—Algumas pessoas podem não concordar com o seu relacionamento com Tristan, mas no final você provou que os Protetores estavam certos - você provou que os vampiros podem ser salvos - e isso é algo para se sustentar.

—Eu acho, mas-

—Shh—, Calada, ela segurou sua mão ainda mais apertado.

Kira seguiu seu olhar para o carro preto parando no topo da colina. Toda a cidade de Sonnyville parecia prender a respiração, parando juntos até que, em uma grande expiração, a porta se abriu e uma cabeça vermelha saiu. Mais seis homens em ternos bem costurados seguiram o primeiro homem mais velho para fora do carro e esperaram, conversando baixinho um com o outro até que um segundo carro parou.

Agora foi a vez de Kira ficar chocada porque reconheceu o rosto seguinte para saudar a multidão - sua mãe adotiva. Puxando nervosamente a parte de baixo de seu vestido, sua tia examinou o vasto gramado, procurando por Kira.

—Mamãe?— Kira disse em voz alta, recuperando-se apenas quando Luke a silenciou novamente. Kira olhou para ele. —Mas-

Luke interrompeu acenando para o carro onde outro Justiceiro estava emergindo. Kira também o reconheceu - o homem da masmorra de Aldrich, aquele que primeiro dissera a Kira que ela estava caindo - caindo no mal.

—O que eles estão fazendo aqui? Eu pensei que era apenas o Conselho! — Kira assobiou no ouvido de Luke. Seu coração começou a bater em um ritmo ainda mais rápido. O Conselho



Punidor era uma coisa. Mas a mãe que ela mentiu e desligou no dia anterior, e o homem que a acusou de se transformar em vampira? Kira não estava preparada para enfrentar o tribunal. — Minha mãe? Quer dizer, isso é baixo...

—Kira, relaxe. — Luke revirou os olhos. —Se qualquer coisa, você deveria estar feliz que sua mãe está aqui. Ela fará o que for preciso para protegê-la.

Kira ergueu as sobrancelhas para ele. —Ei, você não estava no telefone ontem quando ela estava pronta para me punir por toda a eternidade. O inferno não tem fúria e todo esse jazz.

—Suficiente. — O estrondo profundo da voz de seu avô silenciaram Kira e ela voltou silenciosamente para os Punidores, agora uma onda de cabelo vermelho flamejante abrindo caminho através de um mar dourado.

Fique calma, Kira se repreendeu enquanto os nervos tremiam por seus membros. Mais do que tudo, Kira estava ansiosa sobre sua própria resposta. Quando se sentia encurralada, ela tinha a tendência de fingir e essa era a última coisa de que precisava - para lhes dar outra razão para pensar que estava fora de controle.

Assim, quando o Conselho dos Punidores subiu devagar os degraus, abrindo caminho para as sete cadeiras extras montadas opostas aos Protetores, Kira respirou fundo e se forçou a relaxar.

É claro que sua aparência de calma saiu pela janela quando a mãe tocou o topo da plataforma. Elas finalmente fizeram contato visual e Kira sabia o significado daquela singular sobrancelha levantada e cabeça titulada - significava que o



tempo de leitura estava próximo. Não, isso significava: Estou tão feliz por você estar segura, mas agora vou fazer com que você deseje ter morrido fazendo qualquer coisa estúpida que estivesse fazendo.

Kira tentou um sorriso fraco na direção de sua mãe.

O brilho só se aprofundou.

Fantástico, ela pensou e segurou a mão de Luke com força suficiente para fazê-lo estremecer, eu sou uma garota morta.

—Bem-vindos—, seu avô falou, dirigindo a saudação para os Punidores, mas projetando sua voz o suficiente para incluir toda a multidão abaixo. —Hoje marca uma ocasião importante em nossas duas histórias. Não só os Conselhos se reúnem na íntegra para discutir o futuro de nossas grandes espécies, mas temos em nosso meio uma menina que mudou para sempre o que significa ser um condutor. Minha neta, Kira, significa o melhor do que todos nós fazemos. Ela castigou muitos males, mas protegeu a coisa que todos desejamos salvar: a humanidade. E é isso que estamos aqui para discutir: uma vida humana recém-ressuscitada, um vampiro que foi bom o suficiente para ser salvo - Sr. Tristan Kent.

Kira soltou um suspiro de alívio com a apresentação de seu avô, notando algumas cabeças na multidão concordando com a cabeça. Mas nem todo mundo estava satisfeito com suas palavras, Kira pensou enquanto olhava ao redor para o franzir dos punidores e protetores.

—Está tudo bem, o vereador Peters, mas temos outras coisas para discutir—, disse o feiticeiro diante do avô. Ele



também se sentou no meio da fileira e Kira percebeu que ele era o líder. Seu cabelo ruivo não era manchado de fios brancos ou cinzentos, mas as rugas ao redor do canto dos olhos e a ligeira inclinação de sua pele davam sua idade. Suas feições eram duras - maçãs do rosto afiadas, nariz anguloso, uma ponta de lábios rosados - e ele moveu a navalha como olhos na direção de Kira. Ela já podia ver a diferença nas duas culturas.

Os protetores eram fortes, mas havia espaço para leveza e amor. Os punidores eram apenas duros. Como sua mãe havia dito meses antes, quando Kira aprendeu sobre seus poderes, eles honraram a impiedade com os vampiros e eliminaram os fracos - uma razão importante pela qual sua mãe deixou a cultura muito antes.

—Se este vampiro vive ou morre é de pouca importância para nós. O que viemos aqui discutir é o destino dessa raça mestiça - a vida dela é um perigo que você nunca chegou a entender. Quando a encontramos quando criança, o acordo foi feito para deixá-la viver enquanto seus poderes nunca se concretizassem. Mas quando eles se manifestaram apenas alguns meses atrás, nós nunca fomos informados, e sua alma já se contorceu como nós temíamos.

—Whoa,— Kira interveio, evitando o aperto de Luke e entrando no meio do círculo. Tanto para a indiferença equilibrada. —Eu posso ser um canal mestiço, mas isso não significa que eu seja surda e não possa ouvir exatamente o que você está dizendo sobre mim. Minha alma não está —torcida—, disse Kira, incapaz de resistir ao impulso de usar aspas no ar em



torno da palavra. —É perfeitamente reta, como um pedaço de pau reto. Você poderia medir outras almas contra isso. —

Mesmo que ela não pudesse ver, Kira sentiu Luke revirar os olhos atrás dela e uma sensação de diversão se concentrou em sua mente através da conexão deles.

—Senhorita Dawson, com todo o respeito, você é a pessoa menos qualificada para fazer essa avaliação. É por isso que, de acordo com a tradição, trouxemos seu único parente vivo aqui para falar em seu nome. Eu apresento Ellen Dawson, irmã do seu pai Andrew Dawson. — Ele sinalizou sua mãe, que se adiantou com uma reverência para mostrar seu respeito.

—Também trouxemos mais uma conosco, como todos vocês perceberam. Posso apresentar o Sr. Noah Thomas, o Justiceiro, que testemunhou o comportamento questionável desta mestiça e primeiro nos alertou sobre sua possível ameaça. —

O homem, que Kira percebeu já parecia bem recuperado de sua provação no castelo de Aldrich, deu um passo à frente e acenou para a multidão. Por um momento, ele pegou o olhar de Kira e seus olhos tremeram, quase como se doesse estar ali. Mas seu olhar se desviou, abatido nas tábuas de madeira abaixo de seus pés.

Seu avô se inclinou para frente em seu assento, parecendo forte apesar da fragilidade de sua idade. —E o que exatamente você está acusando? Além de salvar Sonnyville de um ataque incapacitante há apenas algumas semanas, —ele olhou para a multidão, obrigando-os a lembrar como Kira havia destruído os vampiros que invadiram a cidade e romperam suas defesas—,



além de liberar condutores da cidade. aprisionamento de um vampiro perturbado —, ele olhou incisivamente para o homem ruivo que ainda estava olhando para o chão, incapaz de encontrar o olhar de aço de seu avô—, além de trazer uma alma humana de volta à vida?

Kira plantou os pés no chão, resistindo à vontade de correr e dar um beijo em sua bochecha. Protetores um, ela pensou, Punidores zero.

—Toda a prova de que precisamos está escrita em seus olhos—, disse o Justiceiro, apontando para Kira como se ela fosse um monstro. Mil olhares pousaram nela e, por mais difícil que fosse, Kira se recusou a recuar. Ela olhou ao redor da multidão e encontrou o olhar de cada pessoa naquela plataforma. Havia uma coisa que ela poderia prometer a eles, ela nunca iria parar de lutar.

—E antes de você intervir, vamos discutir suas outras ações também—, continuou o Justiceiro, cortando seu avô. —Ela não participou de um relacionamento voluntário com um vampiro? Ela não ficou hospedada na propriedade de um vampiro? Ela não ofereceu seu sangue livremente a essas criaturas?

Toda a multidão ofegou ao mesmo tempo.

Ela poderia ter deixado de mencionar aquela pequena parte de compartilhamento de sangue antes. Mas não foi como ele fez soar. Tristan precisava entrar no Baile das Rosas Vermelhas. Kira havia trocado sangue por informações de Pavia. E ela basicamente estava disfarçada no castelo de Aldrich.





Virando-se para Luke, Kira procurou por algumas palavras para se defender sem parecer culpada. Mas assim que ela olhou para o rosto dele, Kira fechou a boca. Através do vínculo, ela sentiu seu medo - uma queimadura profunda cantando seu coração. A maré estava se voltando contra ela, ela podia sentir a mudança enquanto cabeças douradas balançavam de acordo com as palavras do Justiceiro.

—Ela não trouxe um humano de volta à vida?— Seu avô estava de pé, deixando propositadamente sua bengala no chão - apenas a força de sua convicção o mantinha de pé. —Que tipo de vampiro arriscaria a própria vida para fazer isso?—

—E eu vou falar por Tristan, já que minha filha não pode—, sua mãe se adiantou, olhando além dos Punidores para a multidão exigente abaixo. —Ele é uma alma gentil e sensível - permiti que ele namorasse minha filha e brincasse com sua irmã mais nova. Eu permiti-o em minha casa e em nossas vidas. Sua humanidade estava tão intacta que eu nem sequer reconheci que ele era um vampiro. —

Ela virou um olhar ligeiramente mais suave em direção a Kira, que imaginou que sua mãe nunca suspeitou que Tristan fosse um vampiro até que os Punidores vieram bater na porta exigindo uma explicação.

—Minha filha—, ela continuou, a pausa despercebida por qualquer pessoa, exceto Kira, —se apaixonou pelo humano preso dentro do corpo de um vampiro, e tudo o que ela fez foi o que todos nós queríamos fazer - ela matou o vampiro e trouxe o humano de volta à vida. —



Quando a mãe dela deu um passo para o lado, saindo do centro da plataforma de madeira, um impasse começou. Os Protetores de um lado, os Punidores do outro - ambos fortes em suas crenças, mas inseguros de onde levar o argumento a seguir.

Onde quer que Kira olhasse, as cabeças loiras estavam viradas para o lado, inclinando-se uma para a outra. Um zumbido ficou mais alto quando os sussurros se espalharam pelo círculo - uma cacofonia de opiniões. Mas Kira não podia dizer se os murmúrios crescentes eram a favor ou contra ela.

Luke apertou a mão dela, enviando pensamentos quentes em sua cabeça, tentando afogar a preocupação. Kira segurou, abrindo a parede que ela normalmente mantinha selada. Como a água através de uma rachadura, seu otimismo avançou, derrubando suas veias, elevando seus espíritos como chocolate quente em um dia de inverno.

Kira se inclinou em seu corpo e Luke levou o braço ao redor de seu ombro, acolhendo sua cabeça em seu peito. Sem um passo em falso, seus batimentos cardíacos se moldaram em um só. Suas inspirações e expirações se acumularam como uma maré rapidamente agitada enquanto esperavam ansiosamente que alguém falasse.

—Se eu puder—, o Justiceiro da masmorra de Aldrich deu um passo à frente. Noah, Kira pensou, lembrando o nome dele. Ela ficou tensa, desconfortável com o que viria a seguir, e o aperto de Luke em seu braço se apertou. O resto das pessoas da cidade mudou um pouco, movendo-se como se fosse para se concentrar nesse homem enquanto caminhava lentamente para o centro da plataforma.



Um passo.

Dois passos.

Kira mudou seu peso. Algo no fundo de sua mente dizia que suas palavras mudariam tudo - decidiria o destino dela.

Três passos.

Quatro passos.

Ele parou, olhando em direção ao seu avô e depois de volta para o Justiceiro liderando seu Conselho.

—Eu estava com Kira naquela masmorra. Eu estava lá por um longo tempo antes de ela vir, apenas orando por um milagre - apenas orando que alguém viesse me salvar. — Ele concentrou sua atenção em Kira - o verde em seus olhos foi forçado para trás pela onda de chamas laranja-amarelas saindo de suas pupilas.

—No começo, eu admito, eu pensei que ela era uma vampira que veio me torturar. Eu conheci seus olhos tristes com desafio. Mas então, ela acendeu um fogo tão quente que queimou a dor dos meus membros, queimou meus cortes e de alguma forma me curou. E não só eu, mas todos os outros canais presos lá embaixo. Eu acreditava que ela era nossa salvadora e eu lhe devo minha vida. — Ele assentiu, agradecendo silenciosamente a Kira de uma forma que nunca teve antes. Ela aceitou com cautela, apenas esperando pelo enorme 'mas' em sua história.

Ele se afastou dos Protetores, finalmente encontrando os olhares do Conselho ruivo com quem entrara.



—Mas—, ele disse. Aqui vamos nós, pensou Kira - era quase doloroso para ela segurar o olho para trás. O que ia ser? Como ela deu sangue a Pavia? Como ela implorou por memórias de sua mãe?

—Mas há uma coisa que me assusta sobre essa garota, algo que eu não mencionaria se a situação não fosse tão terrível. Ela é boa, completamente boa até o núcleo. Tão boa, na verdade, que destruir as coisas más é justo. Ao contrário de Justiceiros, que matam pelo trabalho, porque é o que nós fomos colocados nesta terra, Kira mata pela vindicação que traz, pela sensação de retidão que se instala dentro de seu coração. E em um canal normal, isso não seria um problema. Mas ela não é normal. Ela é duas metades reunidas, um original. E toda vez que ela deseja a morte, ela cai sem saber, mais perto da escuridão. Todos nós conhecemos as histórias, que foram passadas pelos nossos antepassados, não importa que tipo de condutor você é. Um anjo não pode cair, porque se ela o fizer, ninguém nesta terra seria forte o suficiente para impedi-la.

O silêncio que seguiu seu discurso foi como um punhal mergulhando no peito de Kira, roubando sua respiração e suas palavras. Ele estava certo - ele sabia disso e os outros condutores pareciam conhecê-lo também.

O calor de seus olhares queimava sua pele, queimando com acusações. Ela recuou como se tivesse levado um soco no intestino, sem saber onde procurar ou como escapar do escrutínio. Mas pior, ela não podia fugir da parte dela que não podia deixar de perguntar se talvez ele estivesse certo, se talvez fosse a verdade em suas palavras que realmente doía.



E de repente, aquela pequena partícula de escuridão se enterrou na fenda mais profunda de seu coração, expandindo apenas o suficiente para chamar a atenção de Kira. Dois dias haviam se passado desde o castelo de Aldrich - dois dias de negação. Mas agora, em frente a uma cidade inteira em busca de explicações, Kira não conseguia se esconder.

Um óleo fino escorregou silenciosamente através de suas veias, cobrindo sua luz, lançando sombras sobre seu poder. O fantasma negro agarrando-se a seu coração se expandiu, empurrando suas chamas sempre agitadas para o lado, forçando o caminho. A escuridão estava implorando por libertação, desafiando-a a desistir. Era quase muito tentador - uma cidade inteira de condutores vulneráveis - algo que nenhum vampiro iria desistir, uma oportunidade que a maldade que se apegava a Kira não podia deixar passar.

Subconscientemente, ela lambeu os lábios. Seus olhos começaram a brilhar em um céu azul-celeste, desprovido de qualquer indício de amarelo e ela se inclinou para frente na ponta dos pés, um corpo pronto para atacar.

A parte de Kira ainda juntas, ainda ligada ao sol, lutou de volta. Ela cerrou os punhos, um movimento que apenas Luke podia sentir tão perto quanto eles estavam. Ele olhou para ela, confundindo-a com fúria. Mas Kira sabia melhor, e ela apertou os dedos, usando as unhas para cortar cortes profundos nas palmas das mãos.

Como sempre, a dor a chocou de volta ao controle. Suas chamas romperam o piche pegajoso que endurecia em seus membros, forçando uma retirada. O fogo correu para frente e





suas mãos brilhavam fracamente quando seus poderes assumiram o controle, curando os cortes.

—Kira,— Luke a cutucou. Pela primeira vez, ele não sabia exatamente o que estava acontecendo em sua mente. Ele pensou que a raiva dela estava fazendo ela perder isso.

Ela ignorou Luke e deu um passo à frente, mais perto de Noah. Puxando suas chamas ao redor de seu coração, Kira empurrou a escuridão de volta para se esconder - queimando as bordas e prendendo-a mais uma vez.

—E o que você faria para evitar isso?— Ela perguntou a ele. Parte dela era curiosa, mas parte dela sabia que ficar com raiva era a única maneira de fazer suas chamas queimarem forte o suficiente para manter seu lado condutor no controle.

—Qualquer coisa—, ele respondeu friamente.

—Você vai me matar?— Kira sussurrou. Ele não disse nada, mas nivelou um olhar inflexível sobre ela. —Então é isso então?— Ela balançou a cabeça, olhando de volta para os olhos afiados do líder dos Justiceiros. —Esse é o grande plano? Para me matar? Ele desviou o olhar para o chão, quebrando um pouco sob o escrutínio de Kira. O silêncio falou alto o suficiente.

Os condutores mantiveram seus olhares presos em Kira.

—Você já pensou em tudo de bom que eu poderia fazer?— Ela perguntou, ainda se recusando a dar uma folga a este Justiceiro. Em vez disso, Kira o desafiou, aproximando-se de sua robusta cadeira de madeira. Ele não tinha para onde se mexer, não havia como escapar. Seu fogo se instalou, roncando como um



vulcão pronto para explodir. Ela sentiu as chamas lambendo a parte de baixo de suas palmas, desejando liberar.

A imagem de Tristan apareceu em sua cabeça - seu rosto adormecido e livre das linhas de tensão afiadas normalmente cavando profundamente em sua pele. Ela o salvara - fizera isso com seus poderes de condutora, com seu fogo. E se houvesse outros como ele lá fora? Mais vampiros que queriam se libertar da maldição? Todas essas pessoas simplesmente virariam as costas por medo - o desconhecido era realmente tão assustador?

Tudo o que Kira sabia era o desconhecido, sua vida era um território inexplorado. E sim, era assustador, mas também era estimulante escrever seu próprio destino.

—Eu salvei um vampiro - eu posso salvar mais. Quem sabe o que podemos fazer? Talvez eu possa te ensinar como curá-los, como trazer a humanidade de volta para um vampiro que deseja ser salvo. Nós podemos fazer uma diferença real. Podemos sempre alterar as escalas e recuperar o controle dos vampiros que nos superam em número. Tudo que você precisa fazer é me dar uma chance para provar a mim mesma, apenas uma chance.

—Bem dito,— o avô de Kira interveio, usando seu profundo estrondo para chamar a atenção da multidão e cortar Kira enquanto ela ainda estava à frente. E Kira sentiu isso - a nota ligeiramente favorável tocando levemente pelo ar - os Protetores ainda estavam do lado dela... por agora. E a ideia de que ela não estava sozinha finalmente acalmou Kira, deixando seu sangue esfriar e suas chamas recuarem.



—Todos nós fomos presenteados com muitas perguntas e poucas respostas—, continuou o avô. —Eu gostaria de uma noite para discutir os eventos de hoje com meus colegas do Conselho - uma chance de reagrupar e descobrir como podemos nos encontrar. no meio para tomar uma decisão unida. —

Ele desceu do seu trono, estendendo a mão para a cana de madeira camuflada contra a perna da cadeira. Sem olhar para trás, ele se arrastou até a beira da plataforma e parou logo antes do primeiro passo. Colocando a mão para fora, a palma da mão voltada para o sol e a maioria dos habitantes da cidade, ele disse: —Que o sol brilhe sobre você por todos os seus dias.

—Que te proteja até o fim—, todos - Protetores e Punidores, vereadores e leigos, e até mesmo Kira - responderam.

Com as tradicionais palavras de fechamento faladas, o clima ao redor da praça relaxou visivelmente. Vereadores saíram de suas cadeiras para as famílias que aguardavam lá embaixo. As crianças começaram a correr. Amigos começaram a fofocar. O gramado começou a clarear quando as pessoas voltaram para casa. E Kira sentiu que poderia finalmente respirar de novo, como se o ar fosse de algum modo mais fresco. Pode ter sido uma vitória instável, mas hey, mendigos não poderiam escolher

.

Então, seguindo Luke, Kira saiu da plataforma e respirou fundo, sem saber para onde ir.

Havia sempre a casa de Luke, mas sua irmã estava observando Kira como um falcão. Ou o hospital, se Tristan estivesse acordado o suficiente para tentar encarar sua nova



realidade novamente. Mas não, Kira percebeu o que precisava fazer. Sua mãe estava esperando em algum lugar no meio da multidão, armada com um abraço caloroso ou uma palestra dura. Kira estava pronta para os dois.

—Você viu minha mãe?— Ela perguntou a Luke, confusa sobre como qualquer mulher ruiva seria tão difícil de encontrar nessa multidão.

—Sua mãe está bem aqui. —

Kira pulou. Ela reconheceu o gelo naquela voz.

—Ei, mãe—, ela disse casualmente, virando-se com um sorriso fraco.

A sobrelha se levantou e o espírito de Kira caiu. Então ia ser uma palestra. Qual era o ponto de escapar por pouco da morte, Kira pensou, se você ainda fosse gritado pela sua mãe?

—Estamos indo embora—, ela agarrou a mão de Kira, — bom te ver, Luke.

—Você também Sra. Dawson—, disse ele, olhando para Kira como um cervo preso nos faróis. —Hum, essa é minha irmã ali?— Ele acenou para ninguém e saiu rapidamente.

Covarde, Kira pensou com uma careta.

—Vamos. — Sua mãe puxou a mão dela.

—Mas vovô, ele disse para ir até a casa, para se reunir, para conversar sobre estratégia...



A sobancelha subiu mais alto.

—Seu avô pode esperar—, sua mãe disse.

Kira respirou fundo, tentando pensar em uma resposta, mas o ar se derramou completamente esvaziando seu corpo.

—Sim mãe. —

TRÊS

—Entre no carro. — Sua mãe abriu a porta do lado do passageiro do carro preto da cidade em que ela havia chegado - seus olhos desafiavam Kira se recusar, dar-lhe algo para realmente gritar.

Kira escorregou em silêncio sob o braço, tentando manter a luta afastada pelo maior tempo possível.

Sua mãe bateu a porta e caminhou rapidamente para o banco do motorista. Quando bateu, o coração de Kira saltou. O único ruído que enchia o carro era o motor acelerando para a vida. Suas palmas começaram a suar e ela esfregou-as contra as pernas.

Do espelho retrovisor aos nós dos dedos brancos de sua mãe até seus próprios polegares, Kira não sabia onde procurar. Seu olhar mudou, movendo-se mais freneticamente quanto mais tempo sua mãe permanecia quieta. Foi a calma antes da tempestade - o momento em que você sabia que o desastre estava chegando e não havia nada que você pudesse fazer para impedi-lo, nenhum pedido de última hora.

Estavam na estrada principal, dirigindo sem rumo pelas ruas de Sonnyville, movendo-se lentamente sem senso de direção. Kira percebeu que sua mãe não sabia para onde ir. Seus olhos mal se concentravam na estrada e Kira podia ver as rodas em sua cabeça girando rapidamente. Ela estava pensando em



sua palestra sobre por onde começar. E o fato de que estava demorando tanto tinha Kira no limite - significava que ela estava prestes a gritar com Kira... muito.

Os lábios de sua mãe eram brancos, selados juntos em uma linha apertada. Mesmo sabendo que abriria uma comporta, Kira não aguentaria mais ficar calada. A antecipação estava a deixando louca. Ela se inclinou para a mãe, mantendo o rosto aberto e inocente - tentando parecer a criança de olhos arregalados que sua mãe amava e não a adolescente de má reputação que se tornara.

—Mamãe?— Ela sussurrou.

As mãos de sua mãe se moveram no volante, rangendo contra o couro.

—Eu sei que você está louca

—Louca!— Sua mãe se virou, tirando os olhos completamente da estrada. —Estou furiosa! Como você pode?—

Dang, Kira pensou, por que você teve que fazer uma pergunta tão aberta? Ela estava brava com Kira indo para a Inglaterra, Tristan sendo um vampiro, os Justiceiros a trazendo para Sonnyville... a lista poderia continuar e continuar. Talvez se ela ficasse em silêncio, sua mãe continuaria reclamando...

—Bem, Kira? O que você tem para dizer para você mesma?—

Kira olhou em volta, esperando desesperadamente que algo pela janela lhe desse inspiração. Com uma perda total de



palavras, ela foi para o clássico substituto. —Eu te amo—, Kira disse lentamente, oferecendo seu sorriso super —Me desculpe. —

—Oh, não me dê isso - esse rosto parou de funcionar quando você atingiu a puberdade. Quero dizer, como você conseguiu um passaporte?

Ah, na Inglaterra, Kira pensou.

—Mãe, eu nunca quis mentir - era só que eu precisava ir ver se minha mãe biológica estava viva, para ver se eu poderia salvá-la. — Ela não estava ouvindo, Kira percebeu enquanto sua mãe continuava murmurando.

—E Tristan é um vampiro? Como você não pôde me dizer?

—Bem, quero dizer, eu pensei que você descobriria. Você é uma Justiceira... —

—E você matou pessoas?

—Apenas vampiros—

—E você deixa eles beberem de você?

—Não de mim, caramba, havia outros fatores

—E você esteve mentindo para seu pai e eu por meses, nem mesmo tentando nos incluir.

—Em quê? Na minha vida como um canal? Você não queria exatamente ser incluída, mãe. Você poderia ter me perguntado



sobre isso. Você poderia ter checado de vez em quando - por que tudo isso está em mim?

Kira se mexeu na cadeira, olhando diretamente para a mãe, tentando reunir alguma força. Isso não foi tudo culpa dela.

—Você não me contou sobre seus poderes, sobre o quão forte você é.

—Tudo o que você teve que fazer foi participar de uma sessão de treinamento com Luke - apenas um e você saberia sobre minhas habilidades. Foi você quem me pediu para não contar ao papai, deixar ele e Chloe fora disso. Você me empurrou. Você me tirou da família. —

Sua mãe se recusou a olhar para Kira, mas olhou para frente. Elas estavam no caminho principal, saindo da cidade. Em cinco minutos elas estariam no portão. Kira reconheceu essa rua cheia de árvores - ela havia corrido por essa estrada algumas vezes antes.

—Eu não te afastei. Eu queria que você tivesse uma vida normal. — A voz de sua mãe se suavizou ligeiramente.

Sob qualquer outra circunstância, Kira ficaria impressionada com suas habilidades. De alguma forma, ela virou essa briga e escapou de uma surra. Mas a vitória foi a última coisa em sua mente. As duas dançaram em torno dessa luta por um longo tempo. Kira guardava esses sentimentos por muito tempo - ela havia aberto uma comporta, mas estava dentro de seu próprio coração e não de sua mãe.



—Bem, eu não sou normal, mãe, e você também não é. Eu sou forte e poderosa, e faz parte de mim agora. E você tem que aceitar isso.

—Eu não vou aceitar—, sua mãe empurrou o pé do acelerador um pouco mais, —Eu não vou aceitar você estar em perigo o tempo todo e as pessoas discutindo sobre o destino de sua vida. Eu não vou aceitar meu próprio povo implorando por sua cabeça. —

—Por favor, seu próprio povo? Você nem sabe o que é um canal. Você não entende.

—Eu entendo que lutar pela sua vida a cada segundo de cada dia não é maneira de viver. Eu entendo esperando em casa para sua família voltar de uma missão, nunca sabendo se eles aparecerão vivos. Eu entendo perder pessoas. E eu não vou deixar isso acontecer com você. —

Uma lágrima rolou pela sua bochecha e Kira percebeu que sua mãe não estava piscando. Seus olhos estavam arregalados, olhando diretamente para frente, para algo que Kira não podia ver. Seu corpo inteiro estava rígido, imóvel.

Mais adiante na estrada, Kira viu o portão - uma sombra negra do outro lado da estrada ficando maior a cada segundo. Estava se abrindo devagar, antecipando a aproximação deles.

—Mãe, diminua a velocidade. Onde estamos indo?

Sua mãe não se mexeu.



—Você não pode mais fazer isso, Kira. Todas as mentiras e todos os combates, eu não vou permitir isso. — Seus dedos tremiam no volante.

—Ok, mamãe—, Kira disse suavemente, colocando a mão em seu antebraço. Ela nunca tinha visto a mãe tão fora de controle.

—Eu não vou te perder assim, Kira. Eles são loucos. —

—Eu sei, mamãe, vampiros estão fora de controle—

—Não—, sua mãe balançou a cabeça, mantendo os olhos arregalados. Suas pupilas estavam tão dilatadas com adrenalina que seus olhos pareciam quase pretos, exceto por uma estreita faixa de verde-amarelo. —Não os vampiros, Kira, eles. Os condutores. Eu estou te levando para longe dessas pessoas. De suas regras e tradições. Estou te salvando.

Seus olhos começaram a se encher, enchendo-se de água enquanto mais lágrimas caíam despercebidas.

—Mãe, eles não vão me machucar.

—Eles já têm, Kira, você não vê? Eles me empurraram porque eu não era forte o suficiente. Eles são a razão do meu irmão estar morto, porque ele não estava de acordo com as regras deles. E agora você. Eles deixam você viver só para mudar de ideia anos depois? Eles têm medo de você, de algo novo e diferente. E eu não vou deixar eles te terem. Ela balançou a cabeça para trás e para frente.



—Mãe—, Kira agarrou o volante sobre a mão da mãe, segurando os dedos frios e tentando manter o carro firme. —Mãe, estou segura. Eu estou bem aqui com você. Nada vai acontecer comigo. —

O sangue começou a fluir de volta para os dedos da mãe.

—Mãe, pare o carro. —

Ela aliviou o pé do pedal. Kira mudou seu peso sobre a alavanca de câmbio, envolvendo os braços ao redor do tronco trêmulo da mãe.

—Shh, tudo bem—, ela acalmou.

O carro diminuiu a velocidade e pararam quase imperceptivelmente através do portão. Mas Kira sentiu o sol encher suas veias enquanto passavam através da barreira UV invisível que atravessava a entrada, bloqueando os vampiros. As duas estavam fora de Sonnyville, finalmente escaparam das terras dos condutores e foi o suficiente para a mãe romper. Soluços cheios encheu o carro e as mãos agarraram Kira, apertando-a com força e puxando-a para o corpo de sua mãe.

—Oh Kira, eu estava com tanto medo—, ela chorou.

—Estou viva, mãe. Eu não vou a lugar nenhum —, disse ela e passou as mãos pelo cabelo da mãe, da mesma forma que a mãe costumava fazer por ela quando estava com medo ou chateada.

—Toda vez que olho para você, vejo seu pai. Na maneira como você ri, no seu sorriso aberto e amoroso, no brilho que brilha dos seus olhos. Você me lembra muito dele —, ela disse



baixinho, falando alto o suficiente para Kira ouvir. —Eu não posso te perder também.

—Mãe—, disse Kira, inclinando-se para trás para encontrar seu olhar, —Eu te amo e não vou deixar ninguém me machucar, condutor ou vampiro, eu prometo.

Ela assentiu.

—Vamos voltar para a casa do meu avô. Podemos tomar uma xícara de chá, conversar sobre tudo. Eu responderei qualquer pergunta que você tiver sobre o que eu tenho feito. —

—Isso seria bom. — Sua mãe assentiu novamente e Kira voltou a sentar no banco do passageiro, ainda segurando a mão quente da mãe. Ela colocou o carro de volta no carro, pressionando lentamente o acelerador para virar o carro.

—Eu te amo—, disse Kira.

—Eu amo-

Metal rangeu, gritando em protesto quando a porta foi arrancada do carro em movimento. Mãos brancas agarraram o ombro de sua mãe, arrancando-a de seu assento antes que ela tivesse tempo de gritar. Kira agarrou a mão dela, segurando em seus dedos pelo tempo que pôde antes que eles fossem puxados com força e escapassem do aperto de Kira.

—Mamãe!— Kira gritou.

Alcançando o cinto de segurança, Kira desafivelou e forçou a porta a se abrir. Sem pensar, ela saiu do carro, rolou no chão e raspou contra asfalto áspero. Atrás dela, o carro guinchou,



descontroladamente, e bateu em uma árvore. Mas os olhos de Kira estavam na floresta.

—Mamãe!— Ela gritou, escutando qualquer grito para dizer-lhe onde correr. Trazendo uma chama na palma da mão, Kira enviou seu poder para a floresta, na esperança de ouvir um grito de vampiro.

Silêncio.

A porta do carro ainda estava no chão, deixada como um brinquedo mutilado. Kira correu para o local, procurando por qualquer sinal de vida. Sob os fios rasgados e o metal rasgado havia uma mancha de sangue - fresca, vermelha e definitivamente humana.

À sua esquerda, Kira viu outra sombra escura na grama, um pouco além da beira da estrada. Mais sangue.

—Mamãe!—

Ainda não há som da vida.

Kira passou pelos galhos, saindo da estrada e entrando nas árvores, tentando identificar outra sugestão. Cada folha era verde, cada ramo marrom - o único vermelho que ela via eram as bagas em alguns arbustos baixos. Girando em círculos, Kira inspecionou todas as superfícies que encontrou, quase desejando um cheiro parecido com um vampiro.

—Kira!—



O grito rasgou a floresta, soando no ouvido de Kira como uma sirene alta. Em um instante, ela estava correndo em direção ao som.

—Kira!—

O grito foi um pouco mais silencioso desta vez, como se um pouco do espírito de sua mãe tivesse sido tirado, um pouco de luta tinha sido perdida.

Mas era o suficiente para Kira seguir, e ela continuou correndo, batendo os pés na lama macia, empurrando os galhos para o lado, deixando folhas afiadas arranharem suas bochechas. Até que finalmente, Kira viu um pequeno lampejo de vida através da escuridão, uma pequena faísca brilhando através das folhas.

Chamas de sua mãe.

Eles eram pequenos - um fogo que quase não rugia, o suficiente para aquecer, mas não para queimar. Mesmo de longe, Kira viu o rosto zombeteiro do vampiro em frente à mãe. Essas chamas não seriam suficientes - elas já não eram suficientes. Um fio de sangue escorreu pelo pescoço de sua mãe, fluindo lentamente, mas rápido o suficiente para drenar a vida e a força de seu corpo.

—Espere aí, mamãe!—

Kira jogou fogo para fora, atirando o máximo que pôde, mal lambendo o rosto do vampiro. Mas o fogo de Kira não era como o da mãe dela, e o menor toque foi o suficiente para deixar o vampiro de joelhos. Quanto mais perto ela corria, mais



queimava, até que finalmente Kira o sentiu explodir, transformando-se em cinzas sob a torrente de sua força.

Sem parar, Kira caiu de joelhos ao lado de sua mãe.

—Você está bem?— Ela perguntou, embalando a cabeça da mãe no colo e atirando seus poderes nos dois pequenos buracos perfurando seu pescoço.

—Kira—

Mãos agarraram a garganta de Kira, puxando com força sua espinha e jogando seu corpo frágil contra a base de uma árvore. Ouvindo uma crise, Kira gritou de dor. Seu corpo ficou flácido. Seus dedos pareciam preguiçosos, imóveis, e suas pernas pareciam de pedra, inflexíveis e pesadas demais para se moverem. Ela se sentiu como uma boneca jogada descuidadamente no chão, contorcida em ângulos desumanos.

Os olhos de sua mãe se arregalaram e um grito se curvou em seus lábios. Mas antes que um som pudesse escapar, outro vampiro saltou, mordendo sua garganta e engolindo o grito junto com seu sangue.

Kira tentou lançar suas chamas, mas seu corpo precisava ser curado e ela virou o fogo para dentro, procurando ao longo de sua espinha pela fratura que abateu seu movimento.

Sentindo seu foco mudado, o vampiro olhou para cima. Seus olhos azuis perfuraram Kira, queimando-a com o congelamento.

—Um bilhete de Aldrich—, disse ele, com a voz baixa e os dentes manchados de sangue. —Eu tirei uma mãe de você e



posso facilmente pegar a segunda, junto com qualquer outra pessoa que você ame. Esteja avisada.

Ele sorriu e afundou de volta, alcançando o sangue novamente. Mas Kira encontrou o local - o osso quebrado, os nervos cortados - e enviou seus poderes para lá. Sensação lentamente se estendeu de volta ao seu corpo, seus nervos voltaram à vida novamente enviando arrepios em seus membros.

Sua mãe estava ficando mais pálida. Seus olhos se fecharam e sua cabeça começou a escorregar mais no chão, ficando pesada.

Ela não conseguiria, Kira pensou. Seus dedos tremeram, ganhando força mais uma vez, mas seu braço ainda estava pesado demais para levantar, fraco demais para permitir que ela mirasse suas chamas.

—Mamãe!— Kira gritou, sabendo que era inútil, mas precisando fazer alguma coisa. Suas memórias voltaram para a mesma imagem - uma mulher loira ainda no chão enquanto vampiros enxameavam sobre ela. De repente, Kira era o bebê escondido debaixo de um arbusto, assistindo impotente enquanto seus pais eram roubados dela.

Mas agora ela podia lutar e Kira se recusava a perder outra mãe da mesma maneira. Ela não iria.

O corpo de sua mãe ficou flácido, mas antes que Kira pudesse responder, um borrão branco atravessou as árvores, batendo no vampiro alimentador. Ele voou de volta, rolando na terra, e sem um momento de hesitação, o borrão branco alcançou o peito do vampiro e arrancou o coração de seu corpo.



Agora ainda, Kira reconheceu seu salvador. O cabelo do vampiro descia pelas costas em longas ondas de ébano, sua pele tinha um brilho de oliva, e seus olhos eram apenas inclinados o suficiente para serem interessantes. Mais que tudo, seu quadril estava armado, emitindo um ar de desafio que Kira lembrava muito bem.

—Pavia!— Sua voz soou de alívio e excitação, algo que nenhum outro vampiro além de Tristan conseguira extrair de Kira.

—Desculpe a festa, mas achei que você poderia usar uma mão. — Ela encolheu os ombros e chutou o vampiro morto amassado no chão. —Os amigos de Aldrich—, disse Pavia com uma nota de desgosto. Ela cuspiu no corpo por seus pés.

Kira sentou-se lentamente, esticando os membros fortalecedores. —Obrigada.

—Pelo menos eu poderia fazer—, Pavia aproximou-se da mãe, inspecionando a ferida, —eu tecnicamente matei sua outra mãe, achei que poderia pelo menos salvar essa. Fale sobre o tempo embora. Eu posso sentir que a vida dela está quase acabando, o sangue dela é —, ela cheirou o ar, ajoelhando-se um pouco—, bem, você não entende, mas seu sangue só cheira a morte.

—Você pode me trazer mais perto?— Kira perguntou. Ela tentou se levantar, mas caiu de novo sobre as pernas de borracha. Pavia agarrou-a por baixo dos braços, arrastando-a alguns metros pelo chão para que Kira pudesse pousar a mão no peito da mãe. Suas chamas fluíram para fora, afundando





profundamente no peito de sua mãe e se expandindo sem esforço através do corpo da condutora que recebia seu poder.

Uma condutora. Kira nunca tinha realmente pensado em sua mãe desse jeito, mas ela sentiu o sol cintilando no fundo do coração de sua mãe.

—Então, o que há de errado com você?— Pavia cutucou o pé, apontando a força esgotada de Kira.

—O vampiro quebrou minhas costas—, disse Kira, enviando um arrepio na espinha que acabara de curar. Soou pior quando ela disse em voz alta. Pavia estremeceu.

—Eu estive lá, definitivamente não é agradável. —

—Eu vou ficar bem em alguns minutos—, disse Kira, tomando nota da cor de sua mãe. Sua pele escureceu até seu bronze natural. Seu batimento cardíaco se fortaleceu.

—Bom, porque tem mais a caminho. Talvez cinco?

Sua mãe piscou.

—Kira?— Ela disse, tonta e confusa.

—Tudo bem, mãe, você está segura. — Kira pôs a mão no rosto, aliviada com o calor que encontrou lá.

Kira ficou de pé, finalmente sentindo-se forte o suficiente e puxou a mãe para os pés também.

—Mãe, eu sei que você não entende, mas essa é Pavia e ela não vai te machucar, ok?— Sua mãe assentiu, ainda muito fora de



si para realmente compreender as palavras de Kira. —Pavia,— Kira disse, chamando sua atenção, —Eu preciso que você leve minha mãe de volta ao portão. Você não será capaz de cruzar, mas coloque-a o mais perto possível da barreira UV. Eu cuidarei desses vampiros e te encontrarei em breve.

Pavia assentiu e pegou a mãe nos braços. —Temos que conversar mais tarde—, ela disse, —só você e eu. Eu tenho uma promessa a cumprir. —

—Apenas mantenha-a segura—, disse Kira, mostrando sua concordância. A promessa era mostrar a Kira mais das lembranças de sua mãe biológica - Kira não se esquecera disso e estava aliviada por Pavia também não ter se esquecido disso.

—Eles estão quase aqui—, disse Pavia e depois saiu, desaparecendo entre as árvores, deixando Kira para enfrentar os vampiros sozinha. E ela estava pronta para isso. Sentir-se desamparada não era seu estilo, e já suas chamas dançavam por seus pulsos, cintilando sobre a grama e faiscando de excitação.

Quando o primeiro vampiro invadiu a clareira, ele queimou em segundos. Seu fogo estava vomitando lava - ninguém podia escapar disso.

O segundo caiu como o primeiro, sem qualquer hesitação, sem qualquer uso real de força por parte de Kira. Eles caíram fácil, como esmagar um inseto no chão. Ela quase queria mais uma briga - era fácil demais para ser satisfatório, fácil demais para ser gratificante. Como suas chamas ficaram mais fortes, o mesmo aconteceu com sua convicção e Kira queria que doesse.



Depois de ver a mãe chegar tão perto da morte, alguém teve que pagar.

Um terceiro vampiro veio do lado esquerdo e um quarto da direita, tentando encurralar Kira, dividindo sua atenção. Ela esticou os braços para o lado, arremessando seu poder em ambas as direções, prendendo cada vampiro dentro de chamas rodopiantes.

Seu fogo lambeu sua pele, provocando-os com o calor, queimando sua carne e depois recuando novamente. Um gritou, rosnando um som profundo misturado com medo e raiva. Era um animal enjaulado e Kira apertou os dedos, deixando o fogo se aproximar e lentamente sufocá-lo. O vampiro caiu, explodindo em poeira, implodindo de dentro para fora.

À sua esquerda, o outro vampiro começou a entrar em pânico. Empurrou contra as chamas, tentando avançar, mas recuando quando feridas inchadas brotaram ao longo de seus braços.

Kira esmagou-o facilmente, ainda pronta para mais luta.

Então, finalmente, o quinto e último vampiro entrou na clareira. Seus movimentos eram lentos, como se ele não tivesse medo. Ele confrontou Kira abertamente, não tentando ganhar o elemento de surpresa.

Quase curiosa, Kira apagou o fogo. Imediatamente sentiu algo diferente de seu corpo, e seu poder foi recebido com resistência, quase como uma concha invisível envolvendo seu torso.



Sangue de condutor, Kira pensou a princípio, mas essa casca era diferente. Não era uma bolha ao redor dele que poderia ser estourada - era nele, parte dele. Mas o cabelo dele era de um marrom avermelhado, os olhos do frio e gelado azul de um vampiro. De repente, Kira percebeu que ela tinha visto aquele cabelo antes, em sua irmã mais nova. Ele deve ser um meio-condutor, uma mistura de humano e talvez de Justiceiro, um que se tornou ruim.

Kira trocou suas forças, testando suas chamas de Protetor, que afundaram em sua pele, queimando sua carne marmoreada em um vermelho brilhante.

Ele continuava chegando mais perto, diminuindo por seus poderes, mas não parado por eles. Kira empurrou ainda mais, deixando uma lasca de seus poderes matadores de Punidora vazarem. Fervendo com o calor, eles afundaram, rastejando para mais perto de seu coração, forçando seu caminho através de cada centímetro de sua pele.

Mas ele continuou se aproximando, aproximando-se cada vez mais do corpo de Kira, cada vez mais perto de um lugar onde ele poderia atacar.

Sua pele começou a escurecer e descamar onde as chamas do Justiceiro tomaram conta. Suas feições endureceram em uma careta quando a dor da morte tomou seu pedágio e Kira sorriu, pressionando sua vantagem. Finalmente, ela sentiu como se alguém estivesse pagando pelo que aconteceu com suas duas mães. Sua mágoa era sua força. Seu medo era sua droga. E quando ele se aproximou, as emoções alimentaram Kira, cada estremecimento a fez se sentir fortalecida.





Então, sem que ela percebesse, a escuridão se esgueirou para fora do coração de Kira, fluindo em suas chamas ao invés de pressioná-las, e seu fogo escureceu. As chamas laranja, amarelas e vermelhas brilhantes ficaram manchadas. Um rio de preto voou com eles, cercando o vampiro em uma mistura de fogo e sombra. A lava quente fluindo através de suas veias tornou-se escorregadia e oleosa, um alcatrão abrasador que borbulhava com um calor que não vinha da leveza, mas da raiva - um mar de fúria fria que, de alguma forma, parecia quente o suficiente para queimar.

Suas chamas tremeram.

A escuridão pressionou para dentro, sufocando-a.

O fogo de Kira se apagou, desaparecendo rapidamente, e antes que ela soubesse o suficiente para lutar, algo mais havia assumido. Algo que acolheu as sombras, o mal. Algo que a empurrou para a borda, a fez cair, em espiral para baixo, para baixo, para baixo.

O canal foi embora.

O vampiro se escondendo debaixo de sua pele assumiu.

Os olhos de Kira se ergueram, trancando o homem moribundo diante dela. Seu medo se dissipou em ondas e ele recuou. Kira deu um passo à frente, aproximando-se de sua presa.

E antes que ela percebesse o que estava fazendo, Kira atacou, afundando os dentes em sua carne queimada.



QUATRO

Seu sangue estava escuro, não cheio de luz suficiente para satisfazer, e Kira deixou cair seu corpo sem vida no chão. Contra a terra áspera, sua estrutura finalmente entrou em combustão, mas Kira não estava prestando atenção. Seu nariz estava cheio do cheiro do sol - um mel dourado doce o suficiente para fazê-la suspirar.

Ela queria provar isso.

Então ela correu, iluminou seus pés e quase voou pela floresta, seguindo o rastro açucarado do conduto de sangue, as pequenas gotículas que cantavam em seus sentidos.

Quando ela atravessou as árvores, Kira viu - um corpo descansando no chão, brilhando com o sol. Um halo de faíscas de ouro cercou a figura e Kira cheirou, bêbada no elixir que corria através dessas veias.

Sem pensar, ela correu e mergulhou para a mulher.

E então ela queimou, gritando de dor quando o sol atacou seu corpo, queimando o vampiro, fervendo o óleo de ébano em suas veias até que evaporou em farrapos de sombra que vazaram de seus poros. Todos os seus nervos estavam em chamas. Alfinetadas que pareciam facas esfaqueavam seus membros.

Kira se enrolou de costas, contorcendo-se em agonia. O cheiro de mel ainda assombrava seu nariz, mas em vez de uma



doçura açucarada, era um ferro escaldante, derretendo suas entranhas enquanto a fumaça viajava para baixo.

Mas, mais abaixo, o canal que rezava pela fuga acolheu a dor, implorou a ela que viesse em ondas mais rápidas. Suas chamas estavam presas - girando em um abismo afundando, esperando que o sol viesse libertá-las.

E quando uma explosão de luz finalmente rompeu a escuridão, Kira entrou em erupção.

A força de seu poder de condutora retornou levantando Kira do chão, jogando-a mais longe no calor da parede UV que cercava Sonnyville. Suas mãos se levantaram em direção ao sol, atirando longas ondas de chamas no céu. Uma corrente de luz atravessou seu corpo, enviando fogo através de cada nervo e iluminando Kira de dentro para fora. Contra o ataque, as sombras recuaram. O vampiro deixou o corpo de Kira em ondas de fumaça.

Um minuto depois, Kira estava no chão, completamente quieta, aquecendo-se no calor do sol e se atrapalhando com sua consciência em retorno.

Ela se sentou, esfregando a cabeça dolorida.

—O que...?— Kira olhou em volta. Como ela saiu da floresta? Havia outro vampiro depois dela?

Olhando em volta, Kira viu o corpo no chão.

—Mamãe!

Ela se arrastou. Sua mãe estava respirando profundamente, mas parecia ilesa. Kira lembrou-se de curá-la, lembrou-se de



mandá-la de volta com Pavia, lembrou-se de lutar contra alguns vampiros.

Sua mãe piscou e se sentou em seus cotovelos, despertando de um torpor.

—Kira? O que aconteceu?

—Nada, mamãe—, Kira segurou a mão dela, —Havia alguns vampiros, mas nos afastamos. Estamos a salvo. Eu volto já.

Ela tentou se levantar, deu alguns passos lentos e atravessou a barreira novamente.

—Pavia?— Kira perguntou. Girando ao redor, ela examinou a floresta. Seu nariz pegou uma mecha de açúcar que passava pela brisa. O que é que foi isso?

Ela seguiu o cheiro quando a puxou para dentro. A porta mutilada ainda estava no chão - atraída por ela, Kira parou a poucos centímetros do metal rasgado. Por que cheirava doce?

E então ela viu a poça de sangue através das rachaduras no pára-brisa. Tropeçando para trás, Kira caiu no chão, aterrissando dolorosamente em seu traseiro enquanto as memórias voltavam.

Ela mordeu alguém.

Ela mordeu um vampiro.

Pouco.

Provei sangue.



Kira começou a hiperventilar. Seu corpo inteiro começou a tremer, um tremor lento que cresceu a um pulso frenético.

Ela tentou morder sua mãe.

Ela queria sangue de condutor.

O sangue ainda provocava seus sentidos.

Virando-se, Kira olhou com os olhos arregalados para o portão. A barreira, tinha que ter sido o que a salvou. A luz ultravioleta havia queimado a escuridão de sua pele - ela se lembrava vividamente da dor.

Mas parte do vampiro ainda estava alojada dentro dela, ainda estava atraída pelo sangue do condutor que manchava o chão, ainda atraído pelo seu doce aroma.

O ferro derretia em sua boca, grudando na língua seca, e ela se virou para cuspir o vômito enrolando em seu estômago.

Ele saiu vermelho.

Kira se afastou, rasgando as palmas das mãos no concreto áspero enquanto lutava para escapar. Suas costas afundaram na parede UV e Kira desabou, deixando o sol afundar em sua cabeça latejante. Lágrimas caíram em longos riachos e ela rolou para o lado, puxando as pernas para o peito, deixando os tremores sacudirem sua figura.

—Eu mordi alguém, eu mordi alguém—, Kira disse repetidas vezes, um sussurro baixo que era suave demais até para seus ouvidos ouvirem.



—Kira!—

Ela não registrou o nome dela.

—Kira!—

Mais uma vez, as palavras foram perdidas para ela.

—Eu tenho dito o nome dela por cinco minutos—, uma voz de mulher chamou a poucos metros de distância.

—Kira!—

Mãos agarraram seus ombros, rolando-a, mas os olhos de Kira estavam arregalados e cheios de água. O mundo era uma mistura de pinceladas que não faziam sentido para o cérebro sobrecarregado.

—Kira, é mãe, o que há de errado?—

Ela não se mexeu.

—O que aconteceu?—

Uma voz mais profunda perguntou do ombro de Kira.

Ela ouviu as palavras ao seu redor, mas não as entendeu. Sua mente ficou vermelha - ela estava se afogando no sangue no estômago.

Uma fissura rompeu, rompendo seu cérebro, forçando pensamentos estranhos em seus sentidos congelados. Eles eram brancos e arejados, salpicados de amarelo. Como balões, eles flutuavam mais alto, forjando um caminho através das gotículas carmesim que caíam sobre ela.



A mente de Kira começou a se acalmar. O tremor em seu corpo diminuiu e uma sensação de paz tomou conta dela - uma sensação emprestada de paz.

—Eu acho que está funcionando—, disse uma voz baixa.

—Luke?— Kira sussurrou, estendendo a mão sem rumo, golpeando ouro enquanto seus dedos roçavam sua pele quente. Uma mão agarrou a dela, prendendo seus pequenos dedos em um aperto preocupado.

—Eu estou bem aqui, Kira.

Confiando naquelas palavras, ela piscou e seu rosto, em silhueta em uma auréola de ouro, sorriu para ela. Kira parou, ou talvez Luke se abaixou, mas em poucos segundos ela estava envolvida em seus braços fortes, deixando seus gritos desaparecerem no algodão macio de sua camiseta. Sua mão correu suavemente através de seus cachos e ele esfregou pequenos círculos em suas costas. Ele sussurrou palavras suaves e secretas em seu ouvido, acalmando os arrepios que percorriam sua espinha.

—Kira, o que aconteceu?— Ele perguntou depois de alguns minutos, quando sentiu o batimento cardíaco voltar ao normal.

Kira balançou a cabeça contra o peito dele: —Eu não posso.

—

—Kir—

—Eu não posso!— Ela gritou, pulando de seus braços para atravessar a rua. Ela não queria pensar nisso nunca mais. Ela se



recusou a reconhecer o cheiro ainda atormentando seus sentidos, a nova consciência que sentia por seu pulso quente, as sombras dançando ao redor de seu coração amedrontado. Ela se recusou a reconhecer que a fome ainda estava lá, mesmo quando a parede UV penetrava sua pele.

Luke inclinou a cabeça, tentando entender o que estava acontecendo dentro dela. Acima dele, com uma mão no ombro, a mãe ficou de pé, parecendo tão perplexa e preocupada.

—Pavia—, disse Kira, abruptamente mudando de assunto.

—Por aqui. —

Kira se virou: —Onde você estava?

—Relaxe, eu apenas dei uma olhada rápida ao redor. Não mais vampiros, bem, exceto eu, claro. Ela sorriu e encolheu os ombros.

Kira deu um suspiro de alívio, feliz por a vampira não ter testemunhado o sol chamuscar seu corpo.

—Aquele cara mencionou Aldrich. Ele estava aqui, esperando por mim, por causa de Aldrich. O que você sabe?

—Eu lhe disse que precisávamos conversar—, Pavia disse casualmente enquanto passava os longos cabelos para o lado da cabeça, —mas não pode ser aqui.

—Tudo bem—, Kira girou nos calcanhares, —Luke, estamos indo embora. Vamos pegar o Tristan e ir embora.

—Você está falando sério?— Sua mãe gritou.

—Mortal—, disse Kira. E pode ser. Ela precisava sair - longe dos Punidores, longe dos condutores - antes de enlouquecer.

—Kira, você não pode simplesmente sair e fugir o tempo todo. E os conselhos? — Sua mãe se adiantou, pronta para o desafio. Mas Kira conhecia sua real preocupação; ela viu o pânico se instalar nos olhos de sua mãe, o medo profundo que remontava à morte de seu pai.

—Mãe, eu posso me cuidar. E o Conselho do Justiceiro nem quer que eu fale. Preciso acabar com isso - preciso encontrar Aldrich e preciso matá-lo. E —Kira fez uma pausa, os olhos dela se voltaram para Luke—, e eu preciso levar Tristan para casa. Não há nada para eu fazer aqui. —

—Kira, eu proíbo—

—Mãe, eu sei que você é a chefe, mas eu acabei de salvar sua vida e acho que mereço um pouco de crédito.

—Ela vai ficar bem—, disse Luke, colocando a mão no ombro de sua mãe tranquilizadamente, —Eu nunca deixaria nada acontecer com ela. —

—Mas-

—Eu juro—, disse Luke e apertou seu músculo, forçando-a a relaxar.

Kira tomou como sua sugestão para pressionar a vantagem.

—Pavia, nós voltaremos em breve—, ela chamou por cima do ombro sem se preocupar em olhar para trás. Seus olhos estavam no jipe que Luke havia dirigido para o portão da frente.



Em poucos passos, ela estava na porta e pulando para o banco da frente. —Então, como você soube vir aqui?

Kira olhou para Luke, que estava afivelando o cinto de segurança e colocando a chave na ignição.

—Isso é uma piada? Parecia que uma bomba explodiu - seu fogo iluminou todo o céu. —

Kira se contorceu em seu assento, não respondendo à pergunta totalmente aparente em suas palavras. Em vez disso, ela pressionou o banco para trás, forçando-o a ficar tão liso quanto ele se enroscou de lado para olhar pela janela.

Sua mãe passou os dedos pelo cabelo de Kira, tentando acalmá-la, e Kira olhou fixamente sem piscar para ela, tentando acalmar seus dedos trêmulos. Luke sentiu o clima e permaneceu quieto, mas Kira suspeitava que o silêncio era mais para o benefício de sua mãe. Assim que estivessem sozinhos, ele explodiria, mas o que ela diria a ele?

Que ela foi empurrada para a beira? Que ela havia provado... que quase caíra... quase se transformara em um... que seus poderes realmente a queimaram? O que ela poderia dizer a ele quando ela nem queria admitir para si mesma?

Kira esvaziou sua mente, concentrando-se na lavagem de verde piscando pela janela. As árvores eram muito mais simples de se pensar - as árvores, o céu claro e sem nuvens e a vastidão do lado de fora de sua janela, um lugar onde ela podia desaparecer.



Uma chaminé cutucou sua visão e Kira se sentou, sem saber quanto tempo havia passado. Eles estavam na cidade, perto da casa de seu avô.

—Vocês explicam isso ao Conselho—, disse Kira, com a voz rouca. —Eu vou me esgueirar para pegar minhas coisas e depois te encontro no hospital. —

Luke olhou para ela. Kira viu o movimento de sua visão periférica, mas estava com medo de que ela se quebrasse se olhasse nos esverdeados e dourados olhos dele. Eles eram muito familiares, muito reconfortantes, muito dispostos a tirar seus medos.

Em vez disso, Luke estendeu a mão pelo assento e entrelaçou os dedos. Ele puxou a mão dela, tocando seus lábios macios na parte superior dos dedos dela, descansando-os ali por um momento.

Seu fogo rodou em sua palma, aquecendo suas mãos e viajando até seu coração, onde se assentou como uma fonte quente inundando uma piscina ártica. Um arrepio bom, um tremor amoroso, disparou através do corpo de Kira e ela encostou a cabeça na parte de trás do assento, deixando as pontas do lábio se enrolarem.

Se sua mãe notou o comportamento mais que amigável de Luke, ela ficou em silêncio, deixando os dois terem seu momento. Mas não durou muito, porque Luke parou o carro e Kira relutantemente se soltou, deixando o carro para colocar seu plano em ação.

Primeira parada? Obtendo seu medalhão de volta.



Kira circulou a casa até chegar à treliça ao lado da porta dos fundos. O quarto de seus avós era apenas um conto acima de sua cabeça, e Kira sabia que seu medalhão estava lá. No dia anterior, ela observara a avó envolvê-lo em um lenço de seda e colocá-lo com amor em sua caixa de jóias.

Mas isso não é onde pertencia.

Ela pertencia ao redor do pescoço de Kira, com o anel de casamento de seu pai e o feitiço do sol que Luke lhe dera de presente. Suas três posses mais valiosas na vida precisavam ser mantidas juntas, seguras e próximas de seu coração.

Kira deu um passo à frente, alcançando através das videiras para agarrar a madeira ligeiramente encharcada que ela esperava que permanecesse em pé o tempo suficiente para ela escalar a parede e de alguma forma voltar para baixo. Ela não podia ser vista, ela não podia enfrentar o Conselho agora sabendo que tudo o que ela disse seria uma mentira.

Kira levantou o pé, pisando de lado na armação, impulsionando o peso de seu corpo do chão. Usando-a como uma escada, Kira continuou subindo a parede até que os dedos dela roçaram uma moldura de janela pintada de branco.

Colocando a mão um pouco mais, Kira deu um suspiro de alívio - estava aberta. Ela sabia que eles dormiam com a janela aberta, que gostavam do ar fresco e do som dos pássaros pela manhã, mas ainda assim, Kira estava satisfeita - algo estava finalmente dando certo.

Quando ela empurrou para cima, jogando a metade superior de seu corpo na casa, seus sentidos saltaram. Um bocado de



açúcar atormentou suas narinas, enviando uma fome na boca do estômago, uma dor que só conhecia uma cura.

Kira beliscou o nariz, cortando o olfato e ofegou, usando a boca para respirar. A casa cheirava esmagadoramente a condutores, como o sangue deles - uma fruta proibida que Kira só queria provar. Ela quase podia sentir o poder do Conselho abaixo de seus pés passando por seu corpo, um elixir xaroposo.

As paredes de madeira da casa suburbana eram uma caixa de Pandora disfarçada, provocando Kira a simplesmente deixar ir, para se deixar cair.

Ela fez uma máscara de gás de seus dedos, colocando seus lábios de modo que o mínimo de ar possível penetrasse em seu sistema.

Ela precisava de seu medalhão e então precisava sair.

Tropeçando para a mesa de cabeceira, Kira jogou o topo da caixa de jóias aberta com uma mão enquanto ela mantinha a outra apertada em volta do nariz. O medalhão era fácil de detectar, e Kira o tirou do lenço de sua avó, colocando-o no bolso de sua calça jeans.

Sem tempo perdido, Kira caiu pela porta, engolindo ar fresco. Seus pulmões ardiam de um jeito bom, de um jeito humano.

Ela respirou fundo, segurando-o enquanto ela recuava de volta para o quarto para sair primeiro. Ela caiu de joelhos, agarrando a lama com as mãos enquanto a respiração diminuía. Sonnyville não era mais um paraíso - era uma armadilha.



Sentando-se devagar, Kira soltou a corrente em volta do pescoço e colocou o medalhão de volta. Aterrissou com uma fenda ao lado do anel do pai e Kira olhou para os três pequenos feitiços, descansando lado a lado à luz do sol.

Hora de encontrar a peça que falta - Tristan. Kira não tinha charme, nem bugiganga para simbolizar seu passado, mas isso não significava que ela estava prestes a deixá-lo para trás. Em vez disso, ela saiu correndo pelas ruas quase vazias, sem parar para dizer olá a qualquer canal por onde passasse.

Kira não parou até que se deteve diante das portas automáticas do hospital. Ela esperou meio segundo para o vidro escorregar, e então decolou de novo, sem deixar que seu nariz processasse qualquer cheiro ao seu redor, não dando tempo suficiente para registrar quantos condutores estavam no prédio.

Mesmo com sua velocidade, o cheiro de sangue de mel flutuou em seus sentidos, estimulando-a ainda mais rápido, empurrando-a para o único humano no prédio.

Tristan saltou quando ela invadiu seu quarto.

—Kira!— Ele disse, e então relaxou com o reconhecimento - algo que aqueceu o coração de Kira. Um sorriso se espalhou por suas feições, iluminando seu rosto e fazendo-o brilhar de excitação.

—Tristan—, disse Kira, ofegante, tentando recuperar a compostura depois de sua corrida. Ela bateu as mãos na cama, firmando-se e alguns papéis farfalharam. Inclinando-se mais perto, Kira notou uma pilha de desenhos na cama.





Uma pilha de desenhos de seu rosto.

Cachos suaves dançavam ao redor de seu corpo, escondendo os olhos nas sombras enquanto um pequeno sorriso brincava em seus lábios. Em outro, os olhos dela se iluminaram, parecendo brilhar através da página. Em outro, sua palma foi levantada com uma pequena chama que ela parecia oferecer ao espectador.

Viajando pela cama, Kira viu lascas de grafite repousando preguiçosamente nos lençóis, uma pilha de lápis descascados na coxa de Tristan, e um esboço incompleto de seus traços abaixo dos dedos.

Esses dedos.

As pontas estavam enegrecidas, um efeito colateral de esfregar o lápis nas páginas. Era quase muito familiar - sua respiração parou.

Kira parou.

Tudo, exceto os olhos dela, que continuavam subindo mais alto - mais acima de seu peito musculoso até o pomo de Adão, parou em um gole e seus lábios meio a um sorriso. Finalmente seus olhos castanhos, que ela quase esperava que fossem azuis novamente.

—Tristan?—

Ela se inclinou para frente, pendurada nas palavras não ditas dançando em seus lábios...

—Eu não pretendia estar à frente—, disse ele, rígido e formal, não seu Tristan.



O corpo de Kira se esvaziou. Por um momento, ela pensou, talvez - mas não. Melhor não ir lá, não agora. Melhor segurar alguns sonhos, especialmente enquanto o resto de suas crenças pareciam estar caindo ao seu redor.

—Eu não me importo—, ela disse gentilmente, sentando-se na cama, com medo de se inclinar para perto dele.

—Eu não sabia o que desenhar e você foi tão gentil esta manhã. Eu pensei que talvez fôssemos amigos —, ele deu de ombros. Um rubor rosa claro se juntou em suas bochechas, inocente e tão novo para Kira.

—Somos amigos—, ela pegou um dos esboços apenas para fazer algo com as mãos que pareciam gordas no colo, —e são lindos. —

—Quando comecei, parecia quase natural, como se meus dedos tivessem se lembrado de algo que meu cérebro não fez. — Ele olhou para os esboços, passando o dedo indicador ao longo de sua bochecha no papel. Kira sentiu o fantasma de um toque em sua bochecha, uma lembrança assombrosa. —Esta não é a primeira foto que você desenhou, é?—

Kira engoliu em seco. —Não, não é.

—Eu não penso assim...—

Ele se sentou, estendendo a mão, parando a uma polegada de seu rosto. Kira segurou a respiração. Depois de um minuto, a mão dele caiu de volta na cama - gravidade mais forte do que qualquer memória que ele estivesse procurando.

—Por que é que não me lembro?—

—Eu não sei—, Kira sussurrou.

—Eu acho que quero. —

Kira suspirou: —Eu sei que isso deve ser tão frustrante. Mas tudo vai dar certo. Eu prometo, você vai se acostumar com essa nova vida. —

Tristan assentiu. —Eu acredito em suas palavras, mas algo, algum instinto que eu não posso calar quer que eu volte, para recuperar o que eu perdi.

Seus dedos roçaram a palma de sua mão e seus olhos apertaram, olhando profundamente nos dela, quase como se ele pudesse ver sua alma. Um arrepio percorreu seu braço.

—Trist——

—Está pronta?— A voz de Luke chamou e Kira pulou da cama do hospital, procurando por um corpo para acompanhar as palavras. A porta estava vazia. Ela imaginou isso? Por alguma razão, ela se sentiu culpada, como se estivesse fazendo algo errado. Lucas era o anjo no ombro dela... ou o diabo?

—Aqui, gênio—, ele disse e Kira virou em direção à janela. Sua cabeça loira cutucou através do quadro aberto.

—Eu sabia.

—Sim, certo—, ele sorriu e empurrou a janela ainda mais.





—Pronto para que?— Tristan perguntou. Ele rapidamente misturou os papéis, removendo-os da visão de Luke, vendo-o com um olhar levemente hostil.

Algumas coisas nunca mudam, Kira pensou, sentindo-se quase como ela mesma por um minuto.

—Estamos indo embora—, disse Kira.

—Aqui. — Luke jogou um par de jeans escuros e uma camiseta preta na cama.

—Quem é isso?— Tristan perguntou, segurando a camiseta como se fosse um pano.

—Roupas—, disse Kira gentilmente, apontando para o conjunto similar de Luke.

—Esse foi basicamente o seu visual padrão, cara—, disse Luke, —as senhoras o cavaram.

—Cavado?— Tristan perguntou, confuso. O sorriso de Luke se alargou.

—Isso vai ser divertido—, disse ele, olhando lentamente para Kira. Um brilho travesso brilhou em seus olhos.

—Luke—, ela disse severamente.

Ele deu-lhe um pequeno empurrão para a janela. —Por que você não age como vigia?

—Estou falando sério—, avisou Kira.



—Eu só vou ajudar o homem a se vestir—, disse ele em uma voz totalmente pouco convincente e cutucou-a um pouco mais.

—Se ele sai com cabelo roxo ou algo assim... — Kira parou para se abaixar sob a janela.

—Eu faria isso?—

—Sim,— Kira disse baixinho enquanto pulava os últimos metros para o chão.

—Agora, Tristan—, ela ouviu Luke dizer, mas parou de ouvir quando seus olhos captaram uma massa vermelha à distância.

O Conselho de Justiceiro.

Todos os sete deles.

Andando por aqui.

Entrando no hospital.

—Luke! Temos que sair daqui agora!

CINCO

Kira acalmou seu corpo inteiro, sem ousar mover nem o dedo.

Talvez eles não me vejam, ela pensou - seja a parede, Kira, seja a parede. O tijolo não estava tão longe de ser uma cabeça loira de morango... claro, ela estava vestindo uma camisa verde quase neon, então isso não estava ajudando.

O primeiro Punidor entrou no hospital e depois o segundo, agora o terceiro. A porta estava a poucos metros da janela acima da cabeça de Kira. Quanto tempo antes que um deles a notasse - ou chegasse ao quarto de Tristan? Porque Kira não tinha dúvidas de que era o destino deles, cutucar e cutucar o vampiro recém-humano.

Pena que eu cheguei aqui primeiro, Kira mentalmente se cumprimentou.

Kira moveu a mão alguns centímetros acima e bateu na janela, tentando convencer Luke a não fazer uma cena.

O quinto Justiceiro entrou.

Ela ia matá-lo, os dois - quanto tempo demora para um cara colocar um par de jeans, mesmo que nunca os tivesse visto antes. Um botão aqui, um zíper ali... não foi tão difícil!

O sexto avançou.



Kira olhou para o Justiceiro final. Era o líder, aquele com uma enorme lasca no ombro, aquele que talvez tivesse algo para ela... risque isso, definitivamente tinha sido para ela. Ele deu um passo à frente, colocando seu corpo no meio da porta e Kira prendeu a respiração, esperando que o resto dele desaparecesse.

Mas Luke escolheu aquele momento para enfiar a cabeça pela janela e dizer a Kira: —Temos companhia.

O Justiceiro girou a cabeça, os olhos fixos em Luke e Kira.

—O que?— Kira perguntou, se virando, esquecendo sua camuflagem agora que a capa estava queimada.

—Eu tranquei a porta—, disse Luke, enquanto pulava da janela, —mas parece que há alguns canais irritados do outro lado dela.

O Justiceiro gritou em direção a eles, aproximando-se deles enquanto os números cinco e seis saíam do hospital para ver qual era a comoção.

—Há alguns condutores raivosos aqui também—, Kira murmurou e puxou o braço dele. —Onde está Tristan? Precisamos sair daqui. —

—No meu caminho—, disse Tristan, e passou pela janela, deslizando seus pés para fora para que ele facilmente caísse no chão sem fazer um som. Kira observou os jeans escuros, a camiseta preta, o jeito que o corpo dele se movia fluidamente como um gato da selva. Não agora, ela pensou e empurrou as memórias de volta, não quando eu preciso estar no meu jogo.



À direita, os Punidores estavam se aproximando. O líder reunira suas chamas, pronto para explodi-las no rosto de Kira. Normalmente, isso não a assustaria, mas algo dentro dela estava gritando de medo, fugindo da queimadura. Parte dela temia que as chamas pudessem arder.

—Vamos—, ela gritou, tentando ignorar o grito em seu intestino.

Luke correu na direção oposta, fazendo sinal para eles seguirem. Tristan foi o próximo, e com uma última olhada no Conselho que deveria tê-la aceito, Kira seguiu os dois meninos virando a esquina.

Em segundos, chegaram ao carro do Luke - um velho jipe preto. Luke pulou no banco da frente, mas Tristan parou em seco. Kira bateu em suas costas, tirando o ar de seus pulmões.

—Tristan, vamos lá. — Kira empurrou-o para a porta.

—O que é isso?— Ele perguntou, confuso e ligeiramente impressionado.

—É um carro, como um cavalo moderno e carruagem, mas com metal e eletricidade e gás... — Kira disse, tentando não rir do quão ridículo isso soava para ela. Luke, é claro, não se incomodou em esconder sua diversão, e Tristan apenas pareceu mais desnorteado.

—Apenas entre—, ela disse, abrindo o banco da frente para ele. Depois que ele se instalou, Kira pulou na parte de trás e olhou pela janela traseira para os Punidores ainda correndo em sua direção.



Luke empurrou o acelerador e Tristan praticamente pulou de seu assento, agarrando o guidão acima de sua cabeça como se sua vida dependesse disso. Kira viu os nós dos dedos ficarem mais brancos e mais brancos na estrada em que se moviam. Ela alcançou pelos assentos e pôs uma mão no ombro dele.

—Tudo bem—, Kira apertou, —você está perfeitamente seguro. —

—Você sabe, estatisticamente falando, carros são realmente muito perigosos—, disse Luke. Kira olhou para a morte através do espelho retrovisor. —O que? Eu falo a verdade —, ele deu de ombros,— eu sou apenas um motorista realmente incrível. —

Kira revirou os olhos. —O melhor—, ela brincou.

—Ei, eu sobrevivi a muitas perseguições de carros, muito obrigado.

—Eu sei. Eu quase fui morta em uma daquelas perseguições de carros.

—Por vampiros.

—Por sua condução.

—Você estava totalmente segura.

—Porque eu estava amarrada na lateral do caminhão. —

—Completamente minha ideia.

—Você e eu temos memórias muito diferentes daquela noite. —

—A minha é o caminho certo?

Kira olhou para ele, tentando não rir quando ele sorriu amplamente no espelho, dando a ela aquele olhar inocente que ela conhecia muito bem. Total impasse, Kira pensou e mordeu o lábio. Os olhos de Luke se enrugaram nos cantos e Kira sabia que ela estava prestes a vencer a competição não dita.

Três.

Seu sorriso vacilou.

Dois.

Ele engoliu um gole.

Um.

Ele sugou o ar.

—Você fala muito rápido—, disse Tristan lentamente, cortando ambas as suas defesas. Luke soltou um grito alto e Kira quebrou em risadinhas. Tristan virou a cabeça para encará-los, totalmente perplexo com a cena ao seu redor.

Enrolando os pés no peito, Kira olhou pela janela e tentou aliviar a risada. Mas isso não iria parar. A leveza em seu peito continuava se expandindo o mais longe de Sonnyville que eles viajavam.

O ar cheirava um pouco menos como mel delicioso.

Os Punidores foram empurrados para o fundo de sua mente.

Suas preocupações pareciam perdidas pelo vento.





—Onde está Pavia?— Luke perguntou quando eles se aproximaram do portão. Kira voltou sua atenção para o rosto dele, afastando o olhar do carro mutilado, que a lembrava muito do que acontecera apenas uma hora antes.

—Apenas continue dirigindo, ela vai alcançá-lo. —

Ainda havia uma poça de sangue no chão que Kira tinha medo de estar por perto, uma lembrança que ela estava tentando ao máximo enterrar.

—Posso perguntar para onde estamos indo?— Tristan questionou, finalmente aliviando um pouco o acelerador. Seus olhos ainda estavam arregalados enquanto olhavam para o campo passando pela janela. Kira observou seu espanto infantil no espelho lateral, desviando o olhar quando ele tentou encontrar o olhar dela.

—Para Charleston—, disse ela.

—Em verdade?— Ele perguntou, virando-se para olhá-la. As covinhas que ela amava cavaram em sua bochecha.

Kira sorriu - ela não pôde evitar. Sua excitação era contagiante. —Sim. —

—Por quanto tempo? Eu adoraria visitar minha casa.

—Eu não sei—, disse Kira, voltando sua atenção para a janela novamente. Ela não teve coragem de dizer que sua casa tinha ido embora. A plantação em que ele costumava viver era poeira polvilhando os pântanos, rasgada a cinzas de um incêndio durante a Guerra Civil.



—Pode ser um pouco diferente do que você lembra—, disse Luke. Kira queria beijá-lo pela gentileza na voz.

—Ainda vou estar em casa. — Tristan se recostou, descansando a cabeça. —Este carro—, ele tropeçou na palavra, —é muito mais confortável do que um cavalo. —

Luke colocou a mão em torno de sua boca, prendendo a casca que estava prestes a escapar. —Eu gosto de você desse jeito, Tristan. Quem sabia que você era tão engraçado?

—Eu não quero ser engraçado—, disse ele, olhando para Luke estranhamente.

—Isso faz com que seja muito melhor—, Luke suspirou, balançando a cabeça feliz.

—Você é muito estranho.

—Ele recebe muito isso—, disse Kira, encontrando o olho de Luke no espelho e sorrindo calorosamente. Mas ele era seu excêntrico, pensou Kira, gostando do jeito que soava.

De repente, um guincho enorme rasgou o ar e Luke pisou no freio. O cinto de segurança cravou no ombro de Kira e ela gritou quando o carro cuspiu até parar. O cheiro de borracha queimada encheu suas narinas.

—O que o... — Kira parou, olhando para cima. —Bom motorista minha como— Ela parou ao ver Pavia em pé com os braços cruzados uma polegada na frente do carro.

—Isso foi um pouco próximo, você sabe—, disse o vampiro e sorriu, piscando no processo. Ela deu a volta no carro, abrindo a



porta atrás de Luke. Kira se afastou do meio, movendo-se para se agachar atrás de Tristan quando Pavia se instalou.

—Isso vai ser divertido—, disse a vampira alegremente, olhando para os dois garotos no banco da frente. —Você deve ser Tristan—, ela piscou para ele e se virou para Kira, —Bom trabalho. Ele é apenas um fofo como eu me lembro, bem, você lembrou e eu roubei. Um pequeno curtidor, talvez, mas isso vem com a humanidade, eu acho. Ela estendeu a mão, roçando um dedo ao longo de sua bochecha, como se para verificar se havia realmente sangue humano bombeando sob sua pele. Kira sabia o que estava realmente fazendo.

Ela bateu na mão de Pavia. —Pare.

—Eu estava apenas dando uma espiada—, ela choramingou. —Além disso, não vi nada de útil. Ele está todo bloqueado.

—O que?— Kira perguntou, inclinando a cabeça.

—Há uma parede dividindo suas memórias, algo que me impede de recuperá-las... por enquanto. — Ela ergueu as sobrancelhas, aceitando o desafio. Kira abriu a boca para fazer outra pergunta, mas Luke interveio.

—O nome é Luke, a propósito. — Uma borda dura tinha penetrado em seu tom.

—Prazer em conhecê-lo—, disse Pavia, estendendo a mão em sua direção.

—Eu prefiro não—, disse Luke.



—Eu vejo que Kira lhe contou meu pequeno segredo, não é divertido. — Ela fez beicinho, olhando para Kira acusadoramente.

—Oh, por favor—, disse Kira, não cedendo à pequena charada de Pavia. —Agora que as apresentações acabaram, vamos ao que interessa. Você disse que tinha que me dizer algo, algo a ver com Aldrich?

Tristan respirou instintivamente, chamando a atenção de Kira. Mas não houve reconhecimento real em suas características. Kira sabia como seria o rosto de Tristan com a menção daquele homem - duro, uma mistura de aço e gelo.

Pavia afundou em seu assento, ficando confortável. Suas feições se suavizaram quando a máscara caiu e Kira reconheceu essa garota - essa era a garota que prometia voltar para Kira, compartilhar mais das memórias de sua mãe, lutar contra Aldrich a todo custo. A vampira com um coração, aquele escondido dentro do exterior duro de Pavia.

A brincadeira de provocação foi perdida para qualquer notícia grave que ela tivesse vindo a suportar. Kira olhou para ela, observando o olhar da vampira de um lado para o outro enquanto ela lutava para tomar uma decisão.

Finalmente, Pavia suspirou. —Eu não sei por onde começar.

—Faz apenas alguns dias, o quanto pode realmente haver para contar?—

Uma risada sombria escapou de seus lábios: —Mais do que você sabe. —



—Comece com Aldrich—, interveio Luke, —qual é o plano dele?—

—Kira provavelmente poderia lhe contar essa parte melhor do que eu—, disse Pavia e Kira respirou fundo. Ela sabia? Saber sobre a escuridão que espreita dentro do peito de Kira, o buraco negro em que Aldrich queria empurrá-la - a que seu corpo parecia quase disposto a cair?

Mas não, não havia nenhum segredo escondido no olhar de Pavia. Ela realmente não sabia o que Aldrich queria tanto, por que ele estava perseguindo tão vigorosamente depois de Kira.

—Além disso—, prosseguiu Pavia, —esse é o fim da história. Eu acho que devemos começar com ele. — Ela apontou para Tristan.

—E ele?— Kira perguntou. Proteção espreitava em seu tom, desbaste.

—Você está de brincadeira? De agora em diante, tudo é sobre ele. —

—Eu?— Tristan perguntou, encolhendo em seu assento.

—Eu acho que eu deveria começar com Aldrich escapando - o que eu ainda estou bastante impressionada pelo jeito—, ela lançou um olhar pontudo na direção de Kira, —você parecia bem decidida a matá-lo.

Kira encolheu os ombros, incapaz de encontrar os olhos de Pavia ou Luke, —Não posso ganhar todos eles. —



—Bem, de qualquer maneira, o homem tem um sério ressentimento contra você. Ele queria unir a comunidade de vampiros, dar-lhes algo para lutar juntos, e Tristan se tornou seu ponto de encontro. Quero dizer, um vampiro que se tornou humano de novo? Isso é uma coisa assustadora para muitos vampiros lá fora. —

Tristan desviou o olhar pela janela e Kira tentou ler a expressão reunida em seu rosto, o olhar distante em seus olhos

—Por que assustador?— Luke perguntou do banco da frente.

Pavia recuou, pensando. —Eu não sei como explicar, mas é como, quando você é um vampiro, nada realmente importa. Suas ações não têm consequências; você pode fazer coisas muito ruins sem sentir qualquer remorso real sobre elas, coisas que um humano não faria. —

Quando Pavia falou, Kira continuou observando Tristan. Ele levou uma mão para cima e sobre os olhos, usando o polegar e o dedo médio para esfregar suas têmporas. Ele não queria pensar em nada do passado que ele não lembrava. Kira não podia imaginar as ideias passando pela sua cabeça, as perguntas sobre as coisas que ele pode ter feito...

—Mas Tristan não se lembra—, Kira murmurou.

—Mas nenhum de nós sabia disso, e muitos vampiros fariam qualquer coisa para garantir que eles nunca sejam humanos de novo - que eles nunca mais sentirão o peso da humanidade correndo em suas veias.



—Então eles estão atrás de Kira agora... bem, de novo?— Luke perguntou - nenhum pingo de surpresa manchava suas palavras. Isso era negócio usual.

—Alguns, sim, mas não eu - e não um grupo de vampiros com quem tenho falado nos últimos dias.

—O que eles querem?— Luke perguntou rudemente, o protetor nele saindo com força total.

—Abaixo o menino,— Pavia murmurou, levantando as sobrancelhas na direção de Kira. —Eles ouviram a história de Aldrich, mas teve o efeito oposto. Ele os excitou, energizou-os, deu-lhes uma nova esperança para algo mais. O que eles querem, Luke, é a humanidade deles - o que eles querem é ser humano novamente.

—O que eles estão dispostos a fazer por isso?— Kira perguntou. Ela cerrou os punhos. Seus poderes estavam lá, mas Kira não sabia se eles estavam à altura da tarefa, se Tristan talvez fosse uma coisa única.

—Tenho certeza de que podemos negociar algo. Agora, tudo o que eles querem é se encontrar com você e ver esse cara em carne e osso. — Pavia apontou para Tristan, que ainda estava fazendo o possível para desligar a conversa.

—Absolutamente não—, disse Kira, sua voz áspera e dominante. —Eu não estou levando Tristan lá.

—Eu vou fazer isso—, ele disse suavemente do banco da frente.



—Não—, Kira balançou a cabeça, —eu quero que você fique fora disso.

—Eu preciso ajudar—, disse Tristan, mais alto desta vez, —eu devo fazer alguma coisa. —

—Você vai—, Kira colocou a mão em seu ombro, apertando suavemente, —Eu prometo que você vai, mas eu não posso deixar você fazer isso.

—Kira—, interveio Luke.

—Não—, ela balançou a cabeça. —Não, Pavia terá apenas que mostrar a eles sua memória de Tristan e isso terá que ser suficiente. —

Pavia abriu a boca para falar, mas depois pensou melhor. Kira não estava em um clima de negociação, não quando se tratava de Tristan. A última coisa que ele precisava era estar perto de vampiros, ficar mais e mais confuso sobre o que sua vida tinha sido nos últimos cem anos. Ela queria que ele estivesse seguro, para se estabelecer em uma vida humana normal - ou tão normal quanto poderia ser. Kira se recusou a salvá-lo só para colocá-lo em perigo novamente. Isso nunca iria acontecer, não em seu relógio.

—Luke e eu iremos, e isso terá que ser suficiente. —

Pavia ergueu as mãos para o ar, como se dissesse que estava desistindo, e assentiu. —Todos devem estar a caminho de Charleston - você é tão previsível Kira. Vou arrumar alguma coisa assim que chegarmos lá. —



—Bom—, disse Kira, tentando aquecer um pouco sua voz. Ela devia muito a Pavia, mas o homem fez aquela garota saber como dar nos nervos de alguém.

—Condutores e vampiros se encontrando em paz? Para criar estratégias juntos? Isso tem que ser o primeiro —, Luke balançou a cabeça, sua voz leve com descrença.

—Essa não é a única coisa que vampiros e condutores podem fazer juntos—, disse Pavia, sua voz altamente sugestiva.

—Pavia—, disse Kira severamente. O vampiro indiferente que ela não gostou muito estava voltando agora que a conversa de negócios estava terminada.

—Eu estava falando sobre jogos de carros. Tire sua mente da sarjeta, Kira —, disse ela com uma piscadela. —Embora, eu possa ver porque pensar em Luke pode mandar você para lá. —

Kira desviou o olhar, desejando que o rubor parasse antes que chegasse a suas bochechas. Luke, sempre seu salvador, falou do banco da frente.

—Que jogos de carros você tem em mente? Eu sou praticamente o campeão do jogo do alfabeto. —

—Oh, por favor, não há habilidade necessária nesse jogo. Como cerca de 20 perguntas? —

—Estou em baixo. Kira? Luke perguntou. Ela assentiu.

—Ok, eu primeiro—, Luke disse, assumindo o controle, —eu tenho isso. —



—É um lugar?— Pavia perguntou.

—Não.

—Uma pessoa?

—Sim. —

—Esta pessoa está viva?—

—Não.

—Morto?

—Não. —

—Algo não pode ser nem vivo nem morto, você está totalmente enganando—, disse Pavia.

—Olha quem está falando—, respondeu Luke.

—Estamos vivos, muito obrigada... mas, você está pensando em um vampiro?—

—Não. E você está na contagem quinze.

Kira sorriu e olhou pela janela. Ela conhecia Luke muito bem e já sabia no que ele estava pensando.

—Homem?

—Não e catorze.

—Ok, mulher?—

—Sim. —



Kira sorriu - ela estava totalmente certa.

—Personagem fictício?— Kira perguntou e Luke encontrou seus olhos pelo espelho retrovisor.

—Sim—, ele disse com um sorriso e Kira sorriu de volta. Sim, Pavia nunca entenderia.

—Isso conta como uma das minhas perguntas?

—Não, mas isso acontece. Doze. —

Pavia soltou um estrondo da testa. Luke começou a tamborilar com os dedos no volante - sua vitória parecia cada vez mais iminente. Kira alcançou os assentos e ligou o rádio. Jogos de carros não eram realmente sua coisa.

Em vez disso, ela se sentou em seu assento e olhou para Tristan, que estava totalmente em silêncio. Seus olhos estavam focados através da janela, sacudindo para frente e para trás com as árvores voando pelo carro. Mas eles pareciam perdidos.

Para o que parecia ser a primeira vez que ela conseguia se lembrar, Kira não entendia o que estava passando por aquela linda cabeça dele. As rugas que emolduravam seus olhos franzidos eram familiares, a bolsa até os lábios era algo que ela já vira antes, seu nariz reto e determinado não era novidade - mas era como uma pintura que havia sido reproduzida. Quase o mesmo que o original, mas não é bem assim. Não havia nada específico que Kira pudesse identificar, mas algo intangível havia mudado.



Ela assumiu que ele estava pensando em sua vida como um vampiro, o que pode ter acontecido, mas ela não sabia o que costumava fazer. Embora Tristan só tivesse sido humano por alguns dias, ele já havia começado a se afastar dela. E Kira não tinha certeza se suas lembranças o trariam de volta, se alguma coisa pudesse trazê-lo de volta.

Seus olhos se moveram no espelho lateral, procurando os dela. Kira hesitou, mantendo o olhar por um minuto, antes de desviar o olhar. Uma bolha autoconsciente se expandiu em seu peito, bloqueando sua respiração.

Talvez fosse egoísta, mas ela queria olhar naqueles olhos e vê-la novamente, só por um minuto, para se sentir conectada a ele novamente. E Kira sabia exatamente como fazer isso, ela só precisava de Pavia para tocar junto quando chegassem a Charleston.

Quando chegassem em casa, tudo se resolveria.

—Só resta uma pergunta!— Luke provocou, fazendo suas palavras saírem como uma música que chamou a atenção de Kira.

Pavia parecia aborrecida e determinada. Ela mordeu o lábio inferior enquanto pensava.

—Você está pensando em Mulher gato??— Ela perguntou devagar.

—Não! Eu ganhei!— Luke começou a cantar do banco da frente. Sua alegria era contagiante e Kira deixou-a borbulhar em seu peito, fluindo através de seu vínculo secretamente. Ele



realmente era como uma droga, uma pequena pílula feliz que ela poderia tomar sempre que quisesse.

—Ele está pensando em Mulher Maravilha—, Kira disse a Pavia, lutando contra o sorriso que estava alargando seus lábios.

—Bingo! E é por isso que somos melhores amigos —, disse Luke, e estendeu a mão para apertar o joelho dela.

Melhores amigos ou algo mais? Kira pensou quando o calor de sua mão percorreu sua perna.

Charleston, Kira deixou a palavra mantê-la à tona. Talvez fosse um sonho, mas ela tinha que acreditar que uma resposta viria em breve.

Charleston.



SEIS

—Você pode dar uma voltinha aqui?— Kira perguntou. Estavam no carro por horas, mudando de turno pela noite, mas finalmente estavam quase em casa.

—Aqui?— Luke perguntou, confusão nublando suas palavras.

—Apenas confie em mim. —

Ele fez a curva e continuou dirigindo até chegarem ao final da estrada, que se quebrou bem ao lado do rio Ashley, a alguns quilômetros de Charleston. Ele parou o carro e se virou para ela com uma sobrancelha levantada.

—O que você está fazendo aqui?—

—Tristan, Pavia - vocês vão me esperar lá fora?— Kira perguntou, desafivelando o cinto de segurança para desviar sua atenção para Luke. Eles estavam no nível dos olhos, bem quase, e ambos sentados nos bancos da frente.

—Você não vai gostar disso, mas eu tenho algo a fazer antes de irmos para casa e descobrir a coisa toda da reunião dos vampiros. — Sua expressão escureceu, e um olhar conhecedor vidrou seus olhos.

—Você quer dizer que o todo está mantendo você viva e derrotando Aldrich e mudando o curso da história do canal no processo?



—Quando você coloca isso assim, eu vejo por que isso pode incomodar você, mas é algo que eu tenho que fazer.

Luke levantou a mão, esfregando o ponto entre os olhos. — Kira, eu estou sendo paciente e estou dando tempo a você, mas eu não vou apenas ficar sentado enquanto você tenta tudo o que você pode pensar para trazer seu ex-namorado de volta - eu simplesmente não estou. —

Kira estendeu a mão, colocando a mão na perna dele, tentando fazê-lo entender. —Eu não vou mentir, estou confusa - sobre Tristan, sobre você, sobre mim - praticamente sobre tudo. Mas eu tenho que ver se há uma maneira de trazer suas memórias de volta, e não é para mim ou sobre mim. Você não consegue ver o quão confuso ele está?

—Eu tenho, quero dizer, eu tive que ajudar o cara a colocar um par de jeans—, Luke riu baixinho, —o velho Tristan provavelmente teria me provocado por isso. Mas estou sendo egoísta dessa vez, porque estou entendendo há muito tempo. Eu pensei que aquele beijo significava que você me escolheu, significava que você queria estar comigo

—Fez isso—, disse Kira, e na época, realmente funcionava, mas ela tinha que resolver as coisas com Tristan... uma pequena parte dela ainda estava se segurando, ainda se recusando a deixar ir, especialmente quando ele estava precisando um amigo.

—Bem, você tem uma maneira interessante de mostrar isso.

—



Ele puxou o carro em marcha a ré e alcançou os assentos para abrir a porta. Mas então pensei melhor. Ele fez uma pausa, olhando para ela, vulnerável.

—Ele, eu quero dizer, você pode...?— Luke parou, mas Kira sabia exatamente o que ele estava perguntando.

—Não—, ela disse baixinho, —não, eu não sinto seus pensamentos. Não sei por que, mas não estamos conectados dessa maneira. —

O fantasma de um sorriso cruzou o rosto de Luke, e então desapareceu quando as perguntas voltaram para sua mente. Ele as reprimiu.

—Eu vou pegar um pouco de comida. Vamos nos encontrar aqui em uma hora, —Luke disse, sua voz pesada. Kira roubou mais um olhar, mantendo a mente trancada, para não sentir a dor no rosto dele, antes de sair do carro.

Sem olhar para trás, Luke deu meia-volta e foi embora. Kira ficou observando o carro até que ele desapareceu no final da estrada - uma grande parte de seu coração foi com ele. Ele estava certo. Por que ela estava se segurando no passado quando seu futuro estava ali, tinha estado lá o tempo todo mantendo-a feliz, fundamentada e sã? O que ela estava esperando?

—Kira?— Tristan perguntou. —O que estamos fazendo?

Kira girou nos calcanhares. —Certo. Desculpe, —ela balançou a cabeça, limpando o nevoeiro que Luke criou,— Eu estou levando você para casa, bem, mais ou menos.



—E o que estou fazendo aqui?— Pavia perguntou. Ela se aproximou de Tristan enquanto Kira observava Luke, perto o suficiente para tocá-lo.

—Eu preciso emprestar sua perícia—, disse Kira, —mas por enquanto, siga-me. —

Apenas alguns meses antes, alguns meses que pareciam milênios, Kira se perguntara a mesma coisa - para onde Tristan a levaria? Qual era o lugar secreto que ele estava tentando mostrar a ela? Mas agora era sua vez de tirá-los da estrada, através dos arbustos baixos que cobriam o chão até chegarem a uma margem pantanosa.

Kira continuou andando, deixando os dois seguirem para trás. Sua memória a puxava para frente, instigava-a a subir o rio e contra a correnteza, até que, ao longe, Kira a viu: um galho de árvore baixo que se estendia até os pântanos, até que seus galhos lambiam o rio.

Atrás dela, Tristan ofegou.

Kira parou de se mexer.

Tristan passou correndo por ela, correndo em direção ao primeiro lugar que parecia familiar para ele desde o seu despertar.

Kira mal notou, um Tristan mais confiante brotou em seus olhos - um que a levou pela mão e continuou olhando para trás para ver se ela estava bem, um que a ajudou a pular no galho de árvore, um que a olhou quase com paixão faminta em seus profundos olhos azuis.



Este era o lugar deles para Kira, o lugar onde ele contou a ela tudo sobre sua vida como um vampiro, o lugar onde ele abriu pela primeira vez, o lugar onde o relacionamento deles realmente começou.

Mas não mais.

O novo Tristan nem olhou para trás para ver se Kira ainda estava viva. Ele estava acelerando em torno da abertura, correndo os dedos ao longo da casca da árvore, marcando este local como só ele.

—Bem, ele se animou, não foi?

—Sim—, disse Kira com tristeza. Ela não sabia por que, mas parte dela tinha pensado que trazer Tristan de volta aqui o faria lembrar. Estiveram aqui inúmeras vezes juntos, desde preguiçosas tardes de sábado na primavera até o piquenique da meia-noite que ele preparara para o aniversário de seis meses.

Parte dela obviamente estava errada.

—Então, qual é o problema?— Pavia perguntou, cutucando Kira com o ombro.

—Eu quero que você olhe em sua mente, para ver se há uma maneira de fazê-lo lembrar. — Kira não olhou para Pavia. Seus olhos ainda estavam em Tristan quando ele subiu no galho e saiu do pântano para mergulhar os pés na água. Ele parecia mais jovem, como um garotinho de alguma forma.

Pavia olhou para Kira, fazendo um arrepio percorrer sua espinha.

—Isso é para ele ou para você?— A vampira perguntou.

—Eu não sei—, disse Kira honestamente, sentindo-se melhor por finalmente deixar a verdade de fora.

—Bastante justo—, Pavia encolheu os ombros, empurrando o lado sensível para trás disfarçado. —Será mais fácil se eu mordê-lo. —

Kira hesitou antes de concordar com a aprovação. Ela faria qualquer coisa por uma resposta.

Os dois continuaram caminhando juntos, deixando um silêncio sobre a clareira. Tristan finalmente as notou, finalmente lembrou que não estava sozinho.

—Como você encontrou esse lugar?— Ele perguntou a Kira, maravilha gravada em suas palavras. —Eu costumava jogar aqui como um menino. Foi o meu oásis secreto. —

—Você me trouxe aqui—, disse Kira suavemente, tentando esconder a dor em sua voz. Ele se foi.

—Mesmo?— Ele perguntou: —Eu nunca permiti que minha mãe me seguisse até aqui. —

—Eu sei.

Ele colocou seu olhar nela, mas Kira olhou para o rio. Ela podia sentir os olhos dele enquanto viajavam para baixo e de volta ao seu corpo - ela era um quebra-cabeça que ele estava tentando descobrir, um mistério que ele não conseguia resolver.



Depois de um minuto, ele se levantou no galho e caminhou em direção ao tronco, pulando de volta para o chão firme. Ele deu um passo em direção a Kira, seus olhos questionando, com cuidado.

Pavia, que estava encostada no tronco, olhou para Kira.

Kira assentiu.

Pavia deu um passo à frente e agarrou a mão de Tristan, balançando-o de volta para ela. Num piscar de olhos, os dentes de Pavia estavam mergulhando em seu pescoço, batendo em suas veias antes que Tristan tivesse a chance de lutar. Seu corpo parou de se mover quando Pavia começou a beber. Seus olhos se arregalaram e um sorriso bobo se espalhou por seus lábios.

Kira manteve os olhos desviados, dificilmente acreditando que estava ali sem fazer nada. Seu fogo coçava as palmas das mãos, queimando os músculos pela inatividade. Um ruído chupando e sugador soou em seus ouvidos e Kira os cobriu, deixando suas chamas penetrarem em seu crânio, tentando abafar o som com o cacarejar de seu fogo.

Tristan estava sendo sugado e ela não estava fazendo nada.

Seus joelhos cederam e Kira caiu no chão, ainda segurando a cabeça.

Uma pedra atingiu seu ombro e Kira se virou, jogando as mãos para fora.

Pavia deu um salto para trás com um grito. —Cuidado!

—Desculpe—, disse Kira, apagando o fogo.



Tristan era uma bola na sujeira. Seus olhos estavam fechados como se em sono e Kira se ajoelhou ao lado dele, embalando sua cabeça em seu colo. Ela curou as duas feridas no pescoço dele, fechando-as.

—O que você fez?— Ela perguntou, sua voz triste em vez de acusatória.

—Ele não se lembra de ter sido mordido. Ele vai pensar que ele caiu da árvore.

—Mas o que você viu?— Kira perguntou, olhando para Pavia. Tristan se mexeu embaixo dela, deslocando a cabeça apoiada em suas coxas.

Kira passou a mão pela bochecha enquanto seus olhos se abriram, lutando para mudar o foco.

—Você está bem?— Kira perguntou.

Ele assentiu e sentou-se, segurando a cabeça.

—Eu cáí?—

—Não se preocupe, não vamos contar a ninguém—, disse Pavia com um sorriso. Ele olhou para Kira para confirmar.

—Sim, mas não se preocupe com isso—, Kira disse e se levantou, limpando a sujeira de suas pernas, —acontece com o melhor de nós. — Ela ofereceu sua mão, puxando-o para seus pés.

Ele se levantou, seu corpo a poucos centímetros do dela. Kira olhou para cima, prendendo a respiração à sua proximidade.



Tristan levantou a mão, alcançando em seus cabelos. Ele se mexeu, passando os dedos pelos cachos dela. Kira suspirou, mas não conseguiu se afastar.

Ele puxou uma folha do cabelo dela e deixou cair no chão.

—Opa—, disse Kira, finalmente se afastando do calor de seu corpo para sentir mais folhas, mas Tristan encontrou a única.

Ele agarrou a mão dela para impedi-la de se mover mais longe.

—Eu sinto como se te conhecesse, como se isso tivesse acontecido antes—, ele sussurrou, —como talvez eu tenha vivido uma vez antes em um sonho. —

Ou um pesadelo, Kira pensou e tirou a mão dele, movendo-se a poucos metros de distância. Ele estava assombrando-a, como um fantasma do que tinha sido. Mas Kira precisava acordar. Este não era Tristan, ainda não, e ela precisava manter a distância. —O que mais você quer ver antes de voltarmos?—

—É a minha casa...?— Ele parou quando Kira balançou a cabeça. Não, a casa dele tinha ido embora há muito tempo. Tristan assentiu. —Então eu vou apenas verificar mais um ponto, sozinho, se você não se importa. — Kira assentiu e ele se afastou delas, desaparecendo em volta das curvas de alguns grandes carvalhos.

—O que você viu?— Kira perguntou sem se virar.

—Suas memórias estão todas lá—, disse Pavia lentamente, entrando na linha de visão de Kira.

—Então, por que ele não se lembra?—

—A humanidade dele é como uma parede, bloqueando-as—, disse Pavia, dando um passo à frente até estar perto o suficiente para que Kira não pudesse ignorá-la. —Você se lembra do que eu disse? Esses outros vampiros estão atrás de você, porque é exatamente disso que eles temem. O Tristan humano não pode suportar lembrar o que o vampiro Tristan fez, iria quebrá-lo. —

—Então você não pode trazê-las de volta? Nem mesmo uma?—

—Nem mesmo uma pequena lembrança de você?— Pavia perguntou, olhando para Kira com um sorriso conhecedor. —Eu poderia mostrar a ele uma de suas memórias, mas o negócio dele é tudo ou nada agora. Traga uma de volta e todas as outras seguirão. E eu não sei o que ele disse a você, mas há algumas coisas bem obscuras escondidas naquela cabeça muito fofa dele.

—Não—, disse Kira, lutando contra o desejo de bater em Pavia na bochecha. A vampira estava aqui para ajudar, ela tentou se lembrar, aqui porque eles tinham uma espécie de amizade.

—Só estou tentando fazer você entender—, disse Pavia, recuando.

—Eu sei—, Kira se virou para Pavia, pronta com um pedido de desculpas.

Pavia ergueu a mão e encolheu os ombros. - Até onde sei, estamos bem, desde que aquelas chamas em suas mãos não saiam em minha direção. Voltei para ajudá-la, por mais difícil que seja acreditar.

—Porque eu te salvei de Aldrich?—

—Porque você me deu alguma esperança—, disse Pavia, parando.

Kira olhou para ela, realmente teve tempo para absorver a vampira em pé na frente dela. Além de Tristan, Pavia era o único vampiro que ela conheceu que parecia querer algo mais, que estava cansado da sombra da imortalidade.

—Não vamos abraçar isso, ok?— Pavia sorriu, provocando.

—Combinado—, Kira sorriu, —mas posso te perguntar mais uma coisa?

Pavia assentiu.

—O que você quereria, se você fosse Tristan?—

—Eu—, Pavia começou, mas naquele exato momento, Tristan reapareceu, segurando uma caixa de crosta de lama em seus braços.

—Eu não posso acreditar que encontrei isso!— Ele exclamou, excitação colorindo suas palavras. Kira se virou para ele, iluminando suas feições com um entusiasmo fingido.

—O que é isso?— Ela perguntou, desviando o olhar de Pavia, cuja boca ainda estava aberta, oferecendo a resposta que Kira temia ou queria ouvir. Haveria tempo para descobrir qual mais tarde.



—Uma caixa que enterrei antes da guerra. — Ele se ajoelhou na grama e gentilmente levantou a tampa. —Estes eram meus bens valiosos.

Levantando uma pequena sacola de lona, Tristan virou-a nas mãos e um punhado de bolinhas de vidro caiu. Ele os enrolou na palma da mão, o riso dançando em suas feições.

—Mármore?— Kira perguntou.

—Mármore de vidro—, Tristan corrigiu, —o melhor presente que meu pai me deu.

—O que mais?— Kira perguntou, ajoelhando-se ao lado dele. Por que Tristan nunca mostrou a ela essas coisas antes?

Ele tirou um pano e lentamente desembalhou como um presente. Um gigante amuleto dourado brilhou ao sol, e Tristan o pegou pela corrente de ouro. Enquanto girava com o vento, Kira percebeu que era um relógio de bolso, ainda preservado incrivelmente bem, apesar da passagem do tempo.

Tristan colocou o dispositivo contra seu ouvido, afrouxando quando ele não conseguiu ouvi-lo.

—Não se preocupe—, disse Kira e colocou a mão em seu ombro, —Tenho certeza de que podemos consertá-lo em algum lugar. —

Ele balançou sua cabeça. —Parou de funcionar no dia em que meu irmão morreu, no dia em que me juntei ao exército. Eu realmente não esperava ouvir nada.



—Seu irmão morreu antes de você entrar?— Kira perguntou. —Eu pensei que você se juntou...

—Não—, Tristan disse suavemente, —eu não comecei a lutar até que a morte dele me desse motivos para ir à guerra. Eu me alistei com ele por dever, mas eventualmente me juntei à guerra por ele, apesar de todas as nossas diferenças. —

Ele colocou o relógio de volta e tirou uma terceira bolsa. Kira sentou-se de volta, atordoada. Quem era esse homem na frente dela?

—Minha mãe—, disse Tristan, revelando sua última bugiganga, que era uma elegante aparição do perfil de uma mulher cortada em quartzo rosa. —Estou surpreso que isso ainda esteja aqui, pensei que teria voltado para isso. —

—Isso é lindo—, disse Pavia, inclinando-se sobre o ombro de Tristan, passando um dedo sobre o pingente. —Antes de me virar, costumava sonhar em ter jóias assim. —

—Foi o presente de casamento do meu pai—, Tristan dobrou o pano sobre a jóia, cobrindo-a novamente. —Era para ser passada para minha noiva e para nossos filhos depois disso. —

Kira tentou lutar contra a picada dessas palavras. Ela estava sendo uma idiota? Tristan a amava, mais do que ela sabia que uma pessoa poderia amar outra pessoa, mas por que ele guardou essas coisas dela? Por que sua vida humana permaneceu tão distante das histórias que ele contava?



—O que há na última bolsa?— Ela perguntou, indicando a última caixa desembulhada.

—Minhas tintas—, disse ele com tristeza, —mas duvido que tenham passado no teste do tempo. Eu os abro depois.

Ele fechou a tampa, fechando seu lado pessoal. De pé, Tristan limpou a sujeira de suas roupas e engoliu em seco.

—Eu vi tudo que eu precisava ver. —

—Vamos encontrar Luke então—, disse Kira enquanto esticava o corpo para trás, —ele provavelmente está de volta agora. —

—Vamos—, Pavia disse e começou a andar. Tristan seguiu e Kira trouxe a retaguarda.

Quando chegaram ao rio, Kira deu uma olhada para trás. Ela nunca mais estaria aqui de novo, e isso era uma promessa. Foi um erro, Kira percebeu. Considerando que antes, este tinha sido o seu lugar, o seu oásis, Kira agora se sentia como uma intrusa. Era o lugar de Tristan e tinha sido por anos - Kira era apenas um pontinho no radar, se afastando, ficando mais quieta e mais quieta.

Ela sabia o que tinha que fazer.

Tristan nunca poderia lembrar.

A primeira vez que eles se encontraram - cinco segundos antes do início da aula de inglês, um momento que Kira recordaria para sempre -, ela o vira então. O peso do tempo em



seus olhos, o peso sobre seu coração. Quanto mais ela crescia para amá-lo, mais ela via por quê.

A vida com Aldrich, vendo todos que ele conheceu morrer, se alimentando de humanos para sobreviver - tinha sido um fardo para sua alma. E ela não seria a única a trazer essa sombra de volta ao redor dele.

Alguns dias atrás, Kira estava pronta para dizer adeus ao vampiro, mas agora ela estava pronta para dizer adeus ao homem que tinha estado dentro de Tristan o tempo todo.

Mas havia uma coisa a fazer.

Mais um fardo a superar antes que Kira pudesse deixá-lo ir.

Aldrich.

Quando os três finalmente chegaram à clareira, Luke estava lá esperando, como sempre estivera. Ele olhou para a borda do sanduíche que estava mordendo, e seus olhos instantaneamente viajaram para o espaço entre Kira e Tristan. Seu ombro afrouxou, a preocupação diminuiu de seu corpo.

Mas isso não era o que Kira queria também. Ela não queria que Luke se sentisse como as sobras. Pela primeira vez, Kira desejou que ele pudesse entrar na cabeça dela, sentir como o pulso dela acelerava com a visão dele, sentir a paz que se instalava em seu corpo só de pensar nele.

Ele não era o segundo lugar.

Ele era o grande prêmio - aquele que se escondia à vista de todos os tempos.



Então Kira abriu a porta e agarrou a mão que estava em seu colo, segurando com segurança e deixando o calor passar através de sua ligação.

—Como foi?— Ele perguntou e esfregou o polegar ao longo da pele sensível da palma da mão dela.

—Eu sei o que fazer—, disse Kira, olhando em seus olhos.

—E o resto de nós está morrendo de fome—, Pavia suspirou no banco de trás. —Tem algum sangue nessa sacola de compras?—

—Desculpe—, ele sorriu, —sou um serviço de almoço só para humanos. Tristan, peru ou presunto? Faça sua escolha. — Ele jogou a sacola de sanduíches no colo de Tristan.

Perplexo, Tristan tirou uma bola de papel da bolsa e começou a desembulhá-la.

—Não se preocupe. Tem um gosto muito bom —, Kira sorriu para ele.

—Especialmente se você colocar algumas daquelas pimentas quentes—, sugeriu Luke, olhando as pimentas derramando-se de sua própria mistura. —Se houver algum... —

—É melhor que haja algum sobrando!— Kira pegou a bolsa, —Eu sou a pessoa que te apresentou essas coisas. —

—E então o estudante se tornou o mestre—, brincou Luke e deu uma mordida enorme em seu sanduíche, mal conseguindo fechar a boca sem deixar as migalhas de pão escaparem.



—Ah—, Kira deu um suspiro satisfeito quando puxou um copo de plástico escondido cheio de pimentas da bolsa. Ela abriu o pão e colocou alguns em cima do presunto e queijo antes de dar sua própria mordida enorme.

—Então, para onde?— Luke perguntou quando finalmente conseguiu engolir.

Kira tentou responder, mas acabou soprando pedaços de seu sanduíche no processo.

—Você está trazendo agora—, brincou Luke, limpando uma migalha de pão da bochecha dela. Ele manteve a palma da mão lá por um momento, segurando o rosto dela o tempo suficiente para passar o polegar ao longo de sua pele. Descrença canalizada através da mente de Kira, uma descrença satisfeita. E Kira podia ler o que isso significava em seus olhos verdes esmeralda, agora vivos com chamas rodopiantes.

Meu, Luke estava pensando, finalmente ela é toda minha.

E Kira não desviou o olhar.

O calor em sua palma esquentou mais que apenas sua bochecha.

—Preciso me encontrar com minha gangue—, disse Pavia por trás, soprando a franja do rosto no processo —e preciso encontrar uma refeição. —

—Bom, vamos deixá-la no centro da cidade—, disse Luke, voltando sua atenção para o carro e dando vida a ele.



—E então nos encontraremos hoje à noite,— Kira exigiu, não havia indecisão na em sua voz, —você, eu, Luke e os vampiros. Se estamos derrubando Aldrich, não há tempo a perder.

—Concordo—, disse Luke.

—Feito—, confirmou Pavia.

Kira ligou o rádio e recostou-se, colocando os pés no painel antes de dar outra mordida satisfatória em seu sanduíche.

Aldrich estava caindo e não havia como ela deixar que ele escapasse de novo - de jeito nenhum.

E, Kira pensou, dando uma olhada em Tristan em sua visão periférica, talvez ele não tivesse que ficar sozinho. Se alguns desses vampiros quisessem se virar, querendo despertar para um novo mundo e vivenciá-lo com ele, Kira encontraria um caminho.

Nenhuma sombra em seu coração, negra como era, a impediria.



SEIS

—Derrame—, disse Kira, olhando para Luke do banco do passageiro do carro. Desde que saíram de casa, Luke ficou em silêncio - nunca foi um bom sinal.

—Nada—, ele deu de ombros. Kira revirou os olhos.

Tristan estava seguro de volta na casa de Luke e Pavia estava esperando por eles no local de encontro, então Kira não estava prestes a deixar Luke se esconder dela - não quando eram apenas os dois, sozinhos pelo que parecia ser a primeira vez em tempos.

—Luke?

—Sim...

—Luke—, ela pressionou ainda mais.

Ele hesitou por um segundo antes de deixar uma enorme expiração afundar seus ombros. —Bem bem.

Kira esperou enquanto ele pensava... depois cutucou-o quando ela ficou impaciente.

—É só que fizemos algumas coisas malucas - encarar Diana, se esconder no Baile das Rosas Vermelhas, levar Aldrich para casa - mas isso parece meio insano. Estamos entrando em uma reunião com vampiros, uma onde eles definitivamente nos superarão e terão a vantagem. —

—É isso?— Kira perguntou.

—Bem, sim, o perigo mortal parece ser uma boa razão para ser um pouco cauteloso.

—Perigo mortal, realmente? Eu não sabia que você era tão galinha —, Kira sorriu, repreendendo-o.

—Frango?— Ele ergueu as sobrancelhas. —Sou seu melhor amigo, só isso me faz mais corajoso do que a pequena torradeira e ela tinha a palavra corajosa em seu nome. —

—Mais corajoso do que um utensílio de cozinha... definitivamente algo para se orgulhar...

—Você já viu esse filme?— Ele se virou para ela, incrédulo. Kira sacudiu a cabeça. Ele disse: —Estou desapontado. —

—Oo,— Kira segurou a mão sobre o coração fingindo estar ferida. —Mas realmente, voltando ao assunto, por que você está nervoso?—

—Eu acho—, ele suspirou, —bem, a única pessoa que nos disse que seria seguro é Pavia e eu não confio nela. Se você definir essa coisa, sem perguntas, mas algo sobre ela... eu não sei, eu não gosto disso. —

—Eu confio nela, não é suficiente?

—Mas por que? Por que você tem tanta certeza?

—Você não estava lá, mas,— Kira pensou de volta, na masmorra, no olhar faminto de liberdade nos olhos de Pavia e na sinceridade em sua expressão quando ela prometeu mostrar a



Kira mais memórias de sua mãe biológica. —É difícil explicar, eu confio nela. Ela não precisava voltar, poderia ter fugido de mim e de Aldrich, deixando tudo para trás, mas ela não o fez. Ela manteve sua promessa. Isso vale alguma coisa, não é?

Luke deu de ombros: —Eu simplesmente não confio em vampiros. —

—Mas você confia em mim.

—Sempre. —

—Inimigo do seu inimigo é seu amigo - esses vampiros querem se livrar de Aldrich, queremos nos livrar de Aldrich. Tudo vai ficar bem. —

—Eu espero que você esteja certa.

—Estou sempre errada?

—Você realmente quer que eu responda isso?— Luke sorriu, olhando para longe da estrada para encontrar seu olhar por um rápido instante. Kira empurrou-o gentilmente.

—Apenas dirija—, ela repreendeu, mas uma excitação vertiginosa agitou em seu estômago.

—Para onde estamos indo afinal? Este lugar é no coração de Charleston.

Kira encolheu os ombros. —Pavia acabou de me dar um endereço. Ela não disse o que era. —

—Isso é reconfortante—, Luke disse ironicamente.



112 North Market Street, Kira leu em voz baixa para si mesma. Foi no distrito histórico - o que poderia ser? Casa de alguém?

Fosse o que fosse, eles estariam lá em breve. Luke saiu da estrada principal enquanto atravessavam uma grande ponte para a cidade de Charleston. Alguns minutos depois, ele parou ao lado de um metro e saiu do carro.

—Siga-me—, disse Luke, virando-se para a esquerda e andando rapidamente pela rua.

As pessoas estavam por toda parte, relaxando do lado de fora da sorveteria e caminhando pelo mercado, embora os vendedores ambulantes tivessem fechado suas lojas. Casais de mãos dadas enquanto eles se aproximavam de restaurantes e crianças correram, ignorando os chamados de seus pais.

Para onde eles estavam indo? Kira se perguntou. Este parecia o lugar menos vampiro da cidade inteira.

Luke parou.

—The Peninsula Grill?—

—O que?— Kira perguntou, sem entender. Luke apontou para a placa pendurada em uma cerca de ferro forjado. —Oh, é o nome do restaurante. Eu entendo a dica, nós podemos comer aqui algum dia, mas vamos ao local de encontro. —

—Kira, este é o local de encontro. 112 North Market, certo?

Ela assentiu e olhou mais de perto.



A entrada do restaurante era uma cerca de ferro forjado que se abria para um pátio de tijolos. Os arbustos que cobriam a passarela estavam iluminados com luzes brancas de Natal, embora fosse verão.

—Aqui?— Kira perguntou.

Luke encolheu os ombros e avançou cautelosamente. Eles caminharam pelo caminho bem iluminado por cerca de quinze metros antes de chegarem à porta do restaurante. Luke entrou primeiro e Kira seguiu, mas eles foram imediatamente parados por uma hostess.

—Boa noite—, ela disse, pegando o traje relaxado deles, —você tem uma reserva?—

—Um—, disse Kira, olhando em volta para Pavia.

—Sim, Pavia? Deveria haver uma festa esperando, —Luke entrou na conversa.

—Ah sim, na sala privada. Siga-me por favor. —

Ela saiu de trás do pódio e Kira lutou para acompanhar seus passos rápidos. Todo o restaurante era pouco iluminado com luz de velas, e lençóis brancos impecáveis cobriam as mesas. Pinturas pendiam das paredes de creme e quase toda a clientela faiscava com diamantes.

Kira pensou em seus jeans. Sim, ela e Luke não eram exatamente a clientela certa.



—Bem aqui—, disse a dona de casa e abriu uma porta escondida, levando a uma longa mesa completamente cheia de dois assentos vazios no lado oposto da sala.

—Kira, Luke—, disse Pavia, de pé e enxotando a anfitriã, — muito feliz por você ter feito isso. —

Kira estava muito distraída com os rostos pálidos ao seu redor para responder. Talvez Luke estivesse certo... eles estavam completamente em desvantagem.

—Sente-se, sente-se—, prosseguiu Pavia, apontando para os dois assentos abertos. Kira notou que dois pratos de comida estavam esperando por eles... os dois únicos pratos de comida na mesa inteira. De fato, as únicas outras coisas na mesa eram dez copos de vinho tinto, ou o que Kira estava fingindo ser vinho tinto. Mas quando ela se sentou e cheirou o que tinha que ser filé mignon em cima de uma cama de purê de batatas com alecrim, ela tentou se acalmar.

Luke, no entanto, ansiosamente pegou o garfo completamente pronto para cavar. Tanto para sua preocupação, Kira pensou.

—Então, obrigado a todos por virem. — Pavia ainda estava de pé à cabeceira da mesa, olhando em volta para todos os seus convidados. Sua formalidade deixava Kira ligeiramente desconfortável - sobre o que ela estava nervosa? —Todos vocês sabem por que estamos aqui, por causa dela—, Pavia apontou para Kira, e todas as cabeças viraram, —porque Kira restaurou a humanidade de um vampiro e ela diz que pode fazer isso de novo.



—Pelo preço de uma guerra—, disse o vampiro do nariz de falcão a três assentos de distância de Kira.

—Alessandro, na verdade—, Pavia disse, sua atitude indecorosa voltando, —será uma batalha que venceremos sem suar a camisa. Ouvi dizer que Aldrich parece um pouco crocante ultimamente, se você sabe o que quero dizer.

Os vampiros riram. Kira e Luke se entreolharam e encolheram os ombros. Crocantes?

—Seu poder era da mente, não do corpo—, Nariz de Falcão pressionou novamente.

—Antes de chegarmos a essa parte, eu quero ver alguma prova—, uma vampira falou ao lado de Nariz de Falcão.

—Eu também gostaria—, outro vampiro mais distante de Kira, —ela não deveria trazer Tristan?—

—Mudança de planos—, disse Pavia, voltando para o seu lugar no outro lado de Kira. —Todos irão juntar as mãos para que eu possa compartilhar a memória com todos vocês ao mesmo tempo? E antes que você pergunte, não, eu não posso ver em várias mentes de uma só vez, então todos vocês bloquearão um ao outro. —

Kira agarrou a mão estendida de Luke, observando como ele estremeceu e tomou o forte aperto da vampira sentada ao lado dele. Ela se preparou. Esta não era a primeira vez que Kira tinha visto uma lembrança de Pavia e ser sugada pela mente de alguém não era exatamente uma experiência agradável.



Virando-se para a esquerda, Kira olhou Pavia nos olhos. Havia algo frágil em seu olhar, algo vulnerável que ela provavelmente não queria que Kira visse.

—Esta é uma lembrança minha—, disse Pavia, parando a mão uma polegada acima da de Kira, —da noite em que Tristan se virou.

Abrindo os olhos em surpresa, Kira tentou falar, mas já era tarde demais. Os dedos de Pavia tocaram Kira e ela estava caindo. Sua cadeira inclinou para trás, enviando-a em um vórtice giratório, um buraco sem fim. Seus pés pareciam girar sobre sua cabeça, cores giravam em sua mente, ruídos estremeciam seus ouvidos, mas nada disso era decifrável. Até que a força da gravidade a cutucou e ela bateu de volta à terra no corpo, não dela própria...

Ela estava correndo, mais rápido do que ela havia corrido em cinquenta anos, mais do que o pequeno espaço que a horrível concha de vidro permitira. Ela se sentia livre, mais livre do que ela jamais poderia ter feito antes. O cativeiro era esmagador da alma e o peso havia sido tirado de seus ombros. Ela sentiu como se pudesse voar, como se seus pés, já bombeando a uma velocidade desumana, acabassem se livrando do chão e a impulsionassem para frente apenas com base na vontade.

A casa estava desaparecendo atrás dela, brilhando de chamas dançando através das janelas, esperançosamente engolfando Aldrich inteiro.

Aquele homem malvado.



Ele pagaria, ele estava pagando, mesmo que não fosse sua vingança, a ideia ainda era doce em seus lábios. Um sabor açucarado fazendo crescer sua fome.

Ela precisava encontrar um humano. Agora.

Recusando-se a parar de correr, ela espiou pelo ar escuro, esperando por um lampejo de luz para guiar-se em direção a uma casa, mas a paisagem estava silenciosa, exceto pelas chamas que ainda batiam em seus ouvidos.

Mas ela não voltaria lá. Nunca. Não para ninguém.

Os condutores a libertaram e a deixaram ir, uma fuga dupla, uma que ela não podia tentar. Nem mesmo para

Um grito perfurou a noite.

Ela parou.

Ela reconheceu esse grito.

Kira

Kira gritando como se sua vida estivesse sendo arrancada de seu corpo, o que significava uma coisa - Aldrich estava escapando.

Hesitando por um segundo, ela girou nos calcanhares. Aldrich tinha que pagar.

A casa estava quase escura, cheirando a carne queimada e luz do sol e um doce e delicioso sangue que a provocava. Ela deixou seus sentidos puxá-la para frente, já que o fogo de antes



tinha morrido. O fogo que ela tinha certeza de que Aldrich iria queimar.

Enquanto a casa aumentava, ela diminuiu a velocidade. Ela podia sentir o cheiro deles, todos os condutores ainda na casa, à espera de instruções. Mas ainda assim, eles estavam todos quietos, então Kira não poderia estar morrendo. Mas ela estava choramingando, seus gritos soaram suavemente durante a noite.

Havia uma janela à frente.

Ela se aproximou silenciosamente, escondendo-se na escuridão que sentira falta, espiando pela casa em direção à comoção.

Havia Kira. Ela estava ajoelhada no chão, sua mão parou acima de um corpo de carne queimada, lágrimas escorrendo pelo rosto enquanto seus olhos se alargavam.

Aldrich. Tinha que ser.

Mas o que Kira estava fazendo? Ela estava prolongando a matança? Faça. Mais rápido. Apenas tenha certeza que ele se foi.

E então chamas apareceram da palma de Kira, afundando lentamente na pele queimada do vampiro em seus joelhos.

Vá, vá, ela pensou, insistindo com Kira com suas preces silenciosas. Seria uma morte lenta, dolorosa como ele merecia. Sua pele estava escurecendo, derretendo, afundando no chão, mas espere. O que?

A mão dele.



Ela olhou para a mão dele. Poderia ser?

A pele estava descascando, pétalas queimadas caíram no chão, caindo no pó. Mas em seu lugar havia carne rosa, nova, sem cicatrizes, intacta e vibrante com a vida.

Mate-o, ela queria gritar. Mas a pele fresca e brilhante se espalhou mais, subiu pelo braço, dos dedos dos pés até a coxa, revelando uma pele nua de seda de bebê. Até que finalmente seu rosto apareceu - ossos da face esculpidos que levavam a lábios convidativos quase sorriam num sorriso. Ele era lindo.

Ele definitivamente não era Aldrich.

Cabelos cresciam no couro cabeludo, negros como a noite, emoldurando os olhos que permaneciam fechados.

Fechados.

Até que ele se sentou, abrindo novos olhos, novos olhos castanhos ou talvez velho.

E então ela caiu para trás, para trás, para trás...

Kira sacudiu a cadeira, quase esperando pousar na terra fria do interior da Inglaterra. Pavia voltara naquela noite? Ela queria tanto Aldrich que voltou para terminar o trabalho sozinha? E talvez, apenas talvez, parte dela tivesse voltado para garantir que Kira ainda estivesse viva, que Aldrich não tivesse vencido.

Mas ela chamara Tristan de bonito, e o que era esse sentimento que vinha com seus pensamentos, algo quase quente apesar da natureza fria de seu corpo.



Um punho se torceu no estômago de Kira. O que-

—Então agora você já viu,— Pavia disse fracamente quando ela tirou a mão de Kira e tossiu baixinho. —Eu o vi mudar com meus próprios olhos, e agora todos vocês viram isso também.

—Isso foi,— Nariz de Falcão lambeu os lábios, virando-se para Kira com um sorriso calculista, —você pode fazer isso de novo?—

Nove outras faces pálidas se voltaram para ela, e até Luke não conseguiu desviar o olhar.

É isso, Kira pensou, o momento da verdade. Bem, não é verdade, o momento da incrível mentira. A verdade é que ela não fazia ideia. Para todos Kira sabia, ela estava se transformando em um vampiro, caindo em um buraco de escuridão tão profundo que nenhuma quantidade de luz solar poderia salvá-la. Por tudo o que ela sabia, suas chamas mal podiam queimar um vampiro, muito menos trazer um de volta dos mortos. Por tudo que ela sabia...

—Sim, eu definitivamente posso fazer isso de novo—, disse Kira, exultando a confiança, —mas por um preço. —

Aldrich tem que morrer.

Fim da história.

—Sua guerra?— Nariz de Falcão falou novamente. Kira assentiu. Sua guerra.



—E o que exatamente é que você quer?— Um novo vampiro perguntou, um que exalava idade e sabedoria apesar de sua aparência jovem e musculosa.

—Aldrich ameaçou não só eu, mas meus amigos e familiares, e ele precisa ser detido. Nós temos que matá-lo.

—E por que você precisa da nossa ajuda?—

—Porque eu não acho que ele está agindo sozinho desta vez. Ele tentou antes e quase foi destruído. Desta vez ele vem com reforços

—Reforços que, devo acrescentar, precisaremos matar de qualquer maneira—, interveio Pavia. —Não é como se a comunidade de vampiros estivesse realmente conosco tentando voltar para trás. Precisamos mostrar que ninguém pode nos impedir de nos tornarmos humanos novamente.

—Então, precisamos descobrir o plano dele?— A mulher ao lado de Luke perguntou. Ele se inclinou para perto de Kira com um tom ligeiramente verde em seu rosto.

—Sim, um de vocês precisará agir como um espião para descobrir o que ele está fazendo—, afirmou Kira, olhando em volta para os rostos de ferro. —Uma vez que sabemos o seu plano, podemos fazer o nosso próprio. —

—Quaisquer voluntários?— Luke perguntou, tentando abafar seu sorriso quando ninguém saltou para a honra. Kira revirou os olhos e apertou o joelho debaixo da mesa. Isso não estava ajudando...



—Eu vou fazer isso—, disse Nariz de Falcão. —Mas supondo que eu possa me infiltrar em seu grupo e aprender seu plano, que garantia temos de seguir adiante? Você pode matá-lo?

—Sim—, disse Kira, sua voz como gelo.

—Você deixou ele ir duas vezes antes.

—Terceira vez é um encanto, certo?— Ninguém parecia convencido. Então Kira engoliu seu orgulho.

Ele estava certo, não importava como você olhasse, o histórico dela era ruim. Na primeira vez, Aldrich havia escorregado de uma janela para a Baile de Rosa Vermelha, provocando-a com a ideia de sua mãe. Mas a segunda vez, isso foi totalmente culpa de Kira. Ela deixou-o ir para se salvar - não para salvar Tristan, que ela nem percebeu que estava queimando, mas para se salvar de se entregar ao mal que espreitava dentro dela.

A força de vontade seria suficiente para mantê-la sensata o suficiente para matá-lo desta vez?

—Eu admito, tudo bem, Aldrich não misteriosamente escapou na Inglaterra, eu deixei ele ir—, houve uma inspiração aguda pela sala, —eu deixei ele ir porque eu senti Tristan morrendo—, Kira se recusou a olhar para Luke, no confuso julgamento em suas íris ardentes, —Eu senti ele queimando dentro das minhas chamas, e decidi que não valia a pena sacrificar sua vida para acabar com a de Aldrich. E mesmo assim, quase o perdi. Mas com vocês lutando comigo, isso não vai acontecer. Eu posso acabar com ele - facilmente.

—Então eu vou lutar com você—, disse Nariz de Falcão.



Do canto da visão, Kira viu os lábios de Pavia se contorcerem. Seus olhos começaram a brilhar em um suave azul royal, um tom satisfeito.

—Eu também estou—, disse Pavia enquanto pegava seu copo, —obviamente eu quero um pouco de retorno. —

A mulher ao lado de Luke foi o próximo, e então o homem ao lado dela se juntou a eles. O homem de fala mansa do outro lado da mesa concordou com Kira, e em poucos minutos, todos os vampiros na sala haviam prometido sua lealdade - verbal e verdadeira. A coisa engraçada sobre vampiros era que você sempre poderia chamar uma mentira, os olhos deles diziam tudo. E logo em seguida, dez pares de olhos azuis muito brilhantes e muito gelados brilhavam com a vida ao redor da mesa.

Na verdade, o único par de olhos que pareciam irritados do que excitados eram os verdes flamejantes ao lado de Kira - os que a olhavam para baixo, lendo cada mentira corada em seu rosto. Ele sabia que algo estava acontecendo, que havia algo que ela não havia dito a ele, algo que ela estava escondendo de todos ao redor da mesa.

Mas Kira o ignorou, porque ela tinha seu exército.

—Por quê?— Luke perguntou. Kira chutou ele debaixo da mesa. O que você está fazendo, ela pensou, fique quieto.

Ele arrastou a cadeira a uma polegada de distância dela.

—Por que vocês estão tão ansiosos para lutar com ele, para serem humanos?



—Você nunca poderia entender,— a vampira próximo a Luke disse suavemente, olhando-o cansadamente.

—Você está certo, eu não sei. Eu passei minha vida inteira tentando proteger os humanos de vocês, e agora ao invés de matá-los para querer se tornar um?

—Talvez eu esteja cansada de toda a matança—, ela disse, com um sorriso triste nos lábios, —mas, novamente, talvez eu esteja cansada de não me importar que uma assassina seja o que eu me tornei. —

Luke abriu a boca, pronto para avançar, os olhos se estreitando com suspeita.

—Tudo bem, então—, Pavia disse, pulando de sua cadeira para parar a conversa antes de ir mais longe. —Kira, Luke, por que você não entrega condutos malucos? Eu vou sair com você.

Pavia partiu para a porta e Kira agarrou Luke, praticamente puxando-o para fora de seu assento. Ela não disse uma palavra até que eles estavam no ar fresco.

Kira moveu os ombros para trás, pronta para se manter firme, mas antes mesmo de abrir a boca, Pavia atacou Luke, enfiando o dedo com força em seu peito.

—Tudo bem, Luke. O que é que foi isso?—

Kira cruzou os braços, assentindo em concordância e olhando Luke para baixo.

—Eu não confio em vampiros—, ele teimosamente respondeu, mas um olhar apoloético puxou seus olhos.



—Bem, também não confiamos em você—, disse Pavia, como se estivesse falando com imbecis, —mas isso não significa que não possamos fazer negócios. Você quer manter sua namorada viva ou o quê?

—Sim—, disse Luke, —mas—

—Bem, se você a quer viva, temos que matar Aldrich, e se você quiser matar Aldrich, vai precisar de nós. Caso você não tenha percebido, os canais não estão exatamente apoiando você agora - fugitivos.

Pavia tirou a franja do rosto, reunindo suas forças antes que Luke pudesse falar. —E se você é tão duvidoso, talvez você deva ir. Nós podemos fazer isso sem você. —

—Agora, espere um minuto—

—Não, você espera—, Pavia se inclinou para mais perto e Luke recuou, seu rosto a definição de choque enquanto ela rosnou para ele, —você quer saber por que um vampiro pode querer ser humano? Dê uma olhada em si mesmo. Eu sei tudo na sua cabeça. Eu sinto seu coração bater toda vez que Kira entra em um quarto. Eu sinto seu sangue aquecer quando ela encontra seu olhar. Eu ouço a dor puxando seu peito, cambaleando, quando você pensa em perdê-la. E você já pensou que talvez seja por isso que eu quero ser humana? Então eu posso sentir essas coisas por mim mesma sem viver indiretamente através de um canal como você? Vampiros não podem estar apaixonados, e eu sei que Kira não quer ouvir isso, mas é verdade. E qual é a eternidade vale a pena se você está sempre sozinho? Nada. Absolutamente nada. —



Pavia se virou para Kira, que se encolheu sob seu duro olhar, —Kira, te vejo amanhã. Eu lhe devo algumas lembranças antes que toda a luta diminua. —

E com isso, Pavia girou nos calcanhares, chicoteando Luke no rosto com o cabelo preto longo e ondulado.

Luke, por sua vez, parecia ter sido atingido por algo muito pior... algo mais como um caminhão.

—Ela gritou comigo—, Luke disse, impressionado.

—Sim, um grito muito bom também—, disse Kira, tentando o seu melhor para não rir. Um pequeno sorriso escapou apesar de seus melhores esforços.

—Quero dizer, ela realmente gritou comigo. — Ele ficou em estado de choque.

—Sim, bem, você mereceu. Ela meio que roubou meu trovão na verdade, eu estava toda preparada para gritar com você também. —

—Mas quando você grita comigo é fofo, quando ela grita comigo—, um arrepio percorreu sua espinha, —é assustador. —

—Eu me ressinto disso. —

—Ei, espere um segundo—, Luke desviou o olhar para olhar Kira bem nos olhos, —eu ia gritar com você. —

Ela desviou o olhar e começou a descer o caminho de tijolos, de volta para a calçada do lado de fora do restaurante.



—O que foi aquilo lá atrás?— Ele perguntou, alcançando-a rapidamente.

—O que?

—O que? Ha! Você sabe o que. Dizendo que você não matou Aldrich por causa de Tristan, eu sei a verdade, você não tinha ideia sobre Tristan. Por que você mentiu? O que você está escondendo?— Luke pegou a mão dela, fazendo-a parar de andar antes de abrir a porta do carro dele.

Kira não encontrou seu olhar. Ela não estava pronta, para dizer a ele que ela poderia estar se transformando na única coisa que ele mais desprezava no mundo.

E foi quando ela se lembrou da segunda fase do plano de hoje à noite. A primeira fase estava completa - ela tinha seu exército e não havia como Aldrich escapar. Mas ela não tinha nem começado a próxima fase, aquela que fazia Luke saber que ela realmente o amava também, que ela estava pronta para deixar Tristan ir.

Então Kira usou a melhor tática de distração que pôde imaginar. Ela agarrou o rosto impaciente de Luke e o beijou.

Sucesso.



OITO

—Pare!— Kira soltou o volante para tirar a mão de Luke do rosto dele.

—Sério, para onde estamos indo?— Ele disse, pegando sua venda novamente. Kira entrou em outro tapa.

—Você nunca ouviu falar de uma surpresa antes?

—Talvez eu simplesmente não confie em você com meu carro—, ele disse, —é o carro de um homem.

—Por favor, eu já dirigi sua caminhonete antes.

—Tudo bem—, ele suspirou, —o não saber é apenas me matar. Você pega meu rosto, me beija - não reclamando disso de jeito nenhum - e então força uma venda nos meus olhos e me empurra no carro. Não tenho certeza se estou sendo sequestrado ou tomado em um encontro... —

—Nem—, disse Kira, provocando outro suspiro pesado de Luke, que começou a bater o pé no chão do carro.

—Bem, se você não me disser para onde estamos indo, você pelo menos vai me dizer uma coisa?—

—O que?— Kira perguntou, voltando sua atenção para a estrada, que estava mal iluminada e alinhada com carvalhos. Não é exatamente ideal para dirigir distraída.



—Por que você disse que Tristan foi a razão pela qual Aldrich escapou?

Kira suspirou. Não isso de novo.

—Porque eu não queria dizer a verdade.

—Que foi...?— Luke disse, deixando a abertura.

—Que ele fugiu - que ele me bateu. Nós precisamos deles do nosso lado. — Kira apertou o volante e suas mãos suadas esfregaram duramente contra o couro.

Ela segurou a respiração, esperando pela resposta de Luke.

—Eu não compro isso. —

Kira exalou com raiva. Como ele a leu tão facilmente? Tristan teria deixado ir, teria querido apaziguar ela, mas não Luke.

Não querendo ir até lá, Kira estendeu a mão e soltou o nó atrás da cabeça de Luke enquanto tentava não bater o carro.

—Agora eu sei que você está escondendo alguma coisa—, ele empurrou.

—Para sua informação—, disse Kira, enquanto suas palmas se aqueciam no volante e sua voz subia uma oitava, —eu estava tentando ser romântica hoje à noite. Então você vai desistir por enquanto?

—Por enquanto—, ele deu de ombros e desviou o olhar pela janela. —Estamos indo para Folly Beach?—



Kira revirou os olhos. Tanto para o plano.

—Sim, se você deve saber. —

Ele assentiu, mordendo o lábio inferior para não sorrir.

—O que?— Kira perguntou. Ele estava prestes a estourar, mas ele balançou a cabeça. —O que?— Ela insistiu.

—É só—, ele começou a rir, —você deveria virar à direita cerca de uma milha atrás.

Kira rosnou baixinho, um pequeno empurrão. —Você quer dirigir também?—

—Você está oferecendo?— Ele sorriu, alcançando o volante.

—Não,— Kira retrucou, mas cometeu o erro de olhar para ele. Assim que ela viu o sorriso dele, sua máscara de raiva rachou. —Deus, você é tão chato—, ela riu, —eu queria estar com raiva de você. —

—Eu sei—, ele falou, claramente orgulhoso de si mesmo. Kira balançou a cabeça, tentando reprimir seu sorriso, mas ficou largo.

Por que ele tinha que estar certo sobre isso? Ela apertou os olhos, pesando suas opções, antes de suspirar e dar uma volta no meio da rua vazia.

Luke explodiu, todas as intenções de acalmá-la desapareceram.



E, depois de um minuto tentando permanecer estóica, Kira também.

—Ok, ok, eu nunca mais vou jogar de novo, apenas aguarde comigo por mais alguns minutos. Estamos quase lá. —

Ela voltou para a estrada, culpando as perguntas incessantes de Luke pelo erro. Uma inscrição no lado esquerdo da estrada indicava seu próximo turno e, depois de alguns minutos, Kira estava estacionando em uma área de estacionamento ao lado do calçadão. Ela desligou o motor e saiu do carro.

Luke seguiu o exemplo, esperando por ela na frente do carro desde que suas pernas mais longas o levaram mais rápido.

Kira respirou fundo - agora ou nunca.

Agora, ela decidiu e pegou a mão de Luke, surpresa pelo súbito enxame de borboletas em seu estômago. Ao lado dela, Luke engoliu em seco, apenas alto o suficiente para Kira ouvir. Ele sentiu isso. A sensação de que algo significativo estava prestes a acontecer, algo que poderia mudar tudo.

Kira conduziu Luke pelo calçadão, cada um deles silencioso, ouvindo o vento agitar as dunas gramadas. A praia era um lugar diferente à noite. Longe estava a multidão, as crianças gritando, os guarda-chuvas brilhantes, as guerras de água. Estava calmo. As ondas não espirraram, elas rolaram, brilhando com a luz das estrelas. A lua foi o suficiente para iluminar um caminho através da areia fofa, e Kira seguiu a trilha até que seus nervos endureceram o suficiente para impedir que seus pés retardassem suas palavras por mais tempo.



Luke sentiu isso antes de seus pés pararem. Ele sabia que Kira estava pronta antes de ela mesma, mas ele estava certo.

Virando-se para a água, Kira se abaixou até pousar suavemente na areia. Luke afundou ao lado dela, segurando a mão dela quando ela tentou se afastar.

Um arrepio percorreu a espinha de Kira, enviando arrepios para seus membros.

—Você provavelmente está se perguntando por que eu queria vir aqui?—

Luke deu de ombros, forçando Kira a continuar.

—Bem, a coisa é—, ela fez uma pausa, pensando: —Eu acho que eu só queria—, ela parou de novo, esfregando a mão livre ao longo de sua coxa. Por que ela não planejou melhor o seu discurso?

Kira olhou para Luke, consolando-se com o fogo que brilhava em seus olhos, e de repente as palavras caíram.

—Você é meu melhor amigo, meu rock, sabe? E é disso que este lugar me lembra - o dia em que meu mundo inteiro se desfez, deixando apenas você para me pegar. Tristan era um vampiro, meus pais não eram meus pais, eu não era humana, minha vida inteira tinha sido uma mentira, e tudo tinha mudado, mas não você. Você estava lá, me consolando, me segurando à tona como sempre, e acho que é por isso que eu queria vir aqui. Naquele dia, você se tornou o melhor amigo que eu já tive, e eu queria que você soubesse disso. —



Kira olhou para Luke, para o cabelo loiro que ainda parecia brilhar do sol, para o nariz ligeiramente torto quase completamente coberto de sardas, para o sorriso permanentemente colado aos lábios.

—E pelo que tem sido quase um ano, é o que você tem sido para mim. Um melhor amigo. Até que percebi alguma coisa, por que meu melhor amigo não era meu namorado? Quando eu estava na Inglaterra, não foi o Tristan que me fez passar, foi você, só de pensar em você me fez sentir melhor. E isso é estranho, certo? E eu ainda faço isso. Sempre que preciso me sentir melhor, meio que olho na sua cabeça, e sei que prometi que não leria mais seus pensamentos, mas faço isso o tempo todo, porque é como tomar uma pílula feliz e...

Kira respirou fundo. Ela estava chegando ao ponto sem retorno.

—E eu pensei sobre o que você disse, no baile. Você disse que percebeu que estava apaixonado por mim depois de pensar que quase me perdera, e acho que foi o que aconteceu comigo também. Quando deixei você no aeroporto, achei que tinha perdido você, que você nunca me perdoaria e não sabia o que fazer comigo mesma.

Deus, vá direto ao ponto, Kira gritou consigo mesma, mas ela não conseguia parar de divagar. Por que ela se sentiu tão exposta? Era Luke, ela nunca estava nervosa na frente dele, mas de repente todas as formas de finesse tinham escapado dela.

—Eu acho que o que eu estou tentando dizer é que eu não me importo que Tristan seja humano, e eu não me importo que





ele não se lembre de mim, porque eu ainda tenho você e eu acho que é tudo que eu sempre precisei em primeiro lugar, e—

—Kira?

Ela engoliu em seco.

—Cale a boca,— Luke disse, alcançando atrás de sua cabeça para puxar seu rosto para o dele.

No minuto em que seus lábios se tocaram, o cérebro de Kira parou de funcionar. Sua mente, já vulnerável, soltou completamente e as emoções de Luke caíram em sua cabeça em um turbilhão vertiginoso de luzes, um show de fogos de artifício salvos apenas para ela.

E Kira desejou que Luke pudesse sentir seus pensamentos também, a maneira como sua excitação borbulhava ao lado dele, espalhando seus braços, seguindo cada toque dele. E mesmo que as chamas não estivessem brotando de suas mãos, elas se sentiram em chamas quando agarraram a nuca e viajaram por sua espinha, até o estômago.

Com fome de mais, Kira empurrou Luke para baixo, caindo com ele na areia, gostando de como seus corpos eram moldados juntos. Seu peito longo e magro segurava seu peso facilmente, e seu braço envolveu suas costas, trazendo-a para mais perto, deslizando sob a bainha de sua camisa para provocar sua pele levemente.

E quanto mais perto eles se fundiam, mais Kira sentia o sol viajar através de seu corpo, espalhando um brilho quente, uma sensação de paz em seus membros.



Incapaz de controlá-lo, suas chamas se infiltraram, circulando as duas em seu fogo. Mas não mais presas, as sombras seguiam silenciosamente.

Seu sangue se transformou em mel - ou era o sangue de Luke. Sua pele parecia doce em seus lábios, quase açucarada.

Kira moveu os lábios para sua bochecha, deixando seu suspiro tremer em seu ouvido. Ela beijou a linha de sua mandíbula, a pele lisa, recém-raspada.

Ela seguiu a trilha por sua garganta, a doçura xarope provocando seus sentidos, até que algo começou a cantar para ela, um pulso pulsante, uma suave percussão sob sua língua...

—Kira?— Luke empurrou contra ela.

Ela se sentou confusa. Qual foi esse cheiro?

—Você acabou de me morder?—

—O que?— Ela perguntou, seus olhos se concentrando como lasers em seu pescoço. Não havia sangue. Ela soltou a respiração, até que viu marcas de dentes cavando em sua pele.

—Você acabou de morder meu pescoço?—

—Hum, talvez... — Ela se mexeu, afastando-se dele. O mel em sua pele ainda estava provocando ela.

—Por que você acabou de me morder?— Ele perguntou, como se estivesse falando com uma criança.



—Eu me perdi no momento?— Ela disse, nem mesmo se convencendo. As sobrelanceiras de Luke se franziram. A excitação em suas pupilas rapidamente se esgotou, tornando-se dura e exigente.

—Kira— Sua voz era uma rocha imóvel.

Ela ficou. Ela teve que escapar. Isso não deveria acontecer, não para Luke e ela.

Antes de Kira perceber o que estava acontecendo, ela estava correndo. Seus pés batiam contra a areia sólida, batendo junto com o batimento cardíaco.

Luke gritou atrás dela, mas ela não conseguia parar. Não foi a hora. Ela não estava preparada para perder Luke quando finalmente descobriu o que ele realmente significava para ela.

—Kira!—

Mais perto desta vez. Ele era mais alto, suas pernas eram mais longas, mais rápidas. Kira se virou para a direita, procurando por um calçadão nas dunas. Seus instintos de fuga haviam entrado em ação, empurrando-a para a ultrapassagem e tudo o que ela conseguia pensar era estar longe. Não importava que ele nunca parasse de questioná-la, que da próxima vez que a visse não a deixaria ir. Agora ela não sabia o que dizer ou o que dizer a ele.

Uma mão envolveu seu pulso, empurrando-a para trás. Kira torceu o braço, escapando do aperto de Luke, mas um braço envolveu sua cintura, levantando-a do chão. Ela chutou descontroladamente, fazendo tudo o que podia.



Luke amaldiçoou e soltou-a, mas quase antes de seus pés baterem no chão, ele a girou e a abraçou perto de seu peito.

Kira bateu seus músculos com os punhos, contorcendo seu corpo para soltar seu aperto. Nada. Seus braços eram de ferro, prendendo-a.

—Deixe-me ir—, disse ela, ainda tentando se libertar.

—Kira, o que está acontecendo?

—Eu não posso—, ela continuou empurrando contra ele, se esgotando.

—Kira—, ele acalmou, o aço desapareceu de sua voz.

—Não, Luke—, sua voz falhou, espelhando a maldita ruptura dentro dela. Ele estava abrindo a comporta, mas seria tão bom finalmente conversar com alguém. Mas ele nunca olharia para ela da mesma forma...

O corpo de Kira caiu. Toda a energia dela foi drenada. Luke afrouxou o aperto, apenas o suficiente para encontrar seus olhos.

—Kira, por favor fale comigo. — Preocupação encheu seus olhos, amortecendo as chamas amarelas em torno de suas íris e iluminando os tons quentes de pinho verde.

—Eu quero. —

—Então faça. —

Kira sacudiu a cabeça. Frustração se reuniu em seu rosto.

—Por que não?—



—Eu não posso te perder de novo—, ela sussurrou, agarrando a camisa dele, tentando fazê-lo entender. Seus olhos estavam arregalados, sem piscar, selvagens.

—Você nunca vai me perder—, disse ele, passando os braços para cima e para baixo em seus braços para dominar o arrepio que se acumulava lá, —eu amo você, eu prometo que nada vai mudar isso. —

—Você promete?

—Eu prometo.

Suas palavras eram firmes, mas Kira não conseguiu esmagar o nó da dúvida no fundo de sua mente. Seus laços estavam abertos, raios dourados de amor estavam entrando em sua mente, mas ainda assim, Kira sabia que isso mudaria tudo. Ela estava se virando, não podia mais negar ou ignorar.

De todas as pessoas no mundo, Luke era o único com quem ela podia falar sobre isso, mas também a última que ela queria contar. Ele era seu melhor amigo, não, ele era mais do que isso, muito mais. E foi por isso que a boca dela ficou aberta, esperando que as palavras saíssem, porque ela não queria nenhum segredo entre eles. Ela tinha estado nessa estrada antes e quase o perdera.

Então, de pé sob as estrelas, envolto no calor de seus braços e a luz do sol fluindo em suas veias, ela pensou por um segundo que talvez tudo desse certo... apenas talvez.



Kira olhou para o seu olhar firme e respirou fundo. Ela confiava nele mais do que em qualquer outra pessoa no mundo. Ele não iria deixá-la para baixo, ele nunca teve antes.

—Eu acho que estou me transformando em um vampiro... um vampiro original. —

Luke caiu.

Seus joelhos desmoronaram, curvando-se para fora, de modo que ele pousou no estilo indiano no chão. Kira caiu em seu colo, provavelmente esmagando suas pernas, mas ele não fez nenhum som. Seu rosto estava congelado - seus lábios formaram um pequeno círculo surpreso e suas sobrancelhas se curvaram para dentro, franzindo a testa.

Sem saber o que fazer, Kira continuou falando, incapaz de parar porque cada palavra parecia um peso saindo de seus ombros. Ela não estava mais sozinha.

—Os Punidores estavam certos. Eu sou perigosa. Estou caindo, como eles disseram, e fica pior a cada dia que parece. E isso me surpreende o tempo todo, subindo em mim quando menos espero. E eu não sei como parar ou o que fazer. Quando uso meu poder, sinto a escuridão dentro de mim, tentando escapar. E eu mordi... eu mordi um vampiro. E quase minha mãe. E eu teria apenas mordido você se você não tivesse me parado. — Kira apertou a cabeça, caindo mais fundo no peito de Luke, — Oh Deus, o que está acontecendo comigo? Eu não confio em mim mesma, e pior, eu não confio em meu poder, meu fogo, minha alma... —



Kira parou. Uma dor cresceu em sua cabeça, saindo de suas têmporas e descendo pelo pescoço. Não importa o quanto ela segurasse o cabelo, a dor não iria embora. E ela ainda podia sentir o cheiro da doçura do sangue de Luke, podia sentir o gosto em sua língua.

—Como isso é possível?— Ele perguntou, sua voz como uma lixa.

—Eu não sei. —

—Eu pensei... eu pensei que seu fogo era muito forte, que nós só tínhamos que nos preocupar com você perdendo o controle, queimando muito quente... Eu nunca imaginei... eu não... quando isso começou?—

—Quando Aldrich me deu seu sangue, algo mudou dentro de mim, algo escuro grudou no meu coração e eu não posso desalojá-lo—, Kira fez uma pausa, pensando mais, antes de se encontrar com Aldrich, e suspirou, —mas se eu ' Sendo honesta comigo mesmo, começou há um tempo atrás, quando meus olhos ficaram azuis... quando matei Diana sem remorso e sem arrependimento, apenas satisfação - a escuridão começou então, eu simplesmente não senti. —

—E você sente isso agora?— Luke perguntou. Sua cabeça loira levantou. Seus olhos apertaram.

Kira assentiu.

—Agora mesmo?—

—Sempre—, Kira disse suavemente. Mesmo se estivesse sob controle, Kira sentia o alcatrão preto e pegajoso se escondendo em seu coração, esperando ali o próximo momento oportuno. — É uma das razões pelas quais eu tive que deixar Sonnyville, havia muitos condutores.

—O que você quer dizer?—

Ela engoliu em seco. Era esse o ponto sem retorno ou eles já haviam passado por ele?

—Sangue de condutor—, Kira fez uma pausa quando a mão de Luke apertou seu braço, quase dolorosamente, —é o mais inacreditável... o mais insultuoso... o mais doce - quando eu perco o controle, é tudo o que consigo pensar. —

—E é por isso que você me mordeu?—

Kira assentiu.

—É por isso que você... — Luke respirou fundo, instável, e fechou as pálpebras por um momento, pensando. —É por isso que você me beijou?—

Os olhos de Kira se arregalaram em choque. —Luke, claro que não—, ela segurou as bochechas dele com as mãos, —eu juro, eu queria isso, eu, Kira.

—Mesmo?

—Mesmo.

Kira manteve o rosto dele, instando Luke a acreditar nela. Tudo o que ela queria fazer esta noite era deixar Luke saber que



ela queria estar com ele, que Tristan não estava mais na foto, mas em vez disso ela só o fez duvidar dela ainda mais. O que ela poderia fazer para fazê-lo acreditar nela?

—Luke, eu...

Ele colocou o dedo indicador no lábio dela, acalmando-a.

—Ainda não, não assim—, ele disse, com a dor gravada na aspereza de sua voz. —Estou esperando há muito tempo para ouvi-la dizer isso e não quero que nada o afogue. —

Ela assentiu lentamente, lutando contra sua incerteza.

—Por que você não me disse mais cedo?—

Kira riu baixinho. A situação não era nada engraçada, mas ele poderia se ouvir?

Ele levantou a sobrancelha, esperando.

—Luke, por que você acha? Você está pirando.

—Eu não sou, eu estou... digerindo. —

—Também conhecido como pirando.

—Bem, me desculpe—, ele disse sarcasticamente, —isso é muita informação para um cara pegar tudo de uma vez. Primeiro você me beija, depois me sequestra, depois me beija de novo, depois tenta me matar. Os sinais estão ficando um pouco cruzados.

—Eu não tentei matar você—, Kira revirou os olhos, —foi um pouco mordaz, algumas pessoas acham sexy. —



—Algumas pessoas não caçam vampiros para viver...

—Luke——

Ele levantou-a pela cintura e colocou-a ao lado dele na areia antes de se levantar. —Eu preciso pensar—, disse ele e começou a andar em círculos. Kira caiu de costas no chão, sem se importar que a areia estivesse presa em seu cabelo. Olhando para as estrelas, ela começou a contar o número de vezes que Luke andava em sua linha de visão.

1.

Dois.

Três.

Ela bocejou. Isso foi melhor do que contar carneiros.

Quatro.

Cinco.

Kira esperou pelo número seis, mas não veio. Ela não podia ouvir os passos também. Erguendo o corpo para cima, Kira examinou o horizonte, encontrando a silhueta de Luke contra as ondas quebrando, mais perto das ondas.

—Não—, ele disse de repente, girando ao redor.

—Não o quê?— Kira perguntou, inclinando a cabeça para o lado quando ele se aproximou rapidamente.



—Não—, ele disse novamente, balançando a cabeça. Suas mãos estavam fechadas em punhos quando ele passou por ela e foi para o calçadão a três metros atrás de Kira.

Ela rapidamente se levantou e correu atrás dele.

—Onde você vai?

—Eu me recuso a deixar isso acontecer—, disse ele com firmeza, gritando por cima do ombro, em vez de parar para se virar.

—Você não pode pará-lo—, disse Kira com tristeza.

—Eu posso—, ele insistiu, —porque de jeito nenhum eu vou conseguir você, só para ver você se transformar em um vampiro e perder você - não há como acontecer. Eu não vou permitir isso. —

—Luke—, Kira suspirou. Suas entranhas pareciam todas mole depois de suas doces palavras - totalmente machistas e irrealistas, mas doces do mesmo jeito.

—Não, Kira, tem que haver algo que possamos fazer. —

—Luke, não há nada. Eu verifiquei os papéis que meu avô me deu, as páginas rasgadas, eles não disseram nada sobre isso. Eu posso sentir essa coisa crescendo dentro de mim o tempo todo. Não vai parar.

Ele parou de andar, girando tão rápido que Kira correu direto para o peito dele.

—Quem é você agora?— Ele estava incrédulo.



—Hã?

—Onde está Kira? Onde está minha melhor amiga? Ela nunca desistiria e deixaria isso acontecer sem lutar. —

—Eu—, Kira começou, mas parou. Ele estava certo. O que ela estava fazendo?

—Seus pais!— Seu rosto inteiro se iluminou com a ideia. Luke segurou os ombros dela, sacudindo-a um pouco. —Seus pais, eles têm que saber alguma coisa.

—Meu pai nem sabe que sou um canal—, disse Kira lentamente, tentando entender.

—Não—, Luke sacudiu a cabeça, arregalando os olhos com exasperação, —seus pais biológicos. Seu pai era um Justiceiro. A primeira vez que você usou seus poderes, ele deve ter suspeitado que isso poderia acontecer, ele deve ter conhecido as lendas.

—Meus pais biológicos... — Kira disse lentamente, seu cérebro se descontrolando com novas idéias de repente tirando a vida. Talvez houvesse uma cura... algum tipo de solução. Mas Luke não estava esperando por ela para alcançá-lo.

—Os canais originais, os anjos dos Punidores falam o tempo todo, eles mudaram, eles descobriram. Tem que haver um jeito. — Luke girou novamente, andando rapidamente em direção ao carro.

Kira correu para alcançá-lo, correndo em direção ao carro, mas um pensamento a deteve em seu caminho.



—Pavia—, disse Kira. Por que ela não tinha pensado nisso antes?

—O que?— Luke perguntou. Ele estava ao lado de sua caminhonete, segurando a porta do passageiro aberta para ela.

- Pavia tem todas as memórias da minha mãe - disse Kira, elevando lentamente o olhar para encontrar os olhos animados e flamejantes de Luke -, se meus pais soubessem de alguma coisa...

—Pavia vai saber—, ele disse cortando-a. —Me dê as chaves.

Kira os jogou na direção dele. Ele os pegou em um movimento gracioso antes de saltar para o banco do motorista.

—Ligue para ela—, ele disse, ligando a ignição.

Kira sentiu o motor roncar para a vida embaixo dela - de algum modo lhe deu esperança.

—Diga a ela que precisamos conversar imediatamente. —

NOVE

Kira correu pela porta da frente da casa de Luke, nem mesmo parando para dizer olá para Tristan antes de gritar: — Pavia?

Sem resposta. Atirar.

Luke caminhou alguns segundos depois, muito mais calmo.

—Está tudo bem?— Tristan perguntou, sentando-se reto no sofá. Um livro de história estava aberto em seu colo.

—Sim—, disse Kira, tirando os sapatos e caindo no lugar aberto ao lado dele, —nós só temos algumas perguntas para perguntar a Pavia. —

—Há algo que eu possa fazer?—

—Não—, Kira olhou para ele forçando um sorriso forçado, —mas obrigada por perguntar. —

—Claro—, ele disse, pegando a mão dela. O calor era estranho para Kira, então ela se levantou, escapando de suas mãos.

—Alguém quer algo enquanto esperamos? Estou fazendo café.

—Faça os dois—, Luke disse, olhando para longe da janela que ele estava olhando.

—Tristan?

—Se você tem chá...

—Claro,— Kira disse e saiu da sala. Ela mordeu o lábio enquanto procurava nos armários de Luke. Sua excitação estava ficando difícil de conter. Por que ela não tinha pensado nisso antes? Os pais dela. Claro que eles tinham que saber alguma coisa. Mas não, Kira repreendeu e começou a cafeteira, era muito cedo para ter esperanças.

Ela colocou as mãos no balcão, acalmando-as contra a pedra fria, desejando que o tremor em seus dedos parasse.

Seu pé começou a bater em vez disso.

—Então, qual é a grande emergência?

—Pavia!— Kira pulou, agarrando seu coração. A vampira estava de pé na porta dos fundos de Luke, esperando para ser deixada entrar. Apressadamente, Kira puxou a maçaneta. — Graças a Deus você está aqui. —

—Isso não é algo que eu ouço com muita frequência—, Pavia sorriu, colocando uma mecha de volta na testa.

A cafeteira tocou, fazendo Kira pular de novo.

—Eu ouvi—, Luke bateu a cabeça na esquina, sorrindo quando viu Pavia lá. —Venha para a sala de estar—, ele pediu, agindo de repente hospitaleiro.

Kira deu-lhe uma xícara de café e seguiu os dois para o outro quarto, parando para dar chá a Tristan antes de tomar o



mesmo lugar no sofá. Pavia e Luke sentaram-se diante deles em duas cadeiras.

—Então, o que aconteceu nas últimas duas horas que tem vocês dois tão conectados?— Os olhos de Pavia foram para os polegares de Luke e para o pé de Kira.

—Provavelmente é mais fácil mostrar a você—, disse Kira e esticou o braço, —basta dar uma olhada na minha memória mais recente. — Pavia levantou as sobrancelhas, surpresa, mas roçou os dedos de Kira com os seus.

Em vez de um vórtice apressado, houve uma dormência que se instalou sobre o corpo de Kira, uma sensação de que ela não estava mais no controle de sua própria mente. Algo rastejou sobre sua pele, confundindo seus pensamentos e enviando um arrepio por sua espinha.

Pavia se afastou.

—Você está falando sério?—

—O que está acontecendo?— Tristan perguntou humildemente.

—Kira aqui, a mesma Kira que prometeu transformar a mim e cerca de uma dúzia de outros vampiros assustadores em humanos, está se transformando em um maldito vampiro original!—

Ah, bem, Kira engoliu em seco, ela momentaneamente esqueceu a promessa.



—Tudo bem, vou ser capaz de te virar—, disse ela, tentando acalmar Pavia.

—Sério? Você mal podia ficar com a Loira por aqui antes de entrar no psicoduto.

—Ela será capaz de fazer isso—, pressionou Luke, —mas precisamos da sua ajuda.

—Bem, o que mais é novo?—

—Se você quer ser humano, eu farei isso acontecer, eu prometo—, disse Kira, inclinando-se para a vampira atualmente em pânico.

—Como?—

—Achamos que pode haver uma cura—, disse Luke.

—Você pensa?—

—É aqui que precisamos da sua ajuda—, suspirou Kira. —Preciso lucrar com essas lembranças. — Uma pequena pontada de dor sacudiu seu peito. Ela estava esperando por mais lembranças de seus pais, mas não assim. Ela queria apreciá-los, conhecer sua família, não se apressar com um motivo oculto.

—O que você precisa ver?—

—Meu pai era um Justiceiro, achamos que talvez ele sempre soubesse que isso poderia acontecer, que talvez ele soubesse de alguma coisa—, Kira fez uma pausa, lambendo os lábios repentinamente secos. —Você pode ver se minha mãe conversou com ele sobre isso?—



—Essa não é uma vantagem muito forte—, disse Pavia, duvidoso.

—Por favor,— Luke levantou a cabeça, olhando para a vampira - uma sugestão de desespero em suas palavras, um olhar ligeiramente perdido vazou em seus olhos de fogo. —Por favor, é tudo o que temos. —

Pavia encontrou seu olhar, hesitando, antes de soltar um enorme suspiro e sacudir a cabeça. —Jesus, quando eu me tornei um programa? Eu preciso do meu vampiro de volta. —

—Então você vai ajudar?— Kira perguntou.

Ela soprou sua franja de ébano de sua testa. —Sim, eu vou ajudar. Mas é melhor que você seja capaz de me tornar humana quando tudo isso acabar, porque toda essa coisa compassiva não funciona tão bem no meu mundo. —

—Feito—, disse Kira, apertando os lábios para não sorrir como uma garotinha. Ela sacudiu os olhos para Luke, que já estava olhando para ela, sorrindo como o próprio sol. Calor fluiu através do vínculo, afundando em seus membros, enchendo-a de esperança. Não acabou, ainda não.

—Vocês dois estão enjoativos—, disse Pavia enquanto se levantava, —me dê um minuto para ver se consigo encontrar alguma coisa. —

Kira assentiu distraidamente, sem romper o contato com Luke. Por que ela não disse a ele antes? É claro que ele saberia o que fazer, ele tinha esse jeito de resolver todos os problemas dela.

—Kira?— Uma voz suave perguntou.

Tristan, Kira pensou, porcaria. Ela tinha esquecido totalmente que ele estava lá. Quão horrível ela era?

—Sinto muito—, ela olhou para ele, lendo as rugas confusas em seu rosto, o ligeiro olhar para seus olhos castanhos quentes e questionadores. —Deus, nós deveríamos ter explicado isso para você antes de contarmos tudo a Pavia. É apenas...—

O que ela poderia dizer? É só que ele não entendeu mais? É só que ele não pertence mais a este mundo? É só que ela não sabia mais falar com ele?

—Eu não quero que você se preocupe comigo—, Kira concordou com isso, —você já tem o suficiente no seu prato. —

—Preocupar-se com você parece meio natural—, ele disse, com um leve sorriso nos lábios. Kira revirou os olhos. Isso foi tão... Tristan. Mas foi bom ao mesmo tempo, quase nostálgico.

—Você não precisa—, ela apertou a mão ao lado da sua no sofá, —eu tenho uma estranha sensação de que talvez tudo dê certo—, ela olhou rapidamente para Luke, —para todos os três. — Kira olhou para Pavia, ainda andando atrás do sofá. Talvez funcionasse para todos os quatro, se Kira conseguisse manter o tempo suficiente.

Pavia parou de andar.

—Eu poderia ter encontrado algo...

—O que?— Kira interrompeu, sua ânsia levando o melhor dela.



Pavia deu-lhe um olhar aguçado - parecia dizer por favor cale a boca. —Estou mostrando vocês dois ou apenas Kira?—

—Eu.

—Nós dois.

Luke e Kira falaram ao mesmo tempo.

Pavia olhou para ela, sorrindo. Ops, Kira pensou e tossiu. — Uh, nós dois. —

—Vamos fazer isso, então.

Kira assentiu e Luke também. Tristan pegou seu livro de novo, e apesar de machucar Kira não incluí-lo, esta não era mais sua vida. Ou ela esperava que em breve não seria.

Pavia levantou a cadeira e pôs as mãos para fora. Bloqueando os olhos, Kira e Luke estenderam a mão ao mesmo tempo, completando o vínculo.

E como a última vez que Kira se conectou com as lembranças de sua mãe, em vez de cair, ela sentiu como se estivesse flutuando, deslizando calmamente como uma pluma em uma brisa de primavera. Foi um processo gentil. Os pensamentos a receberam, sentiram que ela era da família, que talvez ela devesse estar lá.

Luzes dançaram diante dela, borrando a sala de estar de Luke e caleidoscopiando sua visão. Cores frias e quentes misturavam-se sem rima nem razão, girando e girando através de um prisma que se movia lentamente, até que lentamente o azul se dirigiu para o periférico, desaparecendo por completo. Os



verdes desapareceram em seguida, vazando lentamente da visão de Kira. Os vermelhos e laranjas suavizaram-se a um tom escuro e os roxos mudaram para um negro de ébano. O amarelo ficou brilhante e vibrante, piscando diante dela quase como um... e de repente Kira estava lá, revisitando sua mãe da única maneira que ela faria...

Fogo, sempre desceu ao fogo. O fogo acendeu no coração de sua pequena cabana escondida, as chamas há poucos minutos dançando em sua palma, ou as que ela sabia estavam escondidas dentro da menininha dormindo em seu peito. Tudo em seu mundo sempre parecia descer ao fogo.

Três dias - seu mundo havia mudado exponencialmente em tão pouco tempo. Mas ela estava em casa, porque sua pequena cabana na floresta finalmente parecia um lar para ela, agora que sua filha recém-nascida estava lá, descansando em seu peito, fazendo toda a vida parecer real pela primeira vez.

—Lana?

—Shh—, ela disse baixinho para o marido Andrew, —acho que ela pode estar dormindo. — Os olhinhos minúsculos de sua filha estavam fechados, sua mão quase impossivelmente pequena havia soltado e agora descansava suavemente no peito de sua mãe, bem ao lado de seu coração.

Três dias atrás, este bebê estava dentro dela. Mas agora ela estava aqui, respirando, sorrindo, se contorcendo. Tudo era real - todos esses sonhos.

Andrew bateu com os passos no chão de madeira de sua pequena casa. Mesmo em meias, o marido não era ótimo em ficar





quieto. Mas o pensamento desencadeou uma memória diferente, da primeira vez que se encontraram, provocando um pequeno sorriso nos lábios.

Ele se sentou ao lado dela no sofá, mergulhando a almofada com seu peso adicional. O bebê deles se mexeu, deslocando-se ligeiramente no braço da mãe antes de se acalmar mais uma vez.

Sulcos profundos cortavam a testa de Andrew, fazendo-o parecer mais velho do que o jovem com quem ela havia se casado alguns meses antes. Então, novamente, a vida tinha se movido muito rapidamente para os dois, mais rápido do que era realmente justo, mas ela não mudaria nada.

Ela se mexeu levemente, certificando-se de não afligir o bebê, e se inclinou em seu peito sólido.

—Nenhuma mudança?— Ele sussurrou. Ela balançou a cabeça. Nenhuma mudança - seu bebê ainda não mostrava sinais de ter poderes, nenhum fogo derramado de seus adoráveis dedinhos. Mas ela sentiu que era apenas uma questão de tempo, que a filha deles era mais forte do que qualquer um deles percebeu.

—Bom—, ele suspirou. Um pouco de dor apertou seu peito para ouvi-lo dizer isso. —Tudo será mais fácil assim, não teremos que nos esconder. —

Não, ela pensou, não teremos que nos esconder do nosso povo, mas se a nossa filha não tem poderes, não teremos que nos esconder dela? Ela preferiria fugir dos canais pelo resto de sua vida a esconder sua herança da menininha dormindo em seus



braços. Talvez fosse o sonho de uma mãe, mas ela não queria segredos para manchar a família.

Mas espere.

O que é que foi isso?

Ela olhou para baixo. Quase como se convocada por seus pensamentos, um brilho suave rodeava a palma de sua pequena menina.

—Andrew?— Ela sussurrou, sem desviar o olhar. Ela estava vendo coisas? Mas não, ela sentiu, sentiu o calor da palma em seu peito, pequeno, as chamas eram fortes enquanto afundavam em seu coração. —Andrew—, ela disse com mais urgência, acordando-o de quaisquer pensamentos que puxassem sua mente.

—O que?

—Veja.

Ela moveu o bebê um pouco, mas o suficiente para que uma lasca de fogo se soltasse, levantando-se, gargalhando no ar parado em vez de afundar em sua pele. O bebê se afastou, selando a fenda novamente, mas não antes de ouvir um suspiro.

Animada, ela olhou para cima, mas seu coração se afundou imediatamente.

Os olhos do marido estavam cheios de pavor, alargando-se com um medo que ela não entendia. Sua boca abriu, mas nenhuma palavra saiu. Ele apenas olhou para o bebê em seus braços, até que um tremor agitou suas mãos.



—Andrew?— Ela não entendeu, por que ele não estava feliz? —O que é isso?—

—Nada—, ele balançou a cabeça, sacudindo o que estava se acumulando em sua mente. —Nada.

Ela não acreditou nele. Ele estava escondendo algo dela.

—O que é isso?

—Nada, apenas um idiota, nada. Deixe-me segurá-la —, disse ele e estendeu as mãos, segurando facilmente sua filha enquanto faziam a transferência. Assim que sua filhinha estava em seus braços, seu corpo afrouxou. A tensão em seus membros caiu e um largo sorriso se espalhou por suas bochechas.

—Ela é forte—, disse ele, movendo-se para que o fogo aquecesse seu coração também.

—Eu sabia que ela estaria.

—Eu também—, ele disse, mas de alguma forma as palavras estavam contaminadas.

Pare, ela disse a si mesma. Nada arruinaria esse momento, esse momento em que tudo o que ela sonhara nos últimos meses se tornara real. Eles eram uma família - uma família real, unida e inquebrável.

Kira piscou e ela estava de volta. Um calafrio arrepiou seus membros pela falta de fogo. A sala estava fria, ou talvez fosse apenas a ausência cavando em seu coração. Mais uma vez, eles foram embora, afastados dela, mortos - era como perder seus



pais mais uma vez. A mente de sua mãe era um cobertor quente, fazendo-a se sentir segura e amada, mas fora arrancada.

Outro calafrio percorreu sua espinha.

Ela queria sentir o calor novamente.

Kira olhou para cima, encontrando os olhos preocupados de Pavia, mas desviou o olhar. Ela sabia o que aqueles olhos estavam dizendo, que memória eles estavam referenciando. A última vez que Kira compartilhou os pensamentos de sua mãe, implorou a Pavia para vê-los novamente, até ofereceu seu próprio sangue em troca de outra lembrança. Mas a Inglaterra foi outra vez, aquele castelo a fez se sentir tão sozinha. Aqui, agora, a palma quente em seu joelho a mantinha de castigo. Ou realmente, o homem a quem estava conectado.

Kira seguiu a linha, correndo direto para as íris flamejantes de Luke, e elas foram o suficiente para acendê-la de volta à vida.

—Meu pai sabia de alguma coisa. —

—Eu também acho—, disse Luke, apertando a perna dela gentilmente.

—Pavia, há mais alguma coisa?

O vampiro balançou a cabeça. —Eu estava olhando rapidamente, mas foi a coisa mais óbvia que vi. Ele estava definitivamente com medo de algo, pensando em algo que ele não queria que sua mãe soubesse, mas eu não sei o que é isso. Havia mais algumas lembranças dele saindo da cabana, indo ao



encontro dos condutores e voltando frustrado. Mas nada específico. Eu sinto Muito. —

—Mas Kira,— Luke pediu, vendo seus ombros caírem, —é um começo.

Mas o começo de quê? Se ele tivesse realmente encontrado algumas respostas, ele teria contado à mãe dela? Ele teria dito alguma coisa?

Kira se levantou e começou a andar de um lado para o outro, algo sobre mover as pernas fez as rodas de sua mente drenada girarem.

Se as respostas não estivessem na mente de Pavia, onde elas estariam? Pense, Kira, pense. Sua mãe adotiva saberia alguma coisa? Seu irmão teria confiado em sua irmã? Mas não, ela teria mencionado algo - —minha filha pode em algum momento se transformar em um vampiro mortal— não era exatamente o tipo de conversa que alguém iria esquecer.

Mas se ele estivesse preocupado e achasse que isso poderia acontecer, ele não teria procurado respostas. Kira era teimosa, e considerando que seus pais se casaram, fugiram de casa e tiveram uma criança praticamente ilegal, ela tinha um forte sentimento de que eles também eram. Então, se ele achava que isso poderia acontecer, ele teria procurado por respostas, Kira sabia que ele teria.

—Pesquisa—, disse ela, parando em suas trilhas para agarrar o encosto do sofá.



—Claro—, disse Luke, olhando por trás de seus dedos cerrados.

—Hã?— Pavia disse, sobrancelha levantada em questão.

—É tão óbvio! Ele estava fazendo pesquisas. Ele nunca se encontrou com os condutores. Minha mãe, ou minha tia, ela me disse há muitos anos que, quando fugiam, meus pais pararam de falar com todo mundo, até mesmo com ela. Então, se ele estava saindo, ele não ia falar com o Conselho, ele estava fazendo pesquisas. —

—E se ele estava pesquisando—, Luke também se levantou, sua excitação aumentando com a de Kira, —ele precisa fazer anotações em algum lugar. Provavelmente escondido da sua mãe, já que ele claramente queria mantê-la fora disso.

—Mas onde?— Kira perguntou.

—Kira— Luke olhou para ela, arregalando os olhos quando a ideia em sua mente cresceu, —a cabana. —

—A cabana!— Ela ofegou.

—A cabana?— Pavia interrompeu. —Aquela das memórias da sua mãe? Faz dezoito anos desde que eles morreram, esse lugar já passou há muito tempo.

—Você não sabe disso—, disse Kira, sorrindo tanto que suas bochechas doíam, —estava em um local escondido. Mesmo que saqueadores o vissem ou alguém mais vive lá agora, ele poderia



ter escondido papéis debaixo das tábuas do assoalho ou em um cercado ou algo assim... Nós temos que...

—Eu sei—, disse Luke.

—Mas...

—Amanhã.

—Com-

—Nós precisamos da sua mãe. —

Kira tirou o telefone do bolso, discou o número de telefone da mãe e começou a andar de novo. Seus braços formigavam de excitação - uma nova energia, uma energia esperançosa, zumbia por todo seu interior.

—Olá?

—Mamãe!— Kira gritou e depois estremeceu: —desculpe, desculpe. —

—Está bem! Você está bem? As coisas estão loucas por aqui. Os Conselhos, os Punidores, tenho muito a dizer-lhes. Eles-

—Mãe, mãe, espere, me deixe ir primeiro. — Sua mãe ficou em silêncio, então Kira prosseguiu. —A cabana, aquela onde meus pais biológicos viveram, você sabe como encontrá-la? Você acha que ainda está lá?

—Talvez, mas já faz um tempo, querida, duvido que esteja mais lá. Andrew, ele não era exatamente um mestre construtor, e



eu só fui uma vez. Eu sempre quis voltar, pegar as coisas deles, mas nunca houve tempo. —

—Nós estamos indo—, disse Kira, —e antes de começar a discutir, é realmente muito importante. E se eu te disser por que, você só vai enlouquecer, então seria muito mais fácil se você nos dissesse aonde ir e nos encontramos no aeroporto. —

—Não é exatamente assim que a coisa do pai e da mãe funciona—, sua mãe falou, —me diga o que está acontecendo, e eu quero dizer agora, ou Kira, você finalmente vai receber todas as punições que você está ganhando nos últimos meses. E eu quero dizer isso, sem dinheiro, sem carros, sem escola de culinária, não -

—Mãe, eu estou me transformando em vampira. —

Houve uma longa pausa. Se não fosse pela respiração constante, Kira teria pensado que sua mãe tinha desligado. Ela se sentiu um pouco culpada por simplesmente jogar tudo ali, mas, na verdade, o discurso maternal estava se aproximando rapidamente - medidas terríveis precisavam ser tomadas.

—Kira, você—, ela começou, mas depois parou.

Depois de um minuto, Kira perguntou: —Mãe?—

—Você simplesmente não pode simplesmente dizer algo assim e esperar que eu fique bem.

Kira revirou os olhos. —Eu não espero que você esteja bem, na verdade eu espero que você esteja tão preocupada que você pule em um avião e me encontre onde quer que seja necessário.



— Ela sorriu docemente por hábito, quase como se sua mãe pudesse vê-la.

Um suspiro pesado veio através da linha.

—Você é tão irritante quanto meu irmão—, disse ela, e depois —encontra-me no aeroporto de Greenbrier Valley, na Virgínia Ocidental, você tem isso?— Vale Greenbrier?

—Entendi, eu avisarei assim que Luke e eu tivermos voos.

—

—Kira?

—Sim?

—Eu te amo, mas realmente, quando tudo isso é feito, você está de castigo.

—Ok, mãe. — Kira revirou os olhos, seus pais adotivos nunca foram ótimos em puni-la. Talvez porque até este ano ela nunca precisou realmente ser punida, pois estava no internato.

—Não role seus olhos para mim. — O que? Kira pensou, como ela sabia? —Eu sou sua mãe, eu conheço você. E eu quero dizer isso. Quando tudo isso acabar, os vampiros serão a menor das suas preocupações. —

—Tudo bem, mamãe—, ela repetiu em um tom muito mais grave, —eu realmente sinto muito. Eu te amo.

—Eu também te amo. Ligue para mim assim que puder. —

—Combinado.



Kira desligou o telefone, encontrando os olhos de Luke. Eles tinham muito o que fazer se estivessem na Virgínia Ocidental antes que o sol nascesse.



DEZ

Kira olhou ao redor do aeroporto. Sua mãe deveria estar aqui agora. Aconteceu alguma coisa? Os amiguinhos de Aldrich voltaram? Ela estava presa em algum lugar? Sozinha e desamparada?

—Kira

Ela pulou... não desamparada, só com raiva...

—Mamãe! Estou tão feliz por você estar aqui.

—Sim, sim—, ela deu um rápido abraço na filha. —Eu sei qual será o seu castigo. — Kira revirou os olhos. Mesmo? As primeiras palavras da boca dela?

Ao lado dela, Luke riu. Empurrão. Ela deveria tê-lo deixado em Charleston com Pavia e Tristan.

—Foi você que conseguiu voar com um tubo de ar no jato particular, enquanto Luke e eu estávamos presos em assentos menores do que a metade da minha bunda perto do banheiro? Eu mencionei que a descarga foi quebrada?

—Foi traumatizante, Sra. D—, disse Luke com uma voz triste.

—Não, não é isso—, ela sorriu, —mas isso me faz sentir um pouco melhor. —



—Mãe—, Kira revirou os olhos e começou a andar na frente deles em direção ao carrinho de aluguel de carros. Ela era malvada.

—Primeiro, você vai ficar em casa por um tempo, quero dizer, até você ir para a faculdade ou escola de culinária de sua escolha—, Kira começou a protestar, mas foi rejeitada, —há muitos restaurantes maravilhosos para se trabalhar em Charleston.

Kira suspirou, mas assentiu. Charleston era uma ótima cidade e ela queria passar mais tempo com sua família. —Segundo?— Melhor acabar logo com isso...

—Segundo, não há viagens, nem mesmo com Luke ou com os condutores, a menos que eu esteja lá também.

—Mas-

—Não, mas eu estou falando sério.

—Ok—, disse Kira com os dentes cerrados. Por favor deixe em terceiro ser o último...

—Finalmente, você está recebendo um toque de recolher. Depois de descobrir que Tristan era um vampiro, e bem debaixo do meu nariz todo esse tempo, eu não posso confiar em você ainda. Então, em casa, às onze, toda noite, a menos que seja uma ocasião especial e você me peça permissão com uma semana de antecedência - com um argumento convincente. —

Parte de Kira queria pisar o pé em aborrecimento, mas uma parte maior dela entendia e mantinha a birra do lado de dentro.



Para muitas pessoas, isso seria considerado quase indulgente por mentir sobre viajar para um país estrangeiro, namorar um membro dos mortos-vivos e, bem, mais algumas coisas que Kira não conseguia acompanhar.

Ela estendeu a mão.

—Combinado. Quando tudo isso acabar e Aldrich estiver morto, voltarei para casa e serei seu ermitão pessoal.

Sua mãe pegou a mão dela e balançou. Mas antes de soltar, ela puxou a filha para um abraço. —Eu senti sua falta, e eu te amo, nunca se esqueça disso.

Kira sorriu para o ombro da mãe. —Eu também te amo. —

Com fungada, sua mãe a soltou e foi ficar na fila para alugar um carro.

Alguns segundos depois, o hálito quente de Luke fez cócegas em seu pescoço, enviando um delicioso arrepio pela espinha.

—Então,— ele sussurrou, —nós contamos a seus pais sobre nós, ou para o próximo ano eu ainda sou o melhor amigo que é permitido em seu quarto com a porta fechada?—

Kira se virou, sorrindo: —Bem, eu apenas concordei em parar de mentir para os meus pais... —

Luke fez beicinho, deixando seus olhos de cachorrinho caírem em um argumento muito convincente. Kira colocou a mão em seu peito, usando a balança para subir na ponta dos pés, levando os lábios ao ouvido dele.

—Eu sou jogo se você é. —

Ela desceu rapidamente, dando um passo para trás antes que sua mãe visse qualquer coisa. E foi na hora certa, porque quando Kira se virou, sua mãe estava terminando com o agente.

Acenando, Kira e Luke se aproximaram e seguiram a mãe para fora da porta. Quando se instalaram no SUV, que sua mãe encomendou especialmente, Kira sentiu os nervos começarem, um pequeno enxame de abelhas zumbindo em seu estômago. Ela estava indo para casa, para sua primeira casa, para a casa que ela só lembrava em pensamentos roubados e sonhos.

—Ok, fale—, sua mãe disse enquanto acelerava o motor. Kira não precisou de uma explicação e com um suspiro, ela começou a contar a história - a história toda, iniciando todo o caminho de volta com o eclipse, a briga com Diana, a causa de seu coma, o Baile das Rosas Vermelhas, a viagem para Inglaterra, o momento em que ela começou a sentir a mudança dentro de si mesma, a escuridão.

A única parte que Kira mantinha fora, a única parte da qual ela não conseguia falar, era a luta do lado de fora de Sonnyville alguns dias antes. Não havia como dizer à mãe que quase a mordera, que tentara sugá-la. O mero pensamento fez com que suas entranhas cedessem, fez com que a bile se juntasse em sua língua, fazendo...

Kira parou de pensar nisso, afastou a memória e olhou para a mãe.

A cada minuto que passava, o rosto da mulher mais velha escurecia um pouco mais - com preocupação ou raiva, Kira não



tinha certeza. Às vezes, parecia que ela queria dizer alguma coisa; Abria a boca só para fechá-la novamente ou alargar os olhos apenas para apertar os olhos mais uma vez.

No final, tudo o que sua mãe fez foi estender a mão e entrelaçar os dedos, mas era perfeito, era exatamente o que Kira precisava. Não outra palestra ou outra punição ou outra briga, apenas o apoio e compreensão que somente uma mãe poderia oferecer.

E eles ficaram assim para Kira não sabia quanto tempo, porque sua atenção havia mudado para fora da janela, longe de Luke e sua mãe adotiva e Tristan e condutores e vampiros e Aldrich. Sua atenção se foi há muito tempo; correndo à frente do carro, seguindo seu coração para os pais que ela nunca teve a chance de conhecer.

Kira não percebeu quando a cidade começou a desaparecer. Ela não viu a floresta densa que tomou seu lugar. Ela não sentia mais os dedos da mãe ou a paz sutil que fluía da mente de Luke. Tudo o que ela sentia era uma sensação avassaladora de déjà vu, e talvez fosse apenas a mente dela pregando peças, mas de alguma forma ela se sentia como se tivesse estado neste lugar antes.

Uma melodia começou a cantar dentro de sua cabeça, uma canção de ninar, calmante, uma voz de mulher. A imagem diante dela tremeluziu, chamas fantasmas dançaram em seu lugar. O cheiro reconfortante de madeira queimada encheu suas narinas. E talvez até o baque surdo de botas pesadas andando pela porta da frente...



—Kira, querida?— Uma palma quente pousou em seu ombro. A mãe dela.

—Hã?— Kira piscou. A imagem sumiu, a memória, se ela pudesse chamar assim. Ou foi apenas outra coisa que ela pegou emprestada de sua mãe biológica? Outro pensamento que ela espiou na mente de Pavia?

—Kira, precisamos andar o resto do caminho. —

Ela assentiu e saiu sonolenta do carro, ainda não com ele. Estacionaram no ombro, encostados nas árvores em uma abertura estreita ao longo da estrada.

—Faz muito tempo desde que eu estava aqui, Kira, não tenho certeza se vou conseguir encontrar o lugar. — Ela parecia preocupada e mudou a cabeça em torno da linha das árvores.

—Tudo bem, mamãe—, insistiu Kira, —só precisamos tentar. —

Sua mãe andou à frente, procurando marcos familiares.

Luke enfiou a mão na dela, apertando uma vez antes de soltar, muito consciente da presença dos pais por perto.

—Você está bem?— Ele se inclinou para sussurrar em seu ouvido.

—Eu acho que sim.

—Você parecia bem quieto... de volta ao carro. — Ele esperou por ela, escutando até um suspiro em resposta.



—Você acha que eu sou louca se eu dissesse que eu poderia lembrar deste lugar? Que de alguma forma parece familiar? Kira olhou para o chão, desenhando um pequeno círculo na grama com o dedo do pé.

—Claro que não—, disse Luke e gentilmente guiou o queixo para cima, arqueando a cabeça para a dele. A preocupação e o afeto inundaram suas feições. —Eu diria que é incrível.

—Eu acho que é muito legal também. — Seus olhos se enrugaram em um sorriso quase inexistente. Foi mais do que incrível - era quase mágico.

—Eu acho que pode ser assim—, sua mãe chamou, indicando um espaço entre duas grandes árvores. Luke e Kira se separaram, abrindo caminho quando a mãe dela desapareceu nas árvores.

Onde quer que estivessem indo, parecia bem deserta. Não havia pegadas no chão. Não havia caminho de terra levemente percorrido, nenhum invólucro remanescente de um acampamento ou sinais apontando para onde ir. Havia grama e terra, arbustos, folhas e gravetos - praticamente tudo que uma floresta só de animais poderia conter.

E com a necessidade de se concentrar em onde ela estava pisando, Kira praticamente desistiu de reconhecer qualquer coisa. Olhando para o chão era tudo o que ela tinha tempo.

—Você sabe—, Luke disse atrás dela quando eles pisaram em uma piscina particularmente grande de lama mole, —a Inglaterra era quase uma boa pausa. Você estava morando em





um castelo gigantesco, eu estava confinado em um belo apartamento no coração de Londres - não muito pobre - mas de alguma forma, estamos de volta aqui, no fundo do tornozelo, eu nem sei o que... —

—Olhe para você, transformando-se em uma Prima Donna.

—

—Eu só estou dizendo, quando tudo isso acabar e você estiver em prisão domiciliar, não espere que eu esgueire pela floresta em miniatura em seu quintal em breve.

—Isso é algo que definitivamente podemos concordar—, disse Kira, fazendo uma careta quando o sapato afundou uma polegada no chão. Graças a Deus ela estava usando tênis.

À frente, sua mãe engasgou e parou de se mexer.

Kira também parou... e então parou em um sprint, não se importando mais com a lama batendo em seus pés.

Em segundos, ela alcançou sua mãe. Apenas um pé à sua frente, Kira parou novamente. Seu coração pulou em seu peito, incapaz de sustentar qualquer movimento porque todo o seu corpo estava preso, congelado no lugar, parado na respiração presa em sua garganta.

A cabana.

Estava em pé.

Estava ali, diante de seus olhos, visível através do mar de troncos de árvores.



Kira correu de novo, porque tudo desabou, a cada minuto que sonhara com seus pais, de suas vidas juntos, das lembranças escondidas no fundo de sua própria cabeça. Tudo isso pousou sobre ela em uma onda de impulso empurrando seus pés para frente, até que foi demais, e ela tropeçou e caiu logo antes da porta da frente.

—Kira, espere!—

Mas ela não podia.

Saltando para os pés, Kira subiu os degraus, pegando dois de cada vez até que as pontas dos dedos estavam enroladas em torno de uma maçaneta enferrujada.

Respirando fundo, Kira fechou os olhos, mantendo-os bem fechados, com medo de que tudo fosse apenas um sonho.

Ela se contorceu.

A porta se abriu, rangendo em dobradiças não usadas.

Ela estava tremendo. E se ela abrisse os olhos e não houvesse nada além de mais desilusão, mais confusão? E se...

Suficiente. Suas pálpebras se abriram.

Havia poeira por toda parte - uma espessa camada cinza cobrindo o piso de madeira, o tapete de cor amarela, a única cadeira deitada de lado. Janelas estavam quebradas. O telhado estava desmoronando para dentro, amassado de uma árvore caída ainda apoiada na casa. Videiras de hera e pequenos arbustos atravessavam a floresta em vários pontos, transformando o espaço em um jardim interno.



Mas Kira não viu nada disso.

Kira viu uma sala de estar, uma cozinha e a porta de um pequeno quarto. Ela viu seu pai sentado em um sofá, sua mãe balançando-a em uma cadeira, chamas brilhando na lareira.

Andando para frente, Kira colocou a mão na cadeira de balanço. A madeira estava lisa sob a poeira agora manchando as pontas dos dedos. Kira puxou, trazendo o banco de volta a seus pés, e sentou-se. A lama já cobria seus sapatos - o pó agarrado a suas calças não importava.

Empurrando levemente contra os dedos dos pés, Kira fechou os olhos e deixou o mundo girar em torno dela, ondulando suavemente enquanto o piso de madeira guinchava em protesto. E com um longo suspiro, Kira sentiu braços fantasmas envolverem seu corpo, dando-lhe o abraço que ela sonhara. Eles eram magros, frágeis, mas ainda fortes. Os braços de um lutador e uma mãe em um todo.

Os lábios pressionavam suavemente contra o couro cabeludo, amorosamente, como um pai faria para desejar boa noite a sua filha se ele pensasse que ela estava dormindo. Uma grande mão pousou suavemente em seu ombro, apertando-a suavemente, confortando-a, emprestando sua força.

Kira puxou a corrente em volta do pescoço, sentindo-se cega pelo medalhão, passando o dedo pela aliança de casamento de seu pai.

O amor prevalecerá.



Ela nunca se esquecera daquelas palavras. E nesse momento, Kira entendeu o porquê. Mesmo que eles tivessem ido embora, embora esta casa estivesse a um passo da ruína, mesmo que Kira realmente não se lembrasse deles, ela podia sentir o amor deles. Cada respiração dela estava cheia disso. Seu peito era pesado, mas o ar era leve, brincalhão, feliz, sem fim.

Passos bateram atrás dela.

Os olhos de Kira se abriram. Ela pulou do balanço, olhando para a porta da frente.

Foi Luke... apenas Luke.

Decepção a apunhalou. Estúpida, ela repreendeu, claro que era Luke. Mas a menininha dentro dela - a criança vulnerável, sem pais - ouviu outros pés, desejando tempos diferentes.

Sua tia seguiu atrás dele, e neste lugar, parecia certo chamá-la de tia e não mãe, mesmo que não fosse justo. E Kira sabia que não era.

Kira engoliu em seco, largando o medalhão de volta sob a camisa. Ela provou sal em seus lábios e enxugou as bochechas, apagando a menina e trazendo a condutora mestiça de volta à vida. Eles estavam aqui para fazer um trabalho.

—Kira, você tem que ter cuidado—, sua tia disse suavemente, congelada na porta, aparentemente presa no lugar, —a casa não é estável. —

—Não precisamos ficar muito tempo—, disse Kira. Sua voz estava fria, vazia. A única maneira de superar a perda dolorosa



que parecia sufocá-la era sufocá-la sob um manto de gelo. — Vamos começar a procurar por algo que possa ser útil.

Luke franziu a testa ao ouvir o tom dela, mas assentiu e entrou mais na minúscula casa.

—Parece que alguém pode ter estado aqui há muito tempo, como talvez eles tenham saqueado o lugar—, disse ele enquanto inspecionava o espaço. Kira seguiu sua linha de visão até a falta de mobília, a falta de itens pessoais.

—Mãe, fique de olho. Luke, olhe em volta aqui, —ela teve que se afastar da lareira, das memórias de sua mãe—, eu vou para o outro quarto.

Sem esperar por uma resposta, Kira passou pela porta e entrou na sala ao lado. Uma cama quebrada estava amarrotada no meio do chão. O colchão estava muito longe.

Uma cômoda foi separada ao lado da entrada. Kira hesitou um centímetro dos botões de madeira sem manchas, antes de agarrá-los e puxar a gaveta totalmente para fora. Vazio. Ela o fechou, lutando contra a madeira imperfeitamente cortada, perguntando-se distante se o pai a construía.

A próxima gaveta estava vazia também. Kira o fechou, ignorando o som de madeira batendo. Uma gaveta sobrou.

Ela puxou, mas só saiu no meio do caminho. Animada, Kira puxou com mais força, caindo no chão quando a porta de repente se soltou e deslizou completamente para fora da cômoda, aterrissando com um baque a seus pés.



Vazio, exceto por um pedaço de pano rasgado.

Kira começou a amaldiçoar, mas parou e pegou a lasca. Era de seda, talvez quatro polegadas de largura e dez polegadas de comprimento, com pequenas flores multicoloridas impressas contra um pano de fundo preto. Kira esfregou o pano macio entre os dedos, pressionando-o levemente contra a bochecha, imaginando o que poderia ter sido - uma blusa velha? Um lenço que foi rasgado enquanto um ladrão tentou rapidamente tirá-lo da gaveta?

Kira enfiou o pedaço no bolso, levantando-se devagar. Ela ainda tinha um trabalho a fazer, mas a única outra peça de mobília na sala era uma pequena mesa de cabeceira, cujos níveis estavam completamente vazios.

Ela e Luke tinham sido ingênuos em pensar que a cabana teria ficado intocada todos esses anos. Era realmente idiotice pensar que a cabana ficaria em segredo para sempre. Talvez os campistas famintos tivessem acontecido no local, usado a comida, percebido que o lugar estava abandonado e levado as roupas. Talvez eles tenham denunciado a algum oficial que veio e limpou o espaço, vendendo tudo em uma grande venda de quintal, ganhando dinheiro para o governo local. E se estranhos tivessem derramado seus itens? Sobre seus pais itens inestimáveis? Kira teria dado a sua vida de poupança por apenas uma foto, um livro que continha suas impressões digitais, um colar que contou sua história...

Alguém lá fora poderia estar usando os sapatos da mãe ou o casaco do pai - poderia estar sentado no sofá ou comer com os talheres.



A injustiça atingiu Kira como uma onda, surgindo em todo o seu corpo, inchando a um ponto de ruptura. Ela precisava da liberação, ela precisava explodir, mas mesmo neste lugar sagrado, a mancha de suas chamas a atingiu.

A raiva borbulhou, mas Kira estava com medo de deixar isso do jeito que seu coração dizia. As palmas de suas mãos queimavam, mas as sombras também estavam lá, à espreita, e ninguém estaria por perto para impedi-la dessa vez. Mesmo agora, Kira sentia Luke no outro quarto, e mais fracamente sua mãe - o cheiro do sangue deles ficando mais forte à medida que seus poderes se acumulavam dentro dela.

Então ela fez a única coisa que podia pensar... ela chutou a cama muito forte, gritando quando a dor atingiu seu dedo, enviando um flash para sua espinha. Mas de um jeito estranho, me senti bem, me senti melhor do que raiva, então Kira chutou de novo, só para se sentir conectada ao mundo real. E ela chutou de novo... e de novo... chorando e gritando agora... e novamente, até que o poste quebrou ao meio e todo o quadro caiu no chão com um baque forte.

—Kira—, Luke disse, hesitante e inseguro. Ele tocou o braço dela, mal roçou a pele dela com os dedos, mas Kira se virou para o abraço que ele estava oferecendo, esmagando o rosto em seu peito quente, deixando seu corpo pegar os soluços e usando sua camisa para abafar os sons que ela não fez realmente, entendia que estavam vindo de seu corpo.

Ele correu os dedos pelo cabelo dela, de alguma forma conseguindo navegar pelos cachos dela, de modo que os movimentos eram suaves, calmos e reconfortantes. Ele a



massageou levemente, fazendo a tensão em seu corpo se afastar. E ele enviou sua luz para o corpo dela, tanto fisicamente como através de sua conexão, envolvendo-a em uma concha de calor, em um círculo de fogo que parecia quase como o dela, exceto por sua pureza.

Depois de alguns minutos, Kira se afastou dele, fungando, com medo de encontrar seus olhos. Mas Luke a conhecia bem o suficiente para deixá-la recuar e recuperar a compostura.

—Você fez?—

Luke sacudiu a cabeça.

—Nem eu. —

Kira suspirou. Seu dedo do pé doía. Eles não tinham nada.

—Você fez um trabalho bem completo de matar a maldita cama. —

Um sorriso puxou o lábio de Kira.

—Bruxa Demoníaca. Tomate Flamejante. Temido por cama em todos os lugares.

O sorriso puxou mais largo. Luke cutucou-a, cutucando outro trecho largo.

Kira olhou para ele, encontrando seus olhos sorridentes e brilhantes. —Obrigada. — E então ela desviou o olhar para o poste, agora quebrado ao meio no chão. —Eu não sabia que era tão forte. —



—Eh, madeira velha. — Luke encolheu os ombros.

—Mas é um pouco estranho, certo?— Kira disse, uma ideia provocando. Ela se aproximou, olhando para o fundo do poste quebrado. Um círculo. Havia um círculo cortado na madeira. — Luke!— Ela engasgou, pegando o pedaço de madeira quebrada. Seus dedos se encaixaram perfeitamente na abertura e, lá, Kira sentiu algo suave. Poderia ser possivelmente?

Sim, foi papel.

Kira tentou segurá-lo, deslizando as páginas contra a madeira áspera. Ela bateu o poste contra a palma da mão, até sentir o papel bater em sua pele. Um pacote caiu em sua mão.

Kira desenrolou-o. Caligrafia. Rabiscos de caneta cobriram as páginas. Ela virou para o seguinte e havia mais deles.

—Nós encontramos—, disse Kira, incrédula. Foi demais esperar? —Nós achamos!— Ela disse novamente, mais animada.

Luke segurou os braços dela, o rosto dele era um mar de expressões mutáveis, finalmente estabelecendo-se em adoração. —Você achou, Kira! Você—

Incapaz de falar mais, Luke a puxou para ele, pousando seus lábios nos dela, porque não havia mais nada que ele pudesse fazer. A fala escapara dele.

Kira começou a rir contra seus lábios, um som alegre, o som da possibilidade, de seu futuro de alguma forma aberto novamente. Quase como ele esperava, Luke se juntou a ela



simultaneamente - um profundo tenor para sua soprano, a música perfeita.

Eles apertaram as testas juntos, suspirando em unísono para recuperar o fôlego, parando por um momento para olhar a eternidade nos olhos um do outro.

Um grito atravessou a cabine. Um grito que Kira tinha ouvido antes.

Sua mãe, sua mãe adotiva. O som veio de fora, atravessando uma janela quebrada e entrando em seus ouvidos. Ela largou os papéis.

Fogo fez cócegas nas palmas das mãos dela.

Kira passou correndo por Luke, pela porta da frente, enquanto ele se esforçava para pegar a pesquisa descartada e alcançá-la.

De alguma forma, os vampiros conseguiram encontrá-los.

E sabendo que de alguma forma seria uma cura, Kira realmente não sentia a necessidade de diminuir as chamas que saíam de suas mãos.



ONZE

Morto.

Eles estavam todos mortos no segundo em que Kira saiu daquela porta. Era só que nenhum deles sabia disso ainda.

As chamas que viajavam pelos seus braços eram todas do tipo Punidora, todas destinadas a matar, e Kira simplesmente não se importava mais. Ela sentiu a fumaça, a névoa negra flutuando em mechas ao redor de seu fogo. A escuridão estava lá, à espreita. O vampiro dormiente dentro dela estava procurando uma maneira de assumir o controle. Mas havia uma cura. E havia vampiros do lado de fora que precisavam morrer, não apenas serem forçados pelos poderes Protetores de Luke.

Quando ela entrou pela porta, Kira mal registrou o vampiro agarrando a cabeça de sua mãe, dobrando-a para o lado para revelar uma garganta perolada e intocada. Ela não contava o número de olhos observando, havia muitos para absorver. Tudo o que ela fez foi deixar escapar - todo o seu poder - algo que ela não se permitiu fazer no que pareceu uma eternidade.

Antes que os vampiros soubessem que Kira estava lá, eles estavam queimando em seus poderes, derretendo em cinzas, até que tudo o que restou desapareceu no vento. Mas havia mais. Kira podia senti-los, quase podia ver seus olhos brilhantes nas sombras.



Luke correu atrás dela, examinando o dano que ela já havia causado.

—Kira—

—Pegue minha mãe e mantenha-a segura. —

Ele hesitou por um segundo antes de concordar e saltar os degraus. Ele ajudou a mãe a ficar de pé e a aproximou da casa, até que suas costas tocaram a madeira.

Os olhos de Kira não pararam de examinar as árvores. Ela confiava em Luke, confiava nele para manter sua mãe viva. Ele não a decepcionaria, então Kira faria sua parte para mantê-los vivos.

Para a esquerda dela, um vampiro saltou. A mão de Kira voou sozinha, lançando chamas tão rápidas que o vampiro evaporou antes mesmo de seus pés tocarem o chão.

À sua direita, outro. Kira disparou novamente, controlando seu fogo o melhor que podia. De volta para a esquerda, ela viu movimento.

—Acima de TI!— Ela ouviu a voz de Luke gritando em sua cabeça antes que as palavras pudessem se formar em seus lábios. Kira olhou para cima a tempo de ver o vampiro pular do telhado. Ela mergulhou, rolando para o lado, mirando seu fogo. Alvo.

Um crunch doentio atingiu suas orelhas, e Kira se virou para ver as pernas quebradas do vampiro que ela havia queimado apenas o suficiente para machucar. Seus ossos se projetavam através da pele queimada. Mas ainda assim o vampiro estava



arranhando o chão, tentando mordê-la. Estendendo a mão, Kira terminou o trabalho.

Houve uma pausa e o coração de Kira caiu quando ela percebeu o que significava. Eles estavam elaborando estratégias. Usar sua mãe falhou, atacar de direções opostas parecia fútil, e eles precisavam de um novo plano de jogo.

—Vamos!— Ela gritou. Eles não conseguiram parar. Ela não conseguia parar. Já com a pausa, Kira se deu conta do alcatrão preto avançando por suas veias, vazando de seu coração, tentando se infiltrar.

Ela chamou suas chamas, circulando seu coração em poderes de Protetor, tentando lutar contra isso, mas a maldade estava comendo através de suas defesas. Em vez de sentir vampiros nas árvores, o cheiro doce de sangue estava começando a chamá-la. O vampiro dentro dela estava despertando. Seu fogo estava sendo forçado a sair, estava soprando de seus dedos em um ritmo rápido, enquanto dentro de uma sombra tomou seu lugar em seu núcleo, tentando bloquear o sol. Kira empurrou contra ela, chamando seus poderes, usando toda a vontade que ela não tinha para cair.

Mas ela caiu.

Seus joelhos se dobraram e ela agarrou seu peito, agarrando-se ao sol com as mãos nuas. O mundo exterior estava se esvaindo.

Mas Luke. A mãe dela. Eles precisavam dela.



Kira desmoronou de lado, ajoelhando-se enquanto a batalha interna se intensificava. Ela não viu as chamas circundando seu corpo, o fogo que cercava seu ser inteiro. Ela sentiu o pulso, sentiu derreter o alcatrão, transformando-o em óleo escorregadio. Kira empurrou mais forte.

Chamas se soltaram de sua pele, escapando para as árvores, lutando por Kira. A cada poucos segundos, quando o corpo dela tinha tido demais, outra explosão se desfez, atirando no mundo ao seu redor. Mas pela primeira vez, Kira sentiu que talvez estivesse se esgotando. Como a nuvem estava ficando mais espessa, escondendo mais e mais do sol. Suas reservas intermináveis estavam se esvaziando com cada onda que sacudia seu corpo.

E então outro fogo se juntou ao dela, chamas que eram mais puras, estavam protegendo-a - estavam lutando contra a escuridão por ela. E eles estavam ganhando. Eles estavam empurrando de volta. Eles eram imaculados.

Eles eram de Luke.

—Kira, Kira, Kira—, ela ouviu. Seus sentidos estavam retornando.

Dedos cobriram os dela, empurrando contra seu coração, forjando seu próprio caminho. Luke Ele estava salvando ela. Ele estava lutando a batalha que ela não sabia como vencer.

—Luke—, ela piscou, lutando contra o desejo de estender a mão e morder sua pele, para afundar seus dentes através de sua carne e sabor, e gosto...



Mas foi o Luke. O melhor amigo dela. Seu protetor. Sua rocha. Não a comida dela. Não importa quão bom ele cheirasse.

E o pensamento era tão absurdo, que a Kira ainda consciente, ainda lutando, desistiu e começou a rir em vez disso.

—Kira?—

Mas ela não conseguia parar, as risadas se agitaram em torno de seus membros, sacudindo-a apenas o suficiente para desalojar o óleo negro que as chamas de Luke não conseguiam encontrar, apenas o suficiente para fazê-lo desmoronar e desaparecer.

—Ok, você está realmente me enlouquecendo. Temos de ir.

Kira piscou novamente, estendendo o rosto contra o céu azul, contra as chamas vermelhas que mostravam suas feições. Seus olhos estavam esbugalhados, com medo, desesperados. Sua pele estava coberta de cinzas, salpicada de manchas negras. E então outro cheiro peneirou através de suas narinas. Fumaça. E muito disso.

Kira parou de rir e sentou-se, ligeiramente tonta, mas quase como ela.

As árvores estavam queimando.

Kira girou, procurando por sua mãe, que estava em pé acima dela, segurando a mão sobre a boca, prendendo os soluços que Kira não tinha ouvido antes. E lhe ocorreu que o medo nos olhos de sua mãe não era dos vampiros, era dela, por ela.



Incapaz de processar mais, Kira olhou para trás da mãe para a casa. Estava em chamas. Foi cacarejar, queimando. A madeira seca já havia ficado preta, carbonizada no calor, e chamas cinzentas subiram para o céu.

A casa dela. Sua casa.

Kira se levantou, correndo em direção à porta. Havia tantas coisas que ela não tinha olhado. E se ela e Luke tivessem perdido alguma coisa? E se houvesse mais pistas, mais bugigangas deixadas para trás, esperando que ela as encontrasse?

Luke a pegou pela cintura.

—Kira, nós temos que ir! Temos que sair daqui.

—Mas, a casa, eu tenho que-

—Não há nada que você possa fazer—, disse ele, falando com urgência, tentando não gritar: —Eu tenho a pesquisa, temos que ir. —

—Mas-

Kira foi silenciada por um estrondo que sacudiu a terra sob seus pés. A árvore, a que descansava em sua casa, tinha caído, dividindo-a no meio.

Foi embora.

Uma pilha de escombros.



Kira gritou, mas não protestou quando Luke puxou a mão dela, correndo em direção a um ponto na floresta que ainda não pegara fogo.

—Onde vamos?— Ele gritou com o som de mais galhos caindo no chão. Sua mãe havia se tornado viva.

—Siga-me—, ela chamou de volta para ele, empurrando através da floresta, tentando bater o fogo que estava quente em suas caudas.

E quente, oh homem estava quente. Quente o suficiente para queimar, mesmo que fossem condutores. O arder em seu traseiro era imenso, como se uma fornalha tivesse se aberto atrás dela. A picada do calor era diferente de qualquer coisa que Kira sentira, mas ela se perguntava se talvez estivesse machucando-a mais que os outros, queimando-a de um jeito que não fazia com eles.

Eles pularam através de um pequeno riacho, e Kira saboreou as gotículas frias que espirravam em suas bochechas.

—Estamos quase lá—, a mãe dela ligou de volta, quase caindo quando se virou para encontrar os olhos de Kira, verificando se a filha ainda estava com eles, mas em que sentido Kira não tinha certeza.

E então ela viu a clareira à frente, a prata brilhante do carro deles. Todos os três aceleraram, fechando a fenda rapidamente, até que finalmente todos estavam sentados em bancos de couro, silenciosos, exceto pela respiração profunda e pesada.

A mãe de Kira pegou o telefone que havia deixado no carro e discou rapidamente um número.



—Olá... Sim, acho que preciso relatar um incêndio... sim, há muita fumaça vindo através das árvores... não sei o que mais poderia ser... Estou dirigindo pelas montanhas, talvez uma hora a leste do aeroporto... sim, naquela estrada principal... você vê isto? No feed de satélite?... Ótimo, obrigada... sim, você também. Tenha um dia maravilhoso. —

Ela desligou.

Mais silêncio.

Ninguém sequer sabia por onde começar.

Kira esticou os dedos, trazendo suas chamas perto o suficiente para a superfície que ela podia ver o brilho sob as palmas das mãos. Ainda estava lá. No fundo, o sol ainda estava lá.

Ela suspirou, inclinando a cabeça para trás contra o assento para olhar para a fumaça que vazava sobre as árvores e para a estrada.

Luminoso. Essa foi a única palavra que me veio à mente.

—Talvez devêssemos, você sabe, ir embora? Com o fogo e tudo, não parece seguro —, disse Kira, mantendo o olhar sobre a floresta. Ela não podia ver o fogo real ainda.

Sua mãe ligou o carro, saindo do meio-fio e fazendo uma curva na rua vazia. Eles estavam voltando para o aeroporto.

—Então—, disse Kira baixinho, sem saber como terminá-lo. Tudo o que ela sabia era que ela precisava de uma distração, algo para manter a imagem de seu lar quebrado de assumir.



—Então,— Luke disse, respirando fundo e esfregando as mãos no rosto, —então você está se transformando em um vampiro?—

—Sim—, ela disse baixinho, ignorando o olhar preocupado de sua mãe, —eu acho que estou. —

—Então—, ele disse e enfiou a mão no bolso, —temos algumas leituras para fazer.

—Você achou alguma coisa?— Sua mãe engasgou, se animando um pouco.

—Nós fizemos—, disse Kira e apertou os dedos.

Luke bateu a cabeça com o pacote de páginas, arranhando sua pele, mas Kira não as pegou. Em vez disso, ela reclinou seu assento até que ele estava quase plano e pressionou os dedos em suas têmporas. Sua cabeça estava batendo.

—Você pode apenas ler para nós?— Ela perguntou.

Luke olhou para ela com um sorriso, a sobrancelha levantada.

—Vamos lá, dessa maneira minha mãe pode ouvir. —

Kira fechou os olhos, sem esperar por outra reação sarcástica. Mas ela o ouviu se mexer nos assentos de couro, ficando confortável. Então veio a lixa como o som de páginas embaralhadas.

—Querido Diário—, começou Luke, —acho que minha melhor amiga está tentando me matar.



—Luke—, ela disse ironicamente, não divertida. Exceto, dang, um sorriso começou a puxar seu lábio.

—Está bem, está bem. — Ele tossiu, voltando à mentalidade certa, e começou a cantarolar um pouco enquanto procurava algo interessante.

E hum.

E hum.

—Luke—, disse Kira, tentando aliviar seu tom irritado, — uma parte vital da leitura de algo em voz alta é, você sabe, ler em voz alta. —

Ele suspirou. —Estou procurando algo novo. No momento, ele está apenas falando sobre as páginas que faltam daquele texto, as que recebemos do seu avô. É tudo Protetor e científico - sobre a loucura, a perda de controle - mas não há nada sobre anjos ou qualquer outra coisa.

—Humph— Kira cruzou os braços, pensando.

—Eu gostaria de ouvir... — Sua mãe disse na frente, mantendo a atenção na estrada.

—Oh, certo—, disse Luke, de repente alerta. Ele se sentou e começou a ler citações de passagens do texto. Kira desligou. Ela já ouvira tudo isso antes. Os Protetores pensaram que o maior medo deles era que ela perdesse o controle, seu fogo se tornasse mortal para os humanos, sua loucura que se aproximava. Eles nem sabiam da metade - que a loucura era a menor preocupação deles. Era o que viria depois. A matança. A mordida. O sangue.



Kira esfregou o ponto entre os olhos dela. Melhor não pensar nisso, não quando ainda restava alguma esperança.

—Oo, isso é interessante—, Kira se animou enquanto Luke segurava o papel no rosto, —diz 'loucura = cair?'— O rabisco era sem aspas, sem recursos. Apenas um momento de puro pensamento do pai dela. Ela gostava que ele usasse o símbolo em vez de escrever a palavra igual - era rápido e eficiente, indo direto ao ponto.

—O que você acha que ele quis dizer?—

—Bem, a loucura para os Protetores foi o momento em que o fogo consumiu os condutores mestiços. Quando suas chamas explodiram, queimando aldeias inteiras no chão, parando apenas quando eles morreram. Pelo menos, é o que os acadêmicos pensavam.

—Mas a queda é completamente diferente—, disse Kira, pensando em voz alta: —é como se algo acontecesse dentro de mim, não posso mais sentir meu fogo, há apenas essa escuridão, essa fumaça que bloqueia todo o resto. —

—Talvez para você, mas não é o que pareceu para nós—, sua mãe disse suavemente. Kira ouviu a respiração dela tremer.

—Isso é genial, Sra. D!— Luke exclamou, arrastando-se em sua cadeira com entusiasmo. —A loucura e a queda são a mesma coisa. Você praticamente acabou de queimar uma floresta, e para nós parecia que você estava explodindo com fogo, totalmente fora de controle. A loucura, entendeu? Mas por dentro, você estava realmente mudando, caindo. —



—Isso faz sentido! Parecia que talvez o sol estivesse me deixando, como se meus poderes tivessem acabado, mas na realidade eles estavam sendo expulsos. O vampiro estava forçando o sol, tentando fazer a mudança completa. — Kira estremeceu. Quão perto ela tinha chegado a atravessar completamente? — Mas como isso nos ajuda?

Luke mordeu o lábio e olhou de volta para os papéis. — Ainda não tenho certeza. Mas aprendemos algo, o que é um começo. —

—Loucura—, Luke resmungou baixinho enquanto deslizava, —controle... fogo... queimando... morto... — Kira não gostava de onde isso estava indo. —Aqui, olhe para isto,— Luke disse e segurou as páginas acima de sua cabeça novamente.

Mas e a cura? O pai dela rabiscou. Isso vai embora ou é essa a chave? Isso vai salvá-la?

Todas as perguntas, sem respostas.

—O que você acha?—

Kira encolheu os ombros. —Eu não sei, não é algo que eu realmente acompanhe. Embora, —Kira pensou na luta do lado de fora de Sonnyville. Suas costas quebradas. Seus membros inúteis. Demorou um pouco para se curar, tanto tempo que sua mãe teria morrido se não fosse Pavia. Naquela época, Kira achava que era apenas o grau da lesão, mas isso nunca a havia impedido antes.

Ela voltou a pensar em sua primeira visita a Sonnyville. Um vampiro tinha virado o carro, mutilado em pedaços e Kira tinha conseguido não apenas salvar a si mesma, mas também Luke, sua



irmã Vanessa e aquela garota Casey, que Kira se recusou a reconhecer como sua ex-namorada. Todos eles teriam morrido, teriam sido rasgados pelo carro.

Em comparação, as costas quebradas pareciam minúsculas.

Kira olhou para cima, encontrando os olhos da mãe no espelho retrovisor. Eles rapidamente voltaram para a estrada, tentando mascarar a preocupação.

—Dê-me o seu braço—, disse ela a Luke, procurando um arranhão. Ela sacudiu a mão, passando os olhos pelos antebraços dele até que - aha, lá vamos nós, um belo corte vermelho marcou seu cotovelo.

Mudando de posição, Kira colocou a mão sobre o local, deixando sua mente em branco para que ela pudesse se concentrar em sua pele. Se feche, ela pensou e imaginou a ferida vermelha iluminando a rosa até que desaparecesse completamente. Sua cabeça começou a doer, uma sensação sombria na nuca.

Alguns minutos depois, quando ela não conseguia mais se concentrar, Kira puxou a mão de volta. O corte foi embora.

Luke olhou para cima, sua mente já girando em círculos do que isso poderia significar, de como ela poderia se curar. Mas Kira tinha um pensamento diferente: difícil. Foi muito difícil. Sua cura costumava vir como segunda natureza, sem um pensamento.

—Está indo embora—, ela disse baixinho.





—Do que você está falando, indo embora? Ele se foi —, disse Luke, torcendo o cotovelo para olhar o local recém-consertado.

—Não, minha cura está indo embora. Está ficando mais difícil. —

Seu braço caiu. Seu coração seguiu. Kira sentiu o eco em sua mente e fechou o laço, fechando-o com força.

Balançando a cabeça em direção ao papel, Kira perguntou: —O que mais diz? Pesquisa do meu pai?

—Não muito. — Luke entregou-lhe as páginas, deixando Kira fazer a leitura.

As palavras eram pequenas, as letras direitas e ligeiramente inclinadas para a esquerda. Lia como um fluxo de consciência, como pensamentos jorrando de sua cabeça. Mais sobre a loucura, os Protetores, suas crenças. É claro que é o que ele iria escrever, Kira pensou, toda a cultura Punidora estava em sua cabeça, enraizada em seu próprio ser.

Ela virou a última página. Nada de novo. Nada que ela não tivesse ouvido antes.

Anjos

Kira parou, sua mente presa pela palavra que ela havia folheado. Retrocedendo, Kira releu a linha.

—A história dos dois anjos... — Ela murmurou. Pesquisando a página para mais informações. Que história? Que anjos? Mas não havia nada, nenhuma outra menção.



—O que você disse?— Luke perguntou, olhando por cima do ombro dela.

—A história dos dois anjos—, repetiu Kira, tão perplexa quanto antes.

—Que história?—

Kira revirou os olhos. —Eu não sei. —

Sua mãe respirou fundo. Kira virou a cabeça para o volante. —Eu faço—, sua mãe disse e um sorriso lentamente se espalhou pelo rosto dela, —eu sei disso.

—Vá mãe!— Kira alcançou o high five e recebeu um tapa retumbante.

—Correndo para a vitória—, Luke aplaudiu do banco de trás.

Ficou em silêncio por um momento. Sua mãe estava pensando, tentando dirigir e trazer de volta uma memória antiga ao mesmo tempo.

—Então o que é?— Kira perguntou, impaciente.

—Sim, o que é isso?— Luke repetiu, parecendo uma criança de cinco anos de idade.

—É uma velha lenda do Justiceiro, mais ou menos como uma história de criação—, sua mãe começou, —não sei por que não pensei nisso antes, embora não tenha certeza de sua veracidade ou utilidade.



—Está tudo bem—, Kira colocou uma mão acima da de sua mãe, deixando seus dedos se entrelaçarem sobre a embreagem, —tudo vai ajudar, mãe.

—Você se lembra da primeira história de Justiceiro, a história de como vampiros e condutores vieram a ser? Lúcifer caiu primeiro, trazendo outros anjos corrompidos para a terra com ele, onde eles se banquetearam com sangue humano e transformaram os humanos em suas próprias marionetes distorcidas. Vendo isso, os anjos puros pediram a Deus para libertá-los dos céus para que eles pudessem trazer seus irmãos de volta, poderia salvá-los de si mesmos, e Deus concordou. Mas logo até os anjos puros começaram a mudar, começaram a cair. Então, para salvar suas almas e a própria Terra, eles dividem seus poderes pela metade, tornando-se condutores - seres fortes o suficiente para lutar contra os recém-criados vampiros humanos, mas não suficientemente abençoados para cair nas trevas.

—Certo—, respondeu Kira, —foi o que o outro Justiceiro me contou, na masmorra de Aldrich. O que dois anjos têm a ver com isso?

—Bem, dentro de toda essa loucura, dois dos anjos puros se apaixonaram.

—Sempre se resume a uma história de amor—, Luke disse baixinho do banco de trás.

—Sim—, disse a mãe, sorrindo tristemente para o espelho retrovisor antes de se voltar para a estrada —, e como a maioria das histórias de amor, esta é uma estrela cruzada. A mulher tinha



um melhor amigo, um verdadeiro irmão, que havia caído com Lúcifer, transformando-se em um vampiro original mal e mutilado. E o homem tinha uma irmã verdadeira que foi morta pelo irmão do seu amor.

—Jesus, fale sobre a má sorte—, Kira murmurou baixinho. Por que toda história parece ter um final triste nos dias de hoje?

—Mas ainda assim, os dois se apaixonaram, e quando perceberam que a escuridão estava vindo para eles, que eles seriam incapazes de aguentar muito mais tempo, uma ideia surgiu - uma maneira de salvar uns aos outros. Eles pediam a Deus para despir sua divindade, para torná-los humanos, para que pudessem viver juntos na terra por quantos anos uma curta vida mortal permitisse. Deus concordou.

—E quando o dia chegou, eles deram as mãos, esperando que seus poderes fossem despojados. Como o sol vazou de seus corpos, no entanto, um pensamento veio para cada um deles. A mulher, ainda acreditando que seu irmão estava vivo em algum lugar, desejava poder para salvá-lo. E o homem, querendo mais do que qualquer coisa vingar sua irmã, desejava que o poder acabasse com a vida daquele vampiro.

—E quando o fogo eterno de Deus deixou seus corpos, duas pessoas diferentes surgiram. Um protetor e um punidor. Duas raças, duas chamas e dois caminhos. Sabendo o que o amor deles traria, o que uma criança poderia significar, seguiram caminhos diferentes, transformando anjos mais originais em suas respectivas causas. E embora o amor deles permanecesse forte até a morte, os dois nunca mais se viram. —



—Essa é a pior história de ninar de todos os tempos—, disse Luke, suspirando e recostando-se no banco.

—Conte-me sobre isso—, sua mãe comentou: —Eu costumava ter pesadelos quando criança, não sonhos. —

—Mas como isso nos ajuda?— Ele perguntou.

—Eu não tenho certeza—, sua mãe disse suavemente.

Mas Kira teve uma ideia. Foi sobre fazer uma escolha. Mantenha seus poderes Punidores para matar Aldrich, vingando seus pais e Tristan. Ou mantenha seus poderes Protetores para ficar com Luke.

Uma escolha.

Aldrich ou Luke.

Seus pais ou Luke.

Tristan ou Luke.

Ela rolou, procurando o horizonte. Fumaça. Nuvens negras ainda ondulavam no ar acima das árvores. Tudo o que fez foi lembrar que o tempo estava se esgotando. Que ela precisava escolher.

Ou muito mais do que uma floresta queimaria.

O mundo inteiro desmoronaria.



DOZE

—Há uma coisa que eu não entendo muito bem—, disse Luke. Os dois estavam dirigindo a sua casa para se encontrar com Tristan e Pavia.

O vôo de volta da Virgínia Ocidental tinha sido infeliz. Kira fingiu dormir durante a maior parte do percurso, incapaz de resolver seus pensamentos tumultuados.

Luke pegou o carro no estacionamento do aeroporto e deixou a mãe em casa. Kira queria correr para dentro, abraçar sua irmãzinha e dar um beijo no pai dela, mas ela deveria estar em Sonnyville, feliz e segura. E sua expressão facial a teria afastado, faria seu pai saber que algo estava errado. Além disso, eles tinham trabalho a fazer.

Havia sempre mais trabalho para fazer. E quanto mais eles dirigiam, mais ela se preocupava que Luke também visse - viu a indecisão gravada em suas feições.

O silêncio encheu o carro. Luke queria ler sua mente. E Kira, mais do que tudo, queria esconder que ainda havia uma escolha a fazer, ainda uma barreira inesperada entre seus futuros juntos.

—O que?— Kira perguntou. Luke havia dito alguma coisa, mas ela estava muito profunda em sua cabeça para ouvi-lo.

—Eu disse, há uma coisa que eu não entendo muito bem.



—Apenas um? Estou impressionada, —Kira zombou, encobrindo sua preocupação com um sorriso.

—Ha. Ha —, ele demorou—, eu quis dizer uma coisa sobre a luta. Eu não entendo como os vampiros sabiam que estávamos lá.

—Hm,— Kira encolheu os ombros, desafivelando o cinto de segurança quando a casa de Luke apareceu.

—Você não acha estranho? Aquele lugar ficou totalmente deserto por anos e então no único dia em que estamos lá, uma tropa inteira de vampiros também é?

—Sim, é estranho—, Kira disse, parando enquanto ambos saíam do carro, —mas eu vi mais estranho. Um deles provavelmente nos viu no aeroporto ou na estrada e apenas seguiu o carro.

—Eu acho—, disse Luke, mas ele apertou um olho, franzindo os lábios em insatisfação.

—Isso é música?— Kira perguntou, esticando as orelhas. Parecia que um violino tocava suavemente dentro da casa de Luke. O som cresceu quando eles se aproximaram da porta da frente. Uma suave casca de riso se juntou a ela, seguida por uma voz profunda e abafada.

Luke abriu a porta.

As sobrancelhas de Kira se juntaram. Uma inspiração aguda sugou o ar para dentro de seus pulmões de repente queimados e um soco invisível bateu em seu intestino, fazendo-a tropeçar para trás em pés instáveis.



Tristan e Pavia estavam de braços dados no centro da sala de estar - uma mão ao redor do quadril, outra ao redor do pescoço, duas unidas. Ele girou-a em um círculo. Ela riu de seu passo em falso e ele sorriu, sussurrando algo em seu ouvido. As luzes estavam apagadas. A música romântica. E Kira sabia que Pavia não era nada desajeitada. A primeira lembrança que Pavia compartilhara com Kira era sua dança diante de uma multidão - graciosa e suave.

Um olho castanho pegou Kira.

Tristan soltou Pavia, deixando-a ir e pisando um pé para trás, longe do corpo da vampira. Ele balançou a cabeça, confuso, olhando entre as duas garotas, lutando com duas versões diferentes de si mesmo.

Pavia se virou e suas bochechas se abriram em um sorriso. —Bem-vindo a casa. Tristan estava apenas me mostrando como dançar —, ela colocou a mão em seu antebraço—, e ele é um professor maravilhoso.

—Engraçado, eu pensei que você já sabia como—, Kira respondeu, odiando o ciúme escorrendo de sua voz. Isso foi totalmente permitido. Ela havia dado Tristan para cima. Mas, mesmo assim, o pensamento de outra pessoa tocá-lo rasgou seu coração.

—Não a valsa, boba—, Pavia disse e deu um passo atrás, rindo e sentando no sofá. Talvez Kira estivesse lendo demais sobre a situação...



—Como foi a sua visita?— Tristan perguntou, deixando as palavras saírem devagar, com cuidado, como se ele não tivesse certeza de qual linha, se alguma, havia sido cruzada.

Kira andou mais para dentro do quarto, ocupando o único lugar aberto ao lado de Pavia, de modo que os dois garotos tiveram que se acomodar em poltronas. Ela não olhou para Luke. —Agitado. Alguma notícia de seus amigos?

—Alessandro deveria ligar com uma atualização em breve, hoje à noite. — Alessandro? Kira silenciosamente questionou, antes de se lembrar dele como Nariz de Falcão, o único tentando se infiltrar no círculo íntimo de Aldrich.

—Nós encontramos alguns vampiros enquanto estávamos lá—, Luke interrompeu, —Eu estava dizendo a Kira o quão estranho isso parecia para mim. —

Pavia encolheu os ombros, soprando a mecha de cabelo da testa: - Talvez. Alguém provavelmente só viu você no aeroporto. A menos que você pense que eles seguiram você desde Charleston?

—Não—, Luke suspirou, deixando a palavra se arrastar, — Se eles nos seguissem aqui de Sonnyville, eles provavelmente não teriam esperado tanto tempo para atacar. —

—E se eles seguissem a mãe dela?

Kira se animou.

—Como eles saberiam onde ela estava indo? Não é como se houvesse bilhetes que pudessem acompanhar. Ela usou o avião de canalização. —

—E se eles já estivessem ouvindo?— Kira sussurrou.

—O que?— Luke perguntou. Kira encontrou seus olhos, ignorando o olhar rápido que ele fez entre seu corpo e o de Tristan.

—E se eles já estivessem ouvindo os condutores? Espionando Sonnyville? O aeroporto fica do lado de fora do muro, eles poderiam estar assistindo. — Kira esfregou as têmporas. Um pensamento estava puxando-a, irritando-a. Algo não se somava.

—Mas por que?— Luke perguntou.

E de repente atingiu Kira, batendo nela como um caminhão.

—Claro—, ela disse, apertando os olhos e esfregando as têmporas, —Por que eu não vi antes?

—O que?— Luke e Pavia perguntaram em uníssono. Eles não viram ainda.

—Sonnyville. Esse é o plano. Esse sempre foi o plano. — Kira se levantou e começou a andar de um lado para o outro. — Aldrich, ele vai atacar Sonnyville. Ele sabe que não vou conseguir esconder enquanto todas essas pessoas estão sendo atacadas. Ele sabe que eu vou, sabe que vou querer lutar contra ele...

—Mas você não pode, Kira—, disse Luke, em pé também.



—Mas eu preciso—, disse Kira. Uma escolha. Sempre foi sobre fazer uma escolha.

—Existem muitos condutores—

—Eu sei. — Luke estava certo. Havia muitos condutores. Muitas veias perfumadas para arrastá-la para baixo, para atraí-la, empurrá-la para o limite. Se ela fosse lá, usasse seus poderes ali, ela cairia. Sem perguntas. Isso foi um absoluto. E ainda mais absoluto? Condutores morreriam. —Mas não posso deixá-lo vencer. — Uma escolha.

—Espere—, interveio Pavia, —você está dizendo que Aldrich vai atacar Sonnyville? É suicídio.

—Ele não se importa mais—, disse Kira, —tudo o que ele gosta é terminar o que ele começou na Inglaterra. Me virando. Terminando os condutores. Deus, por que eu não vi isso antes? —

Por que ela não viu quando sua mãe foi atacada, Kira pensou, por que ela não percebeu que Sonnyville sempre foi o objetivo final - sempre o campo de batalha?

—Eu preciso ligar para Alessandro. Talvez ele possa confirmar. Pavia se levantou, recuando para a cozinha.

—Eu preciso ligar para o Conselho. Eu tenho que avisá-los. — Luke seguiu, virando à esquerda para as escadas e não para a direita.

Kira caiu de volta no sofá, repreendendo-se. Idiota. Isso era tão óbvio. Ele sabia o que estava fazendo o tempo todo. Atacando



a mãe dela. Atacando sua casa. Praticamente implorando a ela para escolher a vingança, para encontrá-lo para uma luta final. Ele nunca estava tentando matá-la, apenas para estimulá-la, porque ele sabia. Desde que ele escapou, Aldrich sabia que ele estava certo o tempo todo - que ela cairia e levaria o resto dos condutores para baixo com ela.

A menos que uma escolha fosse realmente o suficiente. Mantenha seus poderes Punidores para matá-lo, ou deixe-os ir em busca de algo mais.

—Kira?

Ela piscou, virando-se ligeiramente para olhar para Tristan. O que um par diferente de dias poderia fazer. Seus olhos de chocolate macio não fizeram nada para diminuir sua ansiedade, mas sua presença fez. A familiaridade ajudou a tranquilizar sua mente.

—Sim, Tristan?—

Levantou-se, sentando-se na beira do sofá, a perna um pouco distante da dela.

—Eu sei que não sou o homem que você lembra, mas eu ainda gostaria de ajudar. Eu posso ver que você está desconfortável, que algo mais do que o que está sendo dito está incomodando você.

—Eu sou tão óbvia?— Ela riu baixinho.

Ele deu de ombros, sem saber como responder.



Kira pegou a mão dele no colo dela, segurando-a entre as duas. —Você sabe o que é engraçado? Quero dizer, não é realmente engraçado, mas estranho. Você costumava ser minha pessoa, aquele que poderia me ajudar a escapar quando a vida de condutor parecia esmagadora ou meu futuro parecia sem esperança. De alguma forma, você me distrairia o suficiente para fazê-lo desaparecer por um tempo, para me fazer sentir como uma adolescente normal. —

—Talvez eu ainda possa,— ele disse, trazendo suas outras mãos sobre as dela, então quatro pares de dedos se entrelaçaram.

Como? Kira queria perguntar. O velho Tristan falaria de suas vidas juntos. Os lugares que eles viajariam, as coisas que eles veriam, as memórias que eles criariam. Ele sempre evitava coisas sérias, como se casar, já que ele não era legalmente uma pessoa, ou ter filhos, já que não era possível. Mas de alguma forma, ele conseguiu falar do futuro sem fazê-la pensar naquelas coisas. Ele faria parecer glamourosa e esperançosa, em vez da verdade - que ela estava completamente condenada.

—Vou começar dizendo que, não importa o que aconteça, você ainda me salvou. Tenho a sensação de que você me salvou uma vez antes, durante um tempo que não me lembro, mas mesmo nos poucos dias que tenho, sinto que preciso agradecer.

—Não, você não-

—Eu faço—, ele interrompeu, —você me trouxe de volta à vida. Literalmente. Você me deu uma segunda chance para ser uma boa pessoa, para acertar. Mas também de outra maneira.



Você me trouxe para casa e, embora pareça que meus pais e irmão estavam vivos há apenas uma semana, estar aqui me ajudou a aceitar que eles se foram.

Foi. Eles se foram. Por que esse conceito era tão difícil de compreender? Acreditar?

—Você sente falta deles?— Ela perguntou. Este era um novo Tristan, um que honrou seu passado ao invés de mantê-lo dela. De certo modo, Kira sentia como se estivesse conhecendo-o pela primeira vez, ou pelo menos conhecendo um lado dele que ele sempre manteve escondido de todos, até mesmo dela.

—Sim e não—, disse ele, recostando-se na cadeira, com os olhos vidrados, —Minha mãe. Eu sinto mais a falta dela. O amor verdadeiramente incondicional que ela me honrou, era uma coisa rara. Meu pai e eu, meu irmão e eu - nunca nos entendíamos realmente. Eu sinto falta deles, é claro, mas não do jeito que você sente falta de um amigo verdadeiro, como perdê-los é como perder uma parte de si mesmo. Eu sinto falta deles porque eles eram familiares, eles eram o meu sangue, e há sempre algo a ser dito sobre isso. Mas eles nunca fizeram parte da minha alma.

—Mas sua mãe era?—

—Ela era tudo para mim—, ele disse suavemente, pausado —, e ainda assim, sinto como se outro pedaço de mim estivesse faltando também, algo que eu não sei como identificar. — Ele olhou para ela, através dos cílios pretos escuros emoldurando seus olhos, e o cabelo ligeiramente desganhado que caiu sobre a testa. O coração de Kira acelerou.





Ele estava implorando a ela, implorando-lhe para lhe dizer qual era a parte que faltava. Mas ela não podia, porque Kira não sabia. Ela não sabia se parte dele estava morrendo por sentir falta dela, ou se parte dele ainda estava perdida em algum lugar na memória de ser um vampiro. De qualquer forma, logo desapareceria, desviada pelos poderes de Pavia, e ele se sentiria inteiro de novo. Pelo menos ela esperava que ele fosse.

—Posso te perguntar uma coisa, Tristan?

Ele assentiu.

—Se você pudesse escolher entre vingança e amor, o que escolheria?

—Amor—, ele respondeu rapidamente.

—Mesmo que fosse para vingar sua mãe? Mesmo então?

Ele riu. —Especialmente então. —

—Como você tem tanta certeza?—

—Tudo que minha mãe sempre quis foi que eu me casasse, encontrasse uma esposa, amar. Jogar isso fora seria desonrar sua memória, não honrá-la. Mas talvez essa seja uma pergunta que eu deveria estar fazendo a você? Ele ergueu as sobrancelhas, tentando espiar através dela, direto nos pensamentos que ela estava tentando proteger. —Eu não segui os três antes, mas esse homem, Aldrich, o que ele fez com você?

—Ele matou minha mãe... — Kira suspirou. Ele matou você, ela continuou em seus pensamentos. Ele tirou a alma de Tristan. Ele foi o catalisador que os separou. Ele era o coringa, dançando



o sonho de sua mãe ao redor, balançando-o como um laço feito especialmente para ela. Ele era o buraco escuro preso dentro de seu coração.

—O que você acha que ela iria querer para você?— Tristan perguntou.

Kira pensou nas poucas lembranças que tinha de Pavia. O lar acolhedor, os pensamentos calorosos, os grandes sonhos. Ela sabia o que sua mãe gostaria que o amor prevalecesse. Kira sabia o que seus pais estavam lutando desde o começo - a chance de ser feliz, a esperança de que o amor acabaria vencendo no final.

Mas outra memória puxou para ela. Aldrich. De volta à Inglaterra, ele a havia interrompido no jardim. Um sonhador, é assim que ele chamava Tristan. Mas não ela. Ele a nomeara uma realista, alguém que trabalhava em fatos e não desejos, que vivia no mundo real em vez da fantasia feliz.

Kira não sabia o que ela era.

Havia fatos: Aldrich era um homem mau, ele estava atacando Sonnyville, ele tinha que ser parado, Kira poderia matá-lo, poderia escolher seu lado Justiceiro, mas ao fazê-lo perderia Luke para sempre.

Então havia sonhos: Tristan encontrando paz consigo mesmo, Kira se sentindo livre do peso do mundo descansando em seus ombros, salvando vampiros que querem ser salvos, se apaixonando, sabendo que o sol ficaria com ela para sempre, sabendo que o assassinato seria finalmente parado.

Uma escolha.

—Kira

Ela olhou para a escada onde Luke estava de pé, com os olhos grudados nas mãos de Tristan no colo. Suas pálpebras se fecharam lentamente, dolorosamente, e então ele estava olhando para ela, silenciosamente empurrando qualquer ciúme para o fundo de sua mente.

—Falei com o seu avô—, disse ele, com a voz tensa. Kira deslizou os dedos de Tristan. Ele lentamente seguiu o exemplo, hesitando antes de cortar o contato completamente.

—O que ele disse?—

Luke desceu as escadas antes de desabar em sua cadeira vazia. —Não está ótimo em Sonnyville. Os Justiceiros ainda estão pedindo para você ser morta - eles acham que a nossa fuga acabou de provar que eles estavam certos. Ele disse que eles estão percebendo um aumento na presença de vampiros e transformaram a parede de UV ao redor da cidade em um cenário mais forte. E os sentimentos sobre você dentro da cidade são mistos e é difícil dizer que lado tem mais apoio. Basicamente, melancolia e desgraça como de costume. —

—Estou começando a me cansar disso—, brincou Kira.

—Eu também. —

Kira clicou a língua, pensando. —Você contou a ele sobre o ataque? Sobre nossas suspeitas?

Luke assentiu. Ela fez uma pausa, respirando fundo.

—Você contou a ele sobre mim?—



Luke encontrou os olhos dela, o verde esmeralda com flocos de fogo perfurou-a e balançou a cabeça.

—Eles estão preparados para lutar?

—O mais preparado possível, mas ele parecia duvidoso. Se há tantos vampiros quanto temos medo, não vejo como os Protetores podem lutar sem ajuda. A presença dos Justiceiros aliviará um pouco a pressão, mas ter-me lá para criar estratégias e ter os vampiros de Pavia poderia significar a diferença entre vitória e derrota. —

Kira sabia onde isso estava indo. Eu. Ele havia me dito - não nós. Ela se levantou, apontando para ele com força e balançando a cabeça. —De jeito nenhum. Você não está me deixando para trás. —

Luke franziu o nariz e se levantou para desafiá-la. —Kira, você não pode vir. Você precisa ficar longe de todos os condutores até descobrirmos como parar o que está acontecendo com você.

—Eu não vou.

—Voce tem.

—Luke, vamos lá. Depois de tudo isso? Você só quer me cortar? Eu não me importo se você me trancar em um armário quando a batalha começar, mas eu tenho que estar lá. Eu tenho que ajudar.

—Kira, é muito perigoso. E não apenas para você, para todos. —



—Eu só vou roubar o seu carro e dirigir até lá. Você não pode me impedir disso.

—Deus—, ele disse, e passou a mão pelo cabelo loiro grosso, suspirando, —você não pode simplesmente me escutar desta vez?

—Não—, disse Kira rapidamente.

—Como você vai entrar? Metade de Sonnyville quer você morto. —

Metade? Kira engoliu em seco. Sua lista de aliados parecia estar ficando menor a cada hora.

—Vamos pensar em algo. Me coloque dentro da sua mala ou algo assim, eu não me importo. Eu só preciso ver meu avô, para ajudá-lo a planejar a luta. Eu prometo, ficarei aqui dentro, não deixarei ninguém - nem mesmo Aldrich - saber que estou lá. Os dedos cruzados ainda contavam certo? Kira pensou, colocando o segundo dedo sobre o grande dentro de sua meia. De jeito nenhum ela deixaria outra pessoa lutar sua luta.

Luke ergueu as sobrancelhas. —Você vai de bom grado ficar longe da ação?

Kira assentiu com sinceridade. Luke bufou.

—Por favor, eu conheço você há muito tempo para acreditar nisso. Pelo menos tente ser inventiva. —

Pavia entrou, sem fazer qualquer tentativa de se despedir e desligou o telefone. Salvo pelo vampiro, Kira pensou.



—Alessandro acabou de confirmar. Ele se juntou a alguns dos amigos de Aldrich e eles tinham lábios muito soltos, bons para nós. Eles estão se reunindo do lado de fora de Sonnyville, apenas esperando pelo avanço. — Apenas esperando por mim para chegar, Kira pensou.

—Ele aprendeu alguma coisa?— Luke questionou. Ele jogou os olhos para Kira mais uma vez, deixando-a saber que ele não tinha esquecido nada.

Pavia sacudiu a cabeça.

—Alguma palavra dos outros vampiros? Quão rápido todos vocês podem chegar lá? Kira perguntou.

—Assim que você precisar de nós, mas não antes. Não poderemos ficar fora de Sonnyville sem sermos notados. Quando chegarmos lá, precisamos nos acertar nos combates. —

—Parece bom para mim—, respondeu Kira. Ela queria acabar com isso de uma vez por todas. —Seus vampiros atacam do lado de fora, Luke e eu juntamos os condutores por dentro e Aldrich está brindando. —

—Eu tenho uma ideia—, Luke disse baixinho, quase como se não tivesse certeza de que queria compartilhá-la. Kira esperou. Ele ficou tenso e depois se sentou. —Há outro caminho, um caminho secreto sob a parede. —

—Mesmo?— Kira estremeceu de surpresa. Por que ele não contou a ela?

—Foi um backup, no caso de vampiros já cercaram Sonnyville. Uma maneira de tirar as pessoas se precisássemos. Mas também pode atrair pessoas, pessoas como vampiros. Mas só o Conselho sabe onde está.

—Meu avô vai nos mostrar, ele—

—Não—, disse Pavia calmamente, —não nos mostre, apenas no caso de algo acontecer ou alguém nos seguir. Nós vamos lutar do lado de fora, como Kira disse.

—Você tem certeza?— Luke perguntou. —Estar dentro pode fornecer mais proteção.

—Ou um Justiceiro pode nos matar quando não estamos olhando—, ela respondeu. Kira se afundou em seu assento, incapaz de negar isso. Se os condutores quisessem matar Kira, quase um deles, quase não haveria como concordar em lutar pacificamente ao lado de vampiros.

Todos pararam de falar, preferindo pensar por um minuto. O sangue correu nas veias de Kira, aquecendo seu corpo, excitante. A luta finalmente chegou e, dessa vez, Aldrich não escaparia. De um jeito ou de outro, ele pagaria.

—Assim dizendo eu concordo em deixar você vir—

Kira revirou os olhos e interveio, —o que significa que você percebeu que não tem como me impedir.

—Significa que sou uma alma de bom coração que sabe o quanto isso significa para você

—Quem também tem medo de mim—, Kira forneceu. Luke sorriu.

—Quem também tem um medo mortal de te chatear - como podemos entrar sem que Aldrich saiba? Precisamos manter a luta pelo maior tempo possível. —

—Não podemos dirigir—, disse Kira.

—Os vôos serão automaticamente suspeitos—, disse Pavia.

—E paraquedismo está totalmente fora de questão... — Luke brincou e olhou para ela, forçando os lábios oscilando juntos. — Você pode ter tido alguma coisa com a bagagem.

—Sério?— Kira perguntou, preocupada com a seriedade de sua voz. Ele assentiu com sinceridade. Kira não conseguiu detectar uma piada... mas ele estava brincando, certo?

—Não o tempo todo—, Luke sentou-se para frente, apoiando-se em seus antebraços quando suas feições se tornaram mais animadas, —nós pegamos o avião particular, e quando aterrissamos, você vai se enfiar em uma mala - não olhe para mim assim, podemos revesti-lo com espuma de memória ou algo assim - e, em seguida, nenhum dos condutores saberá que você está lá. Os vampiros só ouvirão meu nome, ouvirão sobre o meu pouso, e eu posso dizer que você ficou com sua família, que você está esperando em Charleston. Vou direto para a casa do seu avô e abrimos a mala lá.

—Aldrich não vai comprar—, disse Kira.



—Talvez não para sempre, mas não precisamos de muito tempo. Nós só precisamos de tempo suficiente para organizar os condutores e dar a Pavia a palavra final para atacar.

—Pode funcionar—, disse Pavia, encolhendo os ombros e lançando um sorriso largo de provocação na direção de Kira.

Uma mala. Mesmo. Kira respirou profundamente. Foi por uma causa maior, o bem do seu povo... mas uma mala, realmente?

—Tudo bem—, disse Kira com os dentes cerrados, —mas você está trazendo Tristan com você, Luke. — Ela olhou para Pavia rapidamente, depois para Tristan, que se sentou ao ouvir seu nome. Kira tinha mais uma coisa a fazer antes da luta.

Ela tinha que dar a Tristan a vida dele de volta. Para restaurar sua alma, removendo toda e qualquer lembrança de sua vida como um vampiro.

Para finalmente dizer adeus.



TREZE

Ela ia matar Luke... matá-lo. Eu comprei a espuma de memória mais grossa, ele disse. Você vai ficar bem, ele disse. Só serão quinze minutos, ele disse.

Kira ia matá-lo.

Todo o corpo dela doía e ela definitivamente estava nessa mala idiota, suada em seu próprio hálito quente por pelo menos meia hora.

Ai

Outro solavanco. Quão ridiculamente mal pavimentadas foram as estradas em Sonnyville? Kira questionou, desejando que ela pudesse esfregar sua dor nas costas. Quando ele a fechou, Kira jurou que Luke estava silenciosamente rindo dela com os olhos. Mas então ele levantou a mala para seus rolos, então seu traseiro estava dolorosamente entalado no espaço estreito, assumindo todo o seu peso, e Kira sabia - essa era sua grande vingança por nunca deixá-lo vencer.

Vamos ver quem está rindo quando eu finalmente sair daqui, Kira pensou, estremecendo quando o carro saltou sobre outro buraco.

Sem outra distração, ela tentou se concentrar no plano. Pavia tinha reagrupado todos os vampiros, além de Alessandro, que ainda agia como um infiltrado, e eles estavam indo para a



periferia de Sonnyville - longe o suficiente para evitar a detecção de Aldrich, mas perto o suficiente para estar lá em poucos minutos. E como os vampiros costumavam correr mais rápido que um carro, Kira supunha que eles estariam lá em uma hora ou duas. Espero que isso seja rápido o suficiente.

Luke e Tristan estavam sentados confortavelmente dentro do carro, esperançosamente falando alto sobre como haviam deixado Kira para trás com a mãe, como eles haviam frustrado o plano de Aldrich - apenas no caso de haver vampiros ouvindo e assistindo. Tristan estava fingindo lembrar de tudo e Kira tinha dado a ele algumas dicas importantes para mencionar - ela caindo, a luta na Inglaterra, como seu corpo humano tinha se ajustado às suas memórias de vampiro... basicamente qualquer coisa que pudesse jogar fora Aldrich.

E, bem, Kira estava obviamente presa no porta-malas, disfarçada como uma mala muito pesada cheia de livros que Luke reunira sobre a tradição dos condutores.

Aldrich iria comprá-lo? Espero que pelas poucas horas que ela precisou para convencer o Conselho Protetor que, para vencer essa luta, eles precisavam ouvi-la.

Ding.

O telefone de Kira apitou - um sinal de Luke de que eles estavam quase lá. E com certeza, Kira sentiu o carro lento. A mala em que estava deslizou para a frente, batendo contra a frente do porta-malas quando os pneus gritaram.

Vozes abafadas ficaram mais altas e Kira ouviu o estalo do baú atravessar o zíper ligeiramente aberto à esquerda de sua



orelha. Segurando o forro de espuma, tanto quanto possível, Kira preparou-se para levantar. Espremer seu corpo dentro de uma mala grande era uma coisa, mas ter alguém levantando era uma história completamente diferente. Ela pode não ser grande, mas também não era uma criança abandonada.

Alguém a moveu, trazendo a mala de volta para a abertura do baú. Ou pelo menos essa era a direção que Kira achava que ela estava se movendo, mas isso poderia ser

Putá merda, ela estava no ar. O mesmo que antes, seus quadris empurraram as laterais da mala enquanto penetrava dolorosamente em sua pele. E bateu, o corpo de Kira tremeu quando ela foi jogada na calçada. Seus dentes morderam o lábio, quase tirando sangue. Agora ela estava reclinada, movendo-se para que suas costas compartilhassem o peso de segurar seu peso, e ela estava se movendo, rolando por um caminho irregular.

Pare. Mais vozes abafadas. Mais movimento. Até que finalmente, Kira ouviu o metal em seu ouvido tilintar e zip.

—Eu vou matá-lo!— As primeiras palavras saíram de sua boca, seguidas pelo rápido aperto de seus lábios para evitar que o doce cheiro de Sonnyville a dominasse. Respire, apenas respire, repetiu Kira para si mesma, inalando e exalando lentamente através de suas narinas. Ela sentiu a escuridão tecendo ao redor de seus sentidos, sentiu o cheiro de sangue flutuando no ar, sentiu ondular ao longo de seus caninos.

Respire, Kira disse novamente, acalmando-se. Ela manteve seus poderes trancados. O cheiro lentamente diminuiu, ficando



menos e menos perceptível. Controle, ela pensou, ela só tinha que manter isso controlado.

—Quem?— Kira foi empurrada de volta para a realidade... para seus membros doloridos. Ela ficou.

—Você!— Kira girou em direção ao som da voz de Luke e empurrou seu peito. —Quinze minutos? Mais como uma hora! E essa coisa de espuma era uma porcaria, eu tenho hematomas por toda parte.

—Sinto muito—, disse Luke erguendo as mãos como se fosse defender-se de outro ataque, mas então seus olhos brilharam —mas foi ideia sua em primeiro lugar.

Os olhos de Kira se arregalaram e ela entrou em outro empurrão. —Como uma piada!—

—Eu ainda não teria pensado nisso se você não tivesse colocado a ideia na minha cabeça—, disse ele, escorregando risos entre as palavras e continuando a se afastar do alcance de Kira.

Ela pulou para ele de qualquer maneira.

—Chega—, uma voz profunda ecoou atrás dela. —Por mais que eu fique do lado da minha neta, há coisas mais importantes para discutir. Por que você está aqui mesmo?

Kira se virou com um sorriso tímido. —Oi vovô—, disse ela, acenando, e depois olhou para o lado para a mulher menor, mas ainda de cabelos brancos, ao lado dele. Inclinando-se para beijar sua bochecha e oferecer um leve abraço, Kira acrescentou: —Oi avó. —



Luke assentiu formalmente para os dois, recuperando a compostura e Tristan estendeu a mão para um aperto de mão.

—Quando falei com Luke no telefone, ele disse que você não viria. —

Yeesh, Kira pensou, ela tinha esquecido como ele poderia ser um homem de negócios.

—Eu sei—, ela respondeu, —mas houve uma ligeira mudança de planos. Eu só, bem, há muito para você entender. —

—Chá?— Sua avó perguntou. Todos, até mesmo Tristan, responderam com —sim— e um suspiro prolongado. —Por que todos nós não nos sentamos?

Alguns minutos depois, cinco xícaras fumegantes foram colocadas na mesa da sala de jantar, agora ocupada por Kira, Luke, Tristan e seus avós.

—Então você acha que os vampiros estão se reunindo do lado de fora de nossas paredes para um ataque? Conduzido por este homem Aldrich? Luke mencionou muito para mim pelo telefone, e foi por isso que usamos o carro emissor de UV para buscá-lo na pista de pouso. Mas por que o sigilo com Kira?

Luke olhou para ela, questionando. Kira não tinha certeza do quanto ela queria revelar.

—Nós ouvimos que os Justiceiros haviam reunido forças por aqui, que muitas pessoas podem não ser tão receptivas se virem Kira chegar—, disse Luke, sem mentir, mas sem contar a história toda.



—Isso é verdade?— Ela perguntou. Ele assentiu gravemente.

—O Conselho do Justiceiro fez um bom trabalho ao defender o caso, e sua fuga também não ajudou as coisas. Muita gente acha que as acusações deles podem ser verdade... —Ele estreitou os olhos, olhando mais de perto a neta, quase como se pudesse sentir a mudança nela. E talvez sim, porque ele estava oferecendo a oportunidade perfeita para falar. Se ela pudesse se animar e pegar.

—Eles são—, ela disse baixinho, rapidamente para que não pudesse recuar. Olhando para a xícara, Kira observou o vapor subir de seu chá em silêncio, imaginando se talvez fosse assim que a fumaça dentro dela parecia. Mas a dela era mais suja, mais como uma sombra do que vapor.

Houve um gole, mas Kira não podia dizer quem era.

—Eles estão certos—, ela disse novamente, sentando-se em linha reta, parando seu comportamento covarde. Era a verdade e ela precisava continuar encarando. —Eu estou me transformando em um vampiro original, mas Luke e eu achamos que encontramos uma maneira de parar isso. — Ou pelo menos ela esperava que o fizessem, que escolher um poder sobre o outro era fundamental.

—Como?— Sua avó perguntou, com sua voz doce e cantada que, mesmo assim, parecia de alguma forma feliz e esperançosa.

—Isso não é importante—, Kira fez uma pausa, não importante ou simplesmente não explicável? Esqueça, ela empurrou o pensamento, —o que importa é que isso está



acontecendo, eu estou caindo, e Aldrich sabe disso. É por isso que ele está atacando Sonnyville, na esperança de que eu caia e traga todos os outros canais comigo. —

Seu avô encontrou seus olhos, transferindo um pouco de sua força para ela com um aceno significativo. Ele entendeu. Ele sabia o que estava em jogo, mas não desistiu. —Eu suponho que você tem algum tipo de plano?—

—Claro, senhor—, Luke inclinou-se para a frente, —não é ortodoxo, mas, fizemos uma aliança—, ele fez uma pausa para olhar para Kira, —fizemos uma aliança com os vampiros. —

—O que?— A voz alta de seu avô cresceu, reverberando nas paredes da pequena área de jantar. Kira estendeu a mão, agarrando a mão dele - para consolá-lo ou segurá-lo no lugar, ela não tinha certeza. Sua avó segurou a outra mão e os dois fecharam os olhos, quase em uma piada interna, embora não fosse a hora certa para isso. Kira manteve o olhar para trás, mas a avó não o fez, e isso deu força a Kira - talvez ela pudesse mudar suas crenças fortificadas pelo tempo.

—Apenas ouça—, Kira puxou sua mão enrugada, obtendo sua atenção instável, —eu fiz uma troca. Eles lutarão por nós, ajudarão a derrubar Aldrich e, em troca, eu os tornarei humanos quando todos os combates terminarem. Eles conhecem os riscos e querem ajudar.

—Eu não vou permitir de bom grado vampiros dentro dessas paredes, é um fora—

—Não se preocupe—, interpôs Kira, quase feliz que Pavia tivesse o mesmo pensamento, —eles não querem entrar. Eles



vão ficar além da parede, eles vão lutar do lado de fora. — Kira se inclinou para frente em suas coxas quando a foto maior se expandiu diante de seus olhos, lembrando-a de que tanto dessa briga poderia ser. Mais do que vingança pessoal ou vendetas. Pode ser sobre um mundo totalmente novo.

Ela olhou para Tristan enquanto ele tomava seu chá em silêncio, ouvindo atentamente, mas sabendo que não era seu lugar para falar. Ele era o futuro. Ele era a prova de que nem todo vampiro era tão maligno quanto os condutores sempre acreditaram.

—Você não vê—, continuou Kira, —eu salvei Tristan. E você disse isso antes, podemos salvar mais vampiros. Nós não temos que ser inimigos com todos eles. E essa luta pode ser o começo disso - o início dos Protetores fazendo o que sempre foram feitos para fazer - Proteger. Não matar.

Tristan olhou para ela do outro lado da mesa quando um pequeno rubor subiu para suas bochechas. Ele não sabia disso, Kira percebeu. Ele nunca soube o que sua vida significava, o que sua redenção poderia significar. Ela enrugou os olhos, deixando a apreciação iluminar suas íris.

Seu avô franziu os lábios, esfregando as palmas das mãos. O pé de Luke bateu sob a mesa, impaciente. Isso precisava funcionar.

—O que é o resto do plano—, seu avô grunhiu, dando seu acordo não oficial à primeira parte. Kira sorriu e Luke apertou sua coxa tranquilizadamente - até agora, tudo bem.





—O resto é negócio usual,— Luke entrou na conversa, ficando excitado —, os canais se reúnem na praça da cidade, prontos para enfrentar qualquer vampiro que conseguir atravessar a parede. Nós formamos fileiras normais e colocamos as crianças trancafiadas, vigiadas com nossos melhores lutadores e metade do Conselho dos Justiceiros. — Seu avô assentiu, mas Kira teve uma ideia ligeiramente diferente.

—Ou nós os evacuamos—, ela disse lentamente.

Seu avô olhou para ela lentamente, os olhos arregalando-se quando a compreensão assumiu. —A rota de fuga sob a parede.

—Esse é o único—, ela concordou alegremente, —enviá-los com um guarda protetor e levá-los o mais longe possível da luta.

—Engraçado você nunca mencionou essa ideia antes—, disse Luke em voz baixa, sentindo seu motivo oculto.

—Ele veio para mim enquanto eu estava enfiada na mala com nada além de meus pensamentos para aliviar a minha dor—, ela respondeu docemente, um pouco doce demais. Seus olhos se estreitaram. Dang, porque Luke poderia lê-la tão bem? Ela não podia parar agora embora. —Nós, por acaso, sabemos onde está?— Seus olhos se encolheram em pequenas lascas.

—Sim, um segundo... — seu avô se afastou lentamente de sua cadeira, seu corpo traíndo a força que sua voz evocava. Ele voltou com um grande pergaminho e rolou sobre a mesa.

Plantas



—Começa aqui, em uma passagem secreta no porão, naquela que é a casa do vereador desde o dia em que Sonnyville foi criado.

Kira seguiu o dedo do avô, esfregando-o contra o papel, traçando uma linha fina que começava por baixo daquela mesma casa, corria ao longo da estrada principal, sob a parede e esvaziava ao lado do primeiro cruzamento, a pelo menos cinco quilômetros de Sonnyville.

Bingo.

Ela olhou para Tristan. Esta foi a sua salvação. Um jeito de Pavia entrar, uma maneira de ela apagar suas memórias, um jeito de Kira salvá-lo da escuridão que assombrava sua vida vampírica.

—O que?— Kira perguntou, mudando o olhar. Alguém lhe fez uma pergunta.

—Esse é o plano todo?— Seu avô perguntou. Kira assentiu. —Estou convocando uma reunião do Conselho de emergência. Luke, venha comigo para a praça da cidade, conte a todos o que você me disse pelo telefone. Não mencione os vampiros ou o fato de que Kira está aqui, apenas o ataque iminente. — Luke assentiu com a cabeça, todos os negócios.

—Lana, venha com a gente. Levar as crianças e seus guardas para a passagem quando chegar a hora, você se lembra da entrada que lhe mostrei há muito tempo? Sua avó sorriu sim, parcialmente orgulhosa de seu avô por ser uma líder tão forte, mas também orgulhosa por poder ajudar.



Ele olhou para ela. —Kira, fique aqui e fique escondida. Mantenha Tristan e você fora de vista, e aconteça o que acontecer, não participe da luta. Se o que você diz é verdade e você realmente está caindo, não podemos arriscar.

Os olhos de Luke perfuraram o lado de sua cabeça, concentrando-se fortemente em sua resposta. —Eu farei o que você diz. — Quase, ela pensou para si mesma, quase.

—Então não há mais nada para discutir. Vamos. — Ele se levantou, enrolando o papel de volta no tubo original, antes de sair do quarto. Sua avó foi atrás dele, levemente em seus velhos pés.

Luke se virou, mas parou, olhando para ela.

—Quanto vou odiar o que você está planejando?—

—Não muito—, disse Kira, seus lábios se abriram, alargando-se por vontade própria. Ela não estava apenas dizendo adeus a Tristan, ela estava escolhendo Luke de uma vez por todas. Porque ela o amava, porque ele era seu melhor amigo, e porque ela se recusou a tirar a paz recém descoberta de Tristan, sua segunda chance na vida. —Na verdade, você vai adorar. —

Luke juntou as sobrancelhas, inclinando a cabeça e tocando as bochechas para os estágios iniciais de um sorriso. A excitação estava se formando do outro lado de seu vínculo. Uma espécie de esperança brotou no canto de sua mente, mas também havia confusão quanto ao que havia começado, uma sensação de dúvida. —Então por que você não me conta?—



—Estou esperando a hora certa—, disse Kira, usando os dedos para empurrar o peito em direção à porta. —E dois segundos antes de uma grande reunião do Conselho, não é? Vá. — Kira cutucou-o novamente, pensando por um segundo que sua indecisão era fofa, de uma maneira totalmente adorável e fácil.

Ela o beijou rapidamente, apenas roçou os lábios dele, mas ainda um formigamento quente fluiu lentamente pelo corpo dela. Ele se inclinou para mais, mas Kira virou-o e empurrou novamente. Ele nunca ouviu? Ela disse que não era a hora certa.

Luke deu uma segunda olhada e passou a mão pelos cabelos bagunçados e amarelos. Então, com um ligeiro encolher de ombros, um sinal que ele deixaria, ele seguiu seus avós para fora da porta.

Por um momento, tudo o que Kira pôde apreciar foi o ar fresco, o cheiro limpo, a ausência quase completa de açúcar nas narinas. Os canais foram embora. Ela conseguiu passar pela primeira interação em Sonnyville. E ela poderia controlá-lo, pelo menos um pouco, o suficiente para ver Luke novamente antes da luta. Porque esse seria o momento certo, finalmente.

Percebendo que ela não se moveu, Kira espiou as cortinas, seguindo o movimento de Luke pelo quarto e dobrando a esquina.

Hora de ir.

—Tristan?— Kira girou.

—Sim?— Ela olhou para ele.



Ele ainda estava à mesa, sentado em silêncio e tomando o chá. Os cabelos negros que os dedos dela podiam rastrear pela memória estavam em desordem, escorregando em seus olhos, confusos de uma maneira que só poderia parecer boa. Aqueles lábios, que tinham um rastreado pelo corpo dela, estavam corados, quentes pelo chá. Sua pele estava lisa. Sua testa não se mostrava preocupada, apesar do caos que o rodeara nos últimos dois dias. E seus olhos, marrons, mas não lisos, um rico chocolate quente misturado com caramelo. Ela podia se perder naqueles com a mesma facilidade que no mar azul profundo que outrora estava no lugar deles.

Ele nunca seria seu Tristan novamente. Mas ele ainda era Tristan, alguém que ela sempre amaria e provavelmente poderia amar novamente.

—Kira?— Ele perguntou, confuso com o olhar prolongado dela.

Ela tinha a intenção de dizer a ele que Pavia estaria entrando, mas palavras diferentes surgiram: —O que você quer fazer quando crescer?—

Ele sorriu, inclinando a cabeça em surpresa. —Eu não tenho certeza. Eu me sinto como um adulto já. —

—Mas você não é—, disse Kira, sentando-se na mesa, —você só tem dezessete anos. Diabos, você é mais jovem que eu agora. Você tem uma vida inteira à sua frente. — E ele fez. Ele tinha uma vida humana inteira, uma vida nova não atormentada pelo seu passado, porque ele realmente não tinha um, nem um longo de qualquer maneira.





—Eu sempre amei arte, então eu suponho algo com isso.

Kira sorriu, —isso soa perfeito para você. — Ela olhou para ele novamente, imaginando linhas de idade ao longo de seu rosto perfeito, talvez um par de óculos empoleirados na borda do nariz. Um professor de história da arte, ela podia vê-lo perfeitamente. Todas as garotas de sua turma vinham para o horário de expediente, fofocavam sobre ele assim que saíam pela porta. Mas ele seria bom nisso, história e arte. Eles sempre foram suas coisas favoritas.

—E você?— Ele perguntou.

—Uma chef, eu sempre quis ser uma chef. — E ela poderia ser uma, Kira percebeu, se ela pudesse dividir seus poderes. Se ela se tornasse uma Protetora, sua vida não seria totalmente governada por seus poderes, por vampiros perseguindo-a.

Kira teve uma escolha.

E ela percebeu algo que ela nunca tinha pensado antes, Tristan merecia um também. Ele merecia decidir seu próprio destino. Não suportava ver aquele olhar assombroso voltar aos seus olhos, observá-lo recuar para o recluso que estivera antes de se encontrarem, aquele que nunca deixava ninguém se aproximar, nunca deixava cair as paredes. Ela o amava demais por isso.

Mas foi a vida dele - a escolha dele.

—Você quer se lembrar, Tristan?— Kira perguntou suavemente, olhando para os dedos, em vez de para ele.



—Sim—, ele disse. Kira respirou fundo. —E não. — Ela exalou. —Há coisas que eu gostaria de lembrar, coisas como você, mas há outras coisas também. Assistir esta cidade inteira se preparar para uma luta contra a coisa que eu costumava ser, ouvindo como eles atacaram você antes, como eles atacaram sua mãe, isso me faz questionar quem eu me tornei. E se foi uma pessoa ruim, quem fez coisas ruins, eu não acho que quero saber que essa parte de mim existe.

—Você nunca foi uma pessoa ruim—, ela disse e olhou para cima.

—Mas eu fiz coisas ruins... — Kira não disse nada. Não havia como negar a verdade nessa declaração.

—Eu lutei em duas batalhas durante a Guerra Civil. Na primeira, fiquei tão assustado que nunca disparei minha arma. Eu fui salvo apenas pela sorte. E no outro, eu atirei em um homem no ombro. Fiquei tão impressionado com o choque, que ele teve tempo de disparar de volta, me ferindo e eu caí. Essa é minha última lembrança antes de acordar perto de você, e posso viver com isso. Alguns podem dizer que foi covarde, mas eu preferiria ser nomeado covarde do que assassino. —

—Você não é nenhum—, ela disse gentilmente, —você é uma boa pessoa. — Você abriu meus olhos para amar, ela disse a si mesma em silêncio, você fez tudo parecer de alguma forma possível e eu sempre vou te amar por isso mesmo que você não se lembre disso.

E ela faria. Mesmo que seu amor por Luke crescesse, uma pequena parte dela sempre pertenceria a Tristan.



Kira pegou o telefone e foi até o nome de Pavia. Ela não podia mais demorar. Já era tempo.

—Ei, Kira. Está bem?

—Onde estão vocês gente?

—Fechando. Estamos ficando para trás até recebermos notícias de você. Nada começou ainda, certo?

—Não, isso é sobre outra coisa. Sobre algo de que falamos antes, em Charleston, no pântano...

—Oh?

Kira esperou que ela entendesse. Ela não queria dizer em voz alta, para alertar Tristan.

—Oh... — A compreensão amanheceu. —Oh aquilo. Que sobre isto?

—Precisamos fazer isso agora, antes da luta. Eu preciso saber que ele vai —, Tristan olhou para ela, ouvindo, e Kira engoliu as palavras—, que tudo ficará bem, você sabe, no caso de o pior acontecer.

—O pior é que você morre ou você se torna um vampiro original e mata todo mundo?

Kira revirou os olhos e franziu os lábios. —Mesmo?

—Só perguntando. — Kira sentiu o sorriso e encolheu os ombros pelo telefone.

—Ou. —

—Em uma escala de um a dez, dez sendo você se transformar em um vampiro, quais são as chances de eu me tornar um humano depois de tudo isso?—

—Se você continuar me provocando? Onze. —

—Tudo bem, tudo bem, estraga a minha diversão. Como você quer fazer isso? —

—Você se lembra daquele túnel secreto que Luke mencionou? Sua entrada está bem no fim da estrada, eu te mandarei o endereço. Apenas siga até o final e eu estarei lá esperando.

—Feito—, disse Pavia, e então parou, prendendo a respiração de um jeito que fez Kira saber que havia mais a dizer. Ela esperou. —Kira—, e há foi, a voz do Pavia ela gostou, o honesto e carinhoso, não o blindado sarcástico.

—Sim?

—Você tem certeza disso, certo? Quero dizer, uma vez feito, não há como voltar atrás. —

Kira olhou para Tristan, passando os olhos pelo rosto dele, por cima da expressão aberta e em espera, os olhos desprotegidos.

—Tenho certeza.

—Bom, eu vou te ver em breve então. —

Clique.





Foi feito.

QUATORZE

Kira andava de um lado para o outro do porão escuro, pensando em todos os resultados que o fim dessa luta poderia ter. Mas haveria um resultado definido. Tristan ficaria bem. Ele finalmente se sentiria inteiro pela primeira vez em mais de um século.

Agora, se Pavia chegasse aqui um pouco mais rápido... Kira tentara ligar para ela, mas um túnel subterrâneo secreto não era ideal para a recepção de células.

Ela examinou a sala novamente. Nenhuma lâmpada e ela não queria ir pelo caminho de usar seu poder, então ela esticou os ouvidos para ouvir os passos de Pavia. Mas os únicos passos que ouviu foram os dela.

Ok, pare, Kira disse a si mesma e diminuiu a velocidade dos pés. Tristan estava no andar de cima lendo o livro de história que Kira lhe dera no hospital. Sim... isso mesmo - ler um livro de história por diversão. Claro, ele perdeu algumas décadas de sua vida, mas ainda assim. Mas isso é Tristan, Kira pensou - meio que sorrindo como ele costumava fazer.

Um ruído de raspagem começou atrás dela, como pedras protestando uma contra a outra.

—Pavia?— Kira perguntou no vazio. Quem não tem uma luz de trabalho no porão inacabado? Ah certo, condutores...

—Sou eu—, disse uma voz rouca. Oh, era Pavia bem, um pouquinho fora de Pavia.

—Você está bem?

—Não, obrigado por perguntar. Alguém já esteve lá no passado, eu não sei, cem anos? Eu sou uma teia de aranha ambulante. — Kira revirou os olhos - Pavia provavelmente estava com raiva de não conseguir girar o cabelo com muita facilidade.

—Vamos lá, as luzes funcionam lá em cima. —

—Espere—, Pavia estendeu a mão, pousando-a perfeitamente no antebraço de Kira por causa de sua visão aprimorada. Algumas semanas atrás, Kira teria se afastado do toque. Mas agora ela realmente sentia que não havia nada a esconder, nenhuma lembrança dela que Pavia já não tivesse visto. —Você não quer ouvir o que vai acontecer primeiro?—

—O que você quer dizer?

—Eu quero dizer o processo de remover suas memórias.

—Não é apenas como—, Kira encolheu os ombros, —poof, você não lembra de nada. —

A sobancelha levantada de Pavia, Kira sabia disso pelo tom de sua voz: —Não, não é como poof. —

—Oh—, disse Kira, seu corpo de repente parecia pesado. Ela se virou, procurando os degraus um pouco iluminados pela fenda sob a porta e se sentou. —Então o que acontece?





—Bem, eu só fiz isso algumas vezes antes, mas essas memórias já estavam na consciência da pessoa, então eu tive que apagá-las. Eu não posso realmente explicar como, eu apenas os faço dissolver no nada, apenas fazê-los desaparecer. Mas, para fazer isso, preciso lembrar Tristan. Eu preciso quebrar a parede.

—

—Então ele vai lembrar de tudo?— Kira perguntou suavemente.

—Sim. —

Suas mãos subiram para esfregar no ponto entre os olhos, acalmando a ansiedade que estava se fortalecendo rapidamente.

—Por quanto tempo?

—Eu não posso dizer com certeza. Eu vou trabalhar o mais rápido que puder, mas será pelo menos dez ou quinze minutos antes de todo o processo ser feito. —

Dez ou quinze minutos. Dez ou quinze minutos para dizer adeus? Beijar? Para ele gritar? Odiá-la por terminar as coisas entre eles?

Ou seria pior do que apenas isso... dez ou quinze minutos por cento e cinquenta anos de lembranças? Kira seria apenas um pontinho no radar - um pensamento feliz no mar de desespero que se derramaria dele.

Ela engoliu em seco, mas depois assentiu. —Se essa é a única opção, então temos que fazer isso.



—Guie o caminho—, disse Pavia, então Kira se levantou e subiu as escadas, tentando lembrar que, no final, seria melhor para ele. Valeria a pena.

Ela notou Tristan antes que ele a fizesse. Kira não podia perder o cabelo preto que se estendia sobre a borda do sofá floral de seu avô. Ele estava exatamente onde ela o havia deixado, sentindo-se totalmente seguro em seus cuidados, confiando totalmente que Kira nunca o trairia.

Mas ela não conseguia pensar assim. Ele próprio dissera isso - ele não queria se lembrar. Ele não seria capaz de viver com isso.

Ela engoliu em seco.

—Tristan?— Sua cabeça balançou, mas seus olhos ainda estavam focados em quaisquer palavras que ele estivesse lendo. —Tristan, Pavia está aqui.

Ele se sentou mais alto e virou a cabeça, seguindo o som da voz de Kira.

—Bom dia—, ele disse, sorrindo e fechando o livro, —Eu pensei que você estivesse ficando do lado de fora da parede.

—Nós estávamos—, disse Pavia, passando por Kira, mais para a sala de estar. —Mas eu pensei em algo que possa ajudar Kira a lutar, pode nos ajudar a vencer. — Ela se aproximou do sofá, parecendo inocente e culpada ao mesmo tempo.

—O que?— Ele se levantou, olhando para Pavia para ouvir a resposta. Com o contato quebrado, Kira foi finalmente capaz de



se aproximar, para se sentir livre do escrutínio que vivia apenas em sua cabeça. Mas ela tinha que ficar forte, por ele.

—Kira pode dizer-lhe—, disse Pavia, empurrando a cabeça na direção de Kira. Tristan se virou, apresentando as costas para Pavia, e antes que Kira a visse se mover, mãos brancas agarraram o couro cabeludo de Tristan e seus olhos ficaram vazios, completamente desprovidos de vida. Seu corpo inteiro parou de se mover, uma marionete sem mestre. Alguém estava no controle.

E então uma faísca.

Uma sugestão de algo retornou.

—Kira?— Ele disse devagar, um sorriso torto se agitou em seus lábios - apenas largo o suficiente para mostrar que ele era feliz, mas pequeno o suficiente para esconder as presas que não estavam mais lá.

—Tristan—, disse Kira, sua voz vacilante. Foi realmente ele? Ele estava mesmo de volta?

Ele empurrou a cabeça para frente, mas Pavia segurou firme, recusando-se a soltá-la. Ela não podia perder contato com a pele dele.

Mas isso não o impediu. Suas mãos levantaram, agarrando as bochechas de Kira, puxando-a para mais perto, até que seus lábios foram moldados juntos. Kira suspirou em seu toque, deixando as mãos deslizarem para agarrar seus ombros fortes.



Ele a puxou para trás, os olhos arregalados e ainda mais largos, —você me salvou, você me transformou humano, oh deus, como você, por dias eu só queria te dizer o quanto eu te amo.

Ele puxou novamente, trazendo suas bocas de volta juntas, com força, como um homem se afogando que precisava de água. Kira obrigada. Foi a última vez que isso aconteceria afinal, a última vez que Tristan se lembraria de todas as noites que Kira nunca seria capaz de esquecer.

—Como eu me lembro?— Ele perguntou com uma voz colorida de admiração. —Como eu já me esqueci?— Ele acariciou sua bochecha, passando levemente o polegar de seus lábios até a base das orelhas - tiras de pele que se lembravam do toque dele. Seus olhos a absorveram, examinando cada centímetro de seu corpo, lembrando-o como pertencente a ele. Kira se inclinou na palma da mão, tentando não deixar as lágrimas escorrerem por suas bochechas.

Ele a aproximou novamente, desta vez beijando cada centímetro dela que ele podia - beijos rápidos pousavam em seu nariz, seu queixo, sua testa, qualquer fragmento de pele aberta que ele pudesse encontrar. E então ele começou a rir. Lágrimas começaram a cair, mas eram de felicidade. E Kira deixou a dela sair, uma mistura de alegria e tristeza, amor egoísta e amor altruísta. Agora que ele estava de volta, ela queria que ele ficasse, queria arrancá-lo das mãos de Pavia e terminá-lo.

Ela colocou a palma da mão sobre a dele, segurando sua pele quente em suas bochechas, bebendo-o através de olhos lacrimejantes. Oh deus, ela sentia falta dele.



Mas então Tristan ficou quieto.

O coração de Kira parou. Já acabou? Ela nunca disse adeus.

Seu sorriso recuou. Seus lábios se fecharam, pressionando firmemente juntos. A luz em seus olhos desapareceu, ficando escura. O chocolate ficou nublado, como se uma sombra tivesse caído. Seus joelhos tremeram, assim como suas sobrancelhas. As mãos no rosto dela começaram a tremer - um tremor que percorreu os braços dele, até que todo o corpo dele estava vibrando.

—Tristan?— Kira perguntou.

Suas palmas deslizam de suas bochechas, aterrissando sem vida a seus lados.

Kira olhou para Pavia. O vampiro estava olhando para frente, olhando além de Kira para algo de outro mundo. Ela estava revivendo tudo com Tristan, dentro de sua mente, trabalhando através disso. O que estava acontecendo?

Os lábios de Tristan se abriram. Seus olhos se arregalaram, vendo algum horror que Kira não entendeu.

No mesmo momento seus joelhos cederam, suas mãos subiram, agarrando a nuca, e um lamento surgiu de todo o seu corpo. Um grito que não soava humano, não soava possível, como se seu corpo estivesse sendo dilacerado, ou talvez fosse sua alma se despedaçando.

Tristan caiu.



Pavia, ainda segurando a cabeça caiu também, e Kira seguiu, puxada por suas cordas do coração.

Ela o abraçou, tentando controlar os tremores que sacudiam seu corpo, mas nada funcionou. O grito havia parado, deixando apenas o silêncio, mas era quase pior, uma ausência não só do som, mas também do homem.

Seus olhos rolaram para a parte de trás de sua cabeça, deixando apenas a brancura visível. Seus membros empurraram para a esquerda, para a direita, mudando de posição apenas para bater no chão. Kira foi jogada para o lado, enquanto seu corpo continuava a se contorcer incontrolavelmente.

Outro grito perfurou suas orelhas, rasgando suas cordas vocais com sua força. Ele soltou um gemido, depois uma respiração ofegante e depois palavras.

—Não, não, não—, ele repetiu, em voz baixa, um sussurro quase inexistente. —O que eu sou, não, pare, não, não, eu não posso—, Tristan continuou, sua voz ficando mais alta. Sua mão esquerda se fechou em punho, batendo no chão uma e outra vez com cada palavra, sangrando sua pele e a madeira abaixo dela.

—Tristan—, Kira estendeu a mão, tentou tocá-lo, consolá-lo. Ela não podia mais vê-lo desmoronar. Ela sabia o que estava por vir, o que aconteceria se ele se lembrasse, mas vê-lo quebrar bem diante de seus olhos era demais.

Ela tocou a pele quente dele, queimando carne que sentia como se uma febre tivesse se espalhado rapidamente ao longo de seu corpo. Seus dedos foram rejeitados. Ele se afastou de seu



toque, olhando para ela como se ela fosse outra pessoa, alguém a quem ele se recusou a olhar, muito menos tocar.

—Sinto muito—, ele disse, seu corpo ainda sacudindo, —oh deus, me desculpe, eu não quis dizer, eu não posso controlar isso, você apenas—, ele desmoronou novamente, abraçando os joelhos em seu peito, balançando lentamente para frente e para trás no chão sussurrando desculpas e recusas repetidas vezes.

Sua pele era mais branca, mais fantasmagórica do que quando ele era um vampiro. Seus olhos voltaram, mas eles estavam presos, presos e olhando para uma cena que Kira desejava que pudesse entender só para poder ajudá-lo de alguma forma.

E então seu corpo parou, seus membros se abriram no chão, imóveis, e sua respiração ficou rasa. Pavia estava certa: nenhum humano poderia sobreviver lembrando do vazio que veio de ser um vampiro. Nenhum humano poderia viver com a falta de alma, o horror, especialmente Tristan, o artista, o crente.

Ele estava morrendo, morrendo de lembrar tudo sobre sua vida.

Mas Kira se recusou a deixar isso acontecer.

Ela pulou para frente, colocando as mãos sobre o coração dele, no peito firme que ela costumava adormecer. Seus poderes aumentaram, mas Kira os afastou, recusando-se a deixar a escuridão confundir seus pensamentos. Em vez disso, Kira apertou as mãos, pressionando o peito dele.



Ela se inclinou, selando seus lábios quentes contra os frios, e pela primeira vez, o fato de que seus lábios estavam frios assustou Kira. Porque eles não eram os lábios frios de um vampiro, eles eram os lábios frios da morte.

Ela forçou o ar em seus pulmões quietos. Bombeando um, dois, três. Respiração. Bombeamento Respiração.

Bate, Kira pensou, recusando-se a chorar, porque chorar significaria que ele estava perdido. Basta começar a bater, ela repetiu uma e outra vez, apenas fique vivo um pouco mais.

E quase como se ele ouvisse suas preces, os lábios de Tristan se abriram e ele engasgou, sugando o ar em seu corpo. Seu coração acelerou, ficando mais forte, recuperando lentamente uma vida própria.

Kira se afastou quando seus olhos se abriram. Ele sentou-se atordoado, confuso, ele olhou em volta.

—O que está acontecendo?— Ele perguntou. Ainda seu Tristan, Kira suspirou, reconhecendo o tom da pergunta. Ela estendeu a mão, acariciando sua bochecha, enquanto um pequeno sorriso triste se espalhava por suas feições. Era hora de dizer adeus. —Parece que eu estava sonhando, como se eu estivesse acordando e todo o resto está desaparecendo lentamente...

Ele tocou a testa, apertando os olhos com força e abrindo-os novamente. —Kira?

Suas mãos caíram em seu colo, segurando firmemente em seus dedos.





—Tristan—, ela disse, suspirando, —vou sentir sua falta, mais do que você jamais saberá. — E ele não saberia, suas memórias teriam desaparecido, mas Kira as manteria perto de seu coração, vivo o suficiente para os dois.

—Você está fazendo isso, não é? Quero dizer, foi ideia sua?

Kira assentiu, esperando que ele entendesse. Por um momento, a dor dançou através de suas feições, mas depois se suavizou e ele se libertou de seu aperto para correr os dedos levemente ao longo de sua linha da mandíbula.

—Você está sempre tentando me salvar—, disse ele, deixando um sorriso torto.

—Você não precisa mais ser salvo—, ela disse suavemente, agridoce.

—Você me salvou no momento em que me deixou te amar, deixou-me saber que uma parte de mim ainda era capaz de ser boa. —

—Você não precisava que eu fosse uma boa pessoa—, ela disse, balançando a cabeça. Ele sempre foi assim, gentil e gentil, pelo menos com ela.

—Mas eu fiz. Você me trouxe de volta à vida, mais de uma vez —, ele parou, balançando a cabeça, tentando puxar uma memória fraca. —Como nos conhecemos? Você vai me dizer de novo?



Um soluço puxou a parte de trás de sua garganta. Tudo começou. Sua voz estava tremendo. —Na escola. Na nossa aula de inglês. —

Ele riu: —Isso mesmo. Então o que aconteceu? Nós fomos ao pântano?

Kira fechou os olhos devagar, respirando fundo. Ela não podia fazer isso. Então, em vez disso, ela se inclinou, colocando a cabeça no ombro dele, o pequeno recanto ao lado de seu pescoço. Tristan passou os braços em volta dela, segurando-a perto.

Kira escutou seu coração pulsante, seu coração humano pulsante. Ela fez isso. Ela o salvou. Ela o trouxe de volta à vida.

Tristan empurrou-a levemente, fez com que ela se sentasse e segurou seu ombro com força. Seus olhos estavam claros, focados, como se ele entendesse tudo o que estava acontecendo - como se toda a sua vida estivesse piscando diante de seus olhos no momento antes de desaparecer completamente. E talvez tenha sido.

—Eu te amo—, ele disse, sua voz firme.

—Eu também te amo—, Kira disse a ele, tentando igualar sua resolução, mas a voz dela estava rachando. Ele estava morrendo bem diante de seus olhos. O Tristan que ela conhecia, o que ela amava, quase se foi para sempre.

Ele agarrou o rosto dela, passando os olhos pela curva de seus lábios, seus cílios, suas bochechas. Ele enxugou a lágrima que ela não podia conter, beijando-a e então se inclinou para beijar seus lábios uma última vez. Era salgado, mas perfeito.



Ele se afastou. Kira não conseguia se mexer. A resolução estava desaparecendo, a luz, as memórias. Kira os observou brilhar e desaparecer.

—Obrigado—, Tristan sussurrou, e então seus olhos se fecharam e ele caiu, como se em câmera lenta, de volta ao chão, enrolado de lado como uma criança dormindo. Um pequeno sorriso curvou seus lábios e o rosto parecia relaxado, perfeitamente em paz.

Kira foi o oposto. Sua mão cobriu a boca, segurando os sons que ela queria fazer. Suas lágrimas caíram silenciosamente. Seu corpo tremeu.

Pavia, trabalho feito, deixe Tristan ir. Ela passou por cima do corpo dele e passou os braços em volta de Kira.

E embora ela fosse fria, e tecnicamente inimiga de Kira, não importava. Kira a abraçou de volta, chorando em seu ombro, obtendo conforto da mulher que de alguma forma se tornou sua amiga.

—Ele se foi—, Kira chorou. Tristan, seu Tristan, era apenas uma lembrança vivendo dentro de sua cabeça.

—Ele está vivo, Kira, ele está bem ali, respirando, por sua causa. —

Kira olhou por cima do ombro de Pavia para Tristan.

—Ele está em um lugar melhor agora—, sussurrou Pavia, continuando a abraçá-la com força. —Você salvou sua alma, você o salvou. —



Ela ouviu Pavia. Ela sabia que as palavras eram verdadeiras, mas não aliviou a dor.

Kira se inclinou para trás, deixando-a ir. A única pessoa que poderia realmente fazê-la se sentir melhor naquele momento era Luke, que ainda estava na praça da cidade, esperando convencer a todos de que uma briga estava se aproximando rapidamente.

Uma luta que não pararia apenas para deixar Kira aliviar seu coração ferido.

Ela fungou, puxando as lágrimas de volta. —Você tem que sair—, disse Kira, —você tem que sair e você tem que levar Tristan com você. Estou confiando em você para mantê-lo seguro.

—Não seria melhor deixá-lo com você? Dentro da parede?

Kira sacudiu a cabeça, a realidade desabando de novo. —Eu não sei o que vai acontecer comigo, se eu vou ser capaz de mantê-lo juntos. Se os vampiros encontrarem uma maneira de entrar, procurando por mim, não serei capaz de mantê-lo seguro. Eu não posso usar meus poderes, não para lutar. — As sombras estavam muito perto.

Pavia olhou para baixo, suas feições suaves - seu exterior duro e sarcástico se evaporara. —Eu não vou deixar você para baixo. —

Ambas se ajoelharam, inclinando-se sobre o corpo de Tristan. Kira tirou uma mecha de cabelo de ébano do rosto dele, olhando para ele uma última vez com amor nos olhos dela.



Pavia estendeu a mão, mas Kira a deteve com um toque.

—Você me disse uma vez que vampiros não poderiam amar... — Kira parou.

—Eu estava errada—, disse Pavia.

—Mas é por isso que você quer virar humana? Por essa chance?

Pavia balançou a cabeça devagar, imaginando aonde Kira estava indo.

—Você poderia amá-lo?— Kira perguntou, sua voz mal acima de um sussurro, seus dedos ainda gentilmente acariciando sua bochecha.

—Não como eu sou agora—, disse Pavia, Kira se deslocou para olhar nos olhos azuis claros do vampiro, —mas a menina que eu era uma vez, a que eu quero ser novamente, acho que ela poderia. Eu posso vê-la caindo de cabeça para curar um cara como ele. —

Kira assentiu. Não havia mais nada a dizer. E Pavia entendeu. Ela alcançou o corpo de Tristan, levantando-o facilmente do chão. Kira ficou sentada, colada ao seu lugar quando Pavia se virou e foi embora, desaparecendo no porão.

Pedras raspadas, arrastadas abaixo dela, e então Kira estava sozinha. Pavia e Tristan se foram, escapando pelo túnel, correndo com velocidade vampírica para fora de Sonnyville.

Kira se enrolou em uma bola, deslizando para o lado dela. Ela sonhou que seus braços estavam ao redor dela, embalando-a,



balançando-a para frente e para trás para aliviar a dor. Ela não achava que seria tão difícil dizer adeus. Mas foi, foi difícil lembrar de tudo o que Tristan acabara de esquecer.

A primeira vez que eles se encontraram, ela caiu logo em seguida. Olhando para ele, encontrando aqueles olhos azuis segundos antes do início da aula, foi o suficiente. Naquela tarde, em Charleston, ele tinha sido um quebra-cabeça que ela mal podia esperar para resolver, um desafio que atraiu seu interesse. Mesmo quando ela percebeu qual era o segredo, que ele era um vampiro, ela não tinha sido capaz de ficar longe. O dia no pântano ainda era perfeito, algo que ninguém poderia tirar.

As lembranças tocaram uma a uma, fazendo-a sorrir, rir, chorar mais um pouco, até que finalmente seus pensamentos chegaram à Inglaterra. O queixo dela tremeu lembrando a noite que eles compartilharam, quando Tristan era o mais feliz que ela já tinha visto, quando ele acreditava que o futuro era deles para a tomada, que os dois poderiam ficar juntos para sempre.

Mas Kira sempre soubera de forma diferente - eles estavam condenados desde o começo. Mas, ela sorriu, Kira não teria mudado nada, nem mesmo hoje, nem mesmo o fim. Ele estava em paz. O assombro de seus olhos, as paredes que Kira sempre quis derrubar, finalmente desapareceram. Sua alma estava curada, e se isso significasse que ele tinha que esquecer, Kira se lembraria de sua felicidade o suficiente para os dois.

E esse pensamento a fez se sentar, porque essa não era a garota por quem Tristan se apaixonara, não era quem ele gostaria que ela fosse. Mais do que tudo, Tristan queria que Kira fosse feliz, fosse a lutadora, a centelha da vida.





Kira esfregou as lágrimas dos olhos, secando-as e ficou em pé, respirando fundo para se firmar. O dia ainda não acabou.

Mas uma coisa foi. Ela havia feito sua escolha - era Luke, tinha que ser Luke. Seus pais queriam que ela escolhesse o amor, e até mesmo Tristan queria que ela escolhesse a felicidade, viver sua vida. Então, ela tentaria liberar seus poderes Punidora, libertá-los, dividir-se para se salvar.

Para escolher o amor

Para escolher o Luke

Mas, por via das dúvidas, Kira sempre soubera qual seria o plano de backup. Ela preferiria morrer do que cair, preferiria que seus amigos lamentassem do que a temessem. Se o preço para manter os condutos vivos era a morte, Kira o faria, porque ela era forte e porque se recusava a ser a assassina que Aldrich queria que ela fosse.

Essa foi sua vingança.

Kira caminhou lentamente até a mala no canto da sala e abriu um zíper. Um pequeno canivete caiu, o que ela sabia que Luke mantinha em sua mesa de cabeceira. Tinha sido um presente de seu pai quando ele se tornou mais velho, quando ele foi em sua primeira missão.

E Kira roubara para fazer algo com o qual Luke nunca concordaria.

Ela abriu a lâmina, sentindo ao longo de sua borda. Gilete afiada.



Se ela não conseguisse dividir seus poderes, não pudesse se transformar em um verdadeiro condutor, não conseguisse parar de cair, havia outra opção. Não estava apenas se transformando em um canal ou caindo em um vampiro original. Houve morte também - uma terceira escolha que só Kira e o Conselho Punidor estavam dispostos a admitir que existia.

Kira fechou o canivete, enfiando-o no tênis, colocando-o um pouco dolorosamente ao lado do pé.

Apenas no caso, Kira disse a si mesma, ela precisava disso apenas no caso.

Mas então seu coração se levantou.

Luke estava perto, Kira podia senti-lo, podia sentir a excitação saltando dele em ondas. A reunião do Conselho deve ter ido bem, seus pensamentos estavam borbulhando sobre o vínculo, mas Kira os deixou vir, deixou-os inundar seus sentidos e dominá-la - um rio de champanhe.

Instantaneamente, seu humor começou a mudar. A felicidade formigava por seus braços, suas pernas, sua espinha até seus próprios pensamentos.

Kira começou a rir, porque quanto mais perto ele chegava, mais perto ficava de saber que Kira fizera sua escolha, e era ele.

Kira correu até a porta, olhando pelo vidro para esperar e aguardar sua cabeça loira aparecer ao virar da esquina.



Luke, ela disse para si mesma, ela estava apaixonada por ele e finalmente, finalmente, Kira poderia dizer a ele como ela se sentia - como ela poderia ter se sentido o tempo todo.

Luke, ela suspirou, deixando seu nome enviar uma sensação de calma ao redor de seu corpo.

Luke, ela repetiu, forçando a ligeira dor da faca em seu sapato fora de sua mente.

Ele estava aqui.



QUINZE

Assim que Luke abriu a porta, Kira pulou em cima dele - braços jogados ao redor de seu pescoço, lábios pousando firmemente nos dele.

Instintivamente, Luke a pegou pela cintura, prendendo-a com seus braços magros, mas fortes. Sem dúvida, ele devolveu o beijo dela, movendo a boca naturalmente contra a dela, como se os dois pertencessem um ao outro.

Ele entrou mais longe, trazendo Kira com ele, mas ela não percebeu. Seus pensamentos foram completamente consumidos por Luke. Fazendo sua escolha, finalmente sabendo de uma vez por todas que Luke era seu futuro, havia despertado algo dentro de Kira. Suas inibições haviam desaparecido - qualquer impulso de parar, hesitar, desaparecera.

Em vez disso, ela rasgou a parede que havia construído em sua mente, deixando Luke preencher cada parte dela, espelhando cada uma de suas emoções com as suas próprias.

Eu te amo, ela pensou e abraçou-o mais apertado, forçando o pensamento com suas ações porque ela não queria quebrar as palavras.

Mas Luke empurrou contra seus quadris, segurando-os com as mãos, e puxou-a para o chão distante. Kira levantou os pés. Ela não queria parar. Mas Luke pressionou, inclinando a cabeça para trás para quebrar o contato.



Kira baixou as mãos, deslizando lentamente pelo corpo dele até que seus pés pousaram silenciosamente no chão. A respiração deles se misturava no pequeno espaço entre os lábios, pesado e entrecortado. Kira olhou nos olhos intrigados de Luke.

—Kira?

Ela assentiu. Ele continuou respirando pesadamente, tentando recuperar algum poder cerebral.

—Você sabe por que eu parei de nós?— Ele perguntou, as sobrancelhas franzidas em verdadeira confusão.

Kira balançou a cabeça - ela não estava com vontade de falar. Ele encolheu os ombros.

—Nem eu. — Ele levantou-a de volta, puxando Kira em seu peito para selar seus lábios juntos novamente. Ela sorriu contra sua boca, sorrindo descontroladamente, enquanto ele caminhava com os dois para o sofá.

Ele meio que sentou-se, meio caído e Kira aterrissou em cima dele, escarranchando seus quadris, na verdade mais altos que ele pela primeira vez.

Luke a empurrou de volta. —Eu me lembro—, ele ofegou.

Kira se inclinou para frente, prendendo seus lábios. Ela não se importou.

—É—, Kira o beijou, —sobre—, ela o interrompeu novamente, —o Conselho. —



Kira fez uma pausa, mas os dedos de Luke estavam sob a bainha de sua camisa, deslizando a pele nua acima de seu short e ela não conseguia pensar em uma resposta. Houve uma batalha em sua cabeça. Ela bloqueou isto. Sua determinação estava muito fixa em uma direção e, por uma vez, não era uma questão de negócios.

Suas palmas pousaram em seus ombros, empurrando-a de volta. —Tudo bem—, disse ele, tentando ser firme, mas sua voz era aérea. Kira encontrou seus olhos - seus olhos faiscantes e dançantes. Ela traçou a linha pelo nariz sardento, seguindo a ligeira curva para o lado esquerdo de seus lábios. Seus dedos subiram, girando uma mecha de cabelos loiros entre os dedos.

Seu olhar viajou de volta para seus olhos. Sua resistência era adorável.

—Eu te amo—, disse Kira, sua voz forte e firme, apesar da falta de oxigênio em seus pulmões.

Luke gemeu, alcançando-a novamente. Ele segurou as bochechas dela, trazendo Kira para perto, e esticou os dedos de volta para a base de seu pescoço, agarrando seus cabelos.

Então, em um movimento rápido, Luke empurrou Kira para a outra almofada do sofá e se levantou, separando completamente seus corpos.

Ofegando e andando, ele começou a falar, baixo no começo e depois mais alto. —Não, há uma batalha iminente lá fora. Uma cidade inteira de condutores dependendo de nós, para não mencionar uma tropa inteira de crianças que vão deste modo. Nós não podemos, quero dizer, isso foi incrível, incrível, não que





eu esteja reclamando, embora eu tecnicamente esteja reclamando, e agora eu estou resmungando... —Ele parou, finalmente virando na direção de Kira, onde ela sentou inocentemente. com as mãos cruzadas. —O que no mundo entrou em você?—

Kira sorriu. Onde havia dor associada às palavras antes, agora havia apenas excitação. —Pavia apagou as memórias de Tristan.

—Como ela... — Ele balançou a cabeça, um sorriso se espalhando lentamente, —Espere, ele não se lembra de nada?

—Não—, disse Kira, —eu disse a ela para apagar todas as memórias de sua vida como um vampiro. Todas elas. —

—Por quê?— Ele disse cautelosamente. Esperança brilhou em seus olhos ardentes.

Havia algumas razões, ela sabia que existiam, mas naquele momento Kira só conseguia pensar em uma. —Você. —

Luke fechou a abertura, beijando-a novamente, antes de se afastar rapidamente. Ele balançou a cabeça, limpando os olhos vidrados. —Deus, você está me deixando louco agora. —

—Eu te deixo louco?— Ela perguntou docemente.

—Em mais de uma maneira—, ele disse ironicamente.

Kira se levantou e Luke deu um passo para trás. Ela andou para frente. Ele desviou do outro lado do sofá, usando-o como uma barreira, e apontou para ela. —Você, fique para trás. —



Kira revirou os olhos e arrastou os pés para a frente.

—Kira, estou falando sério. Temos muito a descobrir. — Ele não parecia muito sério. Na verdade, ele parecia um pouco rasgado. Ela levantou o pé...

—Nunca tive que lidar com isso—, Luke murmurou e se virou para trás.

Kira suspirou e cruzou os braços. —Tudo bem, vá em frente.

—

—Tudo bem—, ele balançou a cabeça e olhou em volta, pegando uma cadeira da sala de jantar. —Você senta no sofá—, ele disse, sacudindo a cabeça naquela direção. Assim que Kira obedeceu, ele colocou a cadeira a uns bons cinco metros de distância e sentou-se.

—Então, o que você precisa me dizer?

—Aldrich começou seu ataque.

Um jarro de água fria pousou na cabeça de Kira, quebrando o transe que havia caído sobre seu corpo. A batalha estava aqui. —Por que você não disse isso antes?— Ela exigiu.

O corpo inteiro de Luke se afrouxou e ele ergueu as sobrancelhas, incrédulo. —Eu não posso ganhar com você—, ele sussurrou para si mesmo depois de um minuto.

—Não—, brincou Kira. —O que está acontecendo lá fora?

—Na verdade, foi um ótimo timing—, ele se inclinou para a frente, apoiando os antebraços bronzeados nos joelhos. —Seu



avô estava tentando convencer o Conselho dos Punidores e toda a cidade de que um ataque estava chegando, mas havia um pouco de resistência. Mesmo depois da última vez, as pessoas acham que Sonnyville é impenetrável. E bem quando ele estava prestes a perder a multidão inteiramente, um dos Protetores que ele enviou para guardar o portão veio correndo, gritando sobre o bando de vampiros do lado de fora. Depois disso, todos calaram a boca e começaram a prestar atenção. —

Kira passou a mão pelos cabelos, ficando presa nos cachos emaranhados. —Alguns vampiros fizeram isso dentro?

Luke sacudiu a cabeça. —Ainda não, mas suspeito que com tantos eles serão capazes de descobrir algo eventualmente.

Ela assentiu concordando. —Qual é o plano? O que o Conselho decidiu? —

—Uma primeira linha de defesa foi implantada. Protetores armados com espadas e metade do Conselho Punidor montaram uma base em diferentes intervalos ao longo da parede, para vigiar qualquer vampiro que estivesse atravessando e para começar a queimar qualquer vampiro que se aproximasse. Todas as nossas câmeras de segurança foram ligadas e nós temos uma equipe monitorando-as. Os outros condutores foram divididos em esquadrões, esperando por palavras sobre onde eles são necessários.

—Então, não como da última vez com todo esse círculo montado na praça da cidade?— Kira perguntou, pensando na outra vez em que presenciara um ataque a Sonnyville. Metade





dos canais teriam morrido se ela não estivesse lá para pôr fim ao grupo de vampiros que conseguiram pular a parede.

—Não—, Luke disse, com um brilho nos olhos, —desta vez estamos prontos. Desta vez, os vampiros não terão tão fácil. A parede UV está completamente aumentada e levará algum tempo para descobrir como passar. E esperançosamente um Punidor estará lá para queimá-los antes mesmo de tocarem no solo de Sonnyville. —

—Bom—, Kira bufou. —E você? O que você vai estar fazendo?— Uma sensação de preocupação fez cócegas em seu peito, mas Kira tentou acalmá-la. Luke poderia se controlar. Ele ficaria bem.

—Bem, primeiro eu deveria checar com você e Tristan... ei, você e Tristan! E, na verdade, de volta a isso, como Pavia entrou?

Kira mordeu o lábio. —Eu poderia ter dito a ela para usar o túnel secreto conectado a este porão.

—Kira—, Luke engasgou, —alguém a viu? Ela foi seguida?

—Relaxe—, ela desejou poder alcançá-lo e confortá-lo, —você vê algum vampiro por perto? Ninguém a viu. E eu disse a ela para levar Tristan com ela, para mantê-lo seguro desde que eu... —Ela parou, olhando para o chão. Como não posso, ela terminou o pensamento em silêncio.

Luke entendeu mal. —Não me diga que você vai caçar Aldrich? Kira—



—Eu não vou—, ela interveio, rapidamente cortando-o e sorrindo. —Eu te amo, seu idiota, eu não vou jogar isso fora. Não darei a Aldrich a satisfação.

—Você sabe, você poderia ter terminado assim, eu te amo, Luke - eu nunca faria você se preocupar assim. Ou eu nunca faria isso com você. —

—Ou você poderia apenas sorrir docemente e dizer, obrigado. Eu também te amo, Kira. Ela levantou uma sobrancelha, deixando uma pequena atitude de diva entrar em seu rosto.

—Obrigado. Eu também te amo, Kira. Ele franziu os lábios, segurando um sorriso de gato de Cheshire.

—Eu te enfiaria se pudesse. —

—Pena que seus braços não sejam longos o suficiente.

—Pena que você precisava se sentar a um metro e meio para afastar meus avanços. —

Luke abriu a boca e depois fechou rapidamente.

—Ha!— Kira se animou, —te peguei. —

—Você sabe que eu realmente amo você, não é?— Ele perguntou, o tom tornando-se sério o suficiente para Kira sentir sua seriedade.

—Eu realmente faço. —

—Bom, porque eu preciso ir trancar você em um armário.

—O que?— Se ela estivesse bebendo água, estaria todo sobre o colo de Luke no momento. —Você não confia em mim para ficar parada?

—Confiança é uma palavra tão dura—, disse ele lentamente.

—Dura e necessária. —

—Você confia em você agora mesmo?— Ele perguntou, fazendo uma careta enquanto o fazia. Mas Kira não queria machucá-lo e, mais importante, ela não podia negar. As sombras estavam lá, girando, fortalecendo mesmo em sua presença. Estar trancada durante a batalha pode não ser uma má idéia.

—Você está certo—, Kira suspirou, —vamos fazer isso. —

—Bom, porque——

Mas Kira não precisava ouvir o final da frase de Luke, não poderia se ela quisesse. A brincadeira acabou. As profissões de amor haviam terminado. O momento para beijar já se foi há muito tempo, ou talvez tivesse durado muito tempo.

Seu intestino deu um soco para dentro, atingido por alguma força invisível, e Kira se dobrou.

Luke havia mencionado isso antes, mas Kira não estava prestando atenção, ela não estava ouvindo. Ela não podia ignorar agora.

As crianças estavam chegando.



Sua inocência, sua doce e succulenta inocência - atingiu Kira como uma parede, batendo em seus sentidos, bloqueando tudo, menos o cheiro.

Seus caninos começaram a doer. A saliva se reuniu, reunindo-se sob a língua. A necessidade de prová-lo era irresistível, era inegável.

A escuridão rodopiava em sua visão, criando manchas em seus olhos, então tudo em que ela podia se concentrar era o desejo caindo em sua garganta, envolvendo seu coração. As sombras despertaram e Kira estremeceu com o frio viajando para seus membros. O vampiro dentro dela estava saindo.

Não.

Não.

Kira caiu no chão, batendo os punhos no chão quando aterrissou. Não havia como isso acontecer, não agora, não quando ela finalmente escolheu um caminho, um sonho, uma vida.

O fogo aqueceu seus dedos, viajando do lado de fora, espalhando calor para seu corpo moribundo.

Luke, tinha que ser.

Kira acolheu suas chamas puras e imaculadas, e as puxou para dentro dela, quebrando as sombras ao redor de seu coração, para que os poderes Protetores pudessem inundar seu núcleo, instigando-a a esconder o fogo acordado.

Kira apertou os dedos ao redor dos dela.

—Tire-me daqui—, ela engasgou.

Braços a pegaram levantando-a para o alto. Kira deixou Luke levá-la embora, em qualquer lugar que não fosse o chão, bem ao lado da rachadura sob a porta por onde aquele cheiro estava entrando.

Eles se afastaram mais. O barulho dos passos de Luke foi tudo que Kira conseguiu processar. Sua mente estava diminuindo um pouco enquanto seu fogo continuava a atacar. Apreensão inundou seus pensamentos, derramando sobre a parede. Luke estava com medo, não por ele mesmo, mas por ela.

O traseiro de Kira tocou uma almofada, afundando em um lugar em outro lugar da casa.

—Eu já volto,— Luke pediu. Suas chamas recuaram, afastando-se e o corpo de Kira se acelerou. Seus próprios poderes tentaram empurrar para fora, pressionando contra sua pele como se uma bomba estivesse prestes a explodir, mas ela segurou. Ela não podia liberar. Ela queimaria toda a cidade - porque Kira sabia que no fundo seus poderes estavam sendo empurrados para fora, sendo forçados a sair, e ela se recusou a deixá-los ir.

Os dedos ardentes de Luke tocaram sua pele novamente, enviando paz e calma para seus sentidos, espalhando um calor dourado que não tinha nada a ver com sangue, apenas com fogo, fogo puro e incontaminado.

Algo empurrou contra seu nariz, mas Kira se virou. Ela não conseguia abrir os sentidos de novo, não conseguia respirar



através de nada além da abertura de seus lábios, o buraco mais simples para deixar o ar entrar e sair rigidamente.

—Kira, apenas cheire,— Luke acalmou, passando uma mão flamejante para cima e para baixo em seu braço.

Confiando nele, ela fez o que ele disse, reabrindo o caminho para o nariz.

Um cheiro floral pútrido se infiltrou, picando o fundo de sua garganta, coçando suas amígdalas.

Kira balançou a cabeça, mas Luke segurou firme, não deixando que ela escapasse. Ela respirou as flores ácidas novamente, odiando a doçura falsa, a rosa falsa. Ela não podia, ela queria o açúcar, o verdadeiro mel, o sangue...

Kira tossiu. Seu corpo inteiro se dobrou, sacudindo com a força do ar expelido de seu sistema.

Ela tossiu de novo, uma longa série terminando em um espirro que deveria ser ofuscante.

Mas não era cego - as sombras já haviam roubado sua visão. O espirro empurrava a escuridão, mudando-a muito ligeiramente, mas apenas o suficiente para que a sugestão de uma faísca aparecesse.

Kira piscou. Deslocando rapidamente os olhos, ela forçou para longe o negro bloqueando sua visão, afastou as manchas até a visão das chamas se infiltrarem. Uma parede de laranja e amarelo subiu, girando em torno de seu rosto, afundando em sua pele. Ela virou-se um pouco, encontrando o fogo correspondente



nos olhos de Luke. Era o poder dele, não dela. Seu fogo estava salvando ela.

Outro suspiro.

Kira segurou firme as chamas que rodam naquelas íris firmes. Luke não a deixava ir a qualquer lugar que ele não pudesse seguir. Como sempre, ele estava lá, arrastando-a de volta à vida.

Outro suspiro.

Seu coração estava diminuindo, combinando com seu ritmo calmo. Seu fogo estava se acomodando em seu sistema, seguindo o caminho que Luke havia criado, relaxando e recuando de volta ao seu núcleo.

As sombras estavam lá, mas não estavam consumindo ela.

Flores falsas ainda faziam cócegas em seu nariz, e ela resistiu ao impulso de tossir novamente.

—O que é isso?— Kira sussurrou.

Luke encolheu os ombros, puxando a garrafa de debaixo do nariz dela. O doce açúcar do sangue retornou, mas Kira estava no controle, e ela o empurrou o mais longe possível, concentrando-se na pequena garrafa nos dedos de Luke. Parecia perfume.

—Loção de avó—, ele disse a ela, então piscou, —funciona o tempo todo. —



—Bem, funcionou desta vez de qualquer maneira. — Kira suspirou e sentou-se, esticando as costas. O cheiro de sangue foi lentamente ficando mais forte, estava chamando de volta.

—Luke, eu tenho que sair desta casa antes que as crianças cheguem aqui.

—Eles estarão aqui a qualquer segundo—, disse Luke, olhando por cima do ombro e saindo pela janela para o jardim da frente.

—Não importa, qualquer lugar é melhor que aqui. —

Luke se virou, encontrando seus olhos com uma expressão preocupada. Algo estava em sua mente, algo não sobre ela. Kira peneirou seus sentimentos, percorrendo sua mente. Havia amor, um amor apaixonado focado nela e um pouco mais. Um amor sem luxúria, um amor completamente desconectado dela, um inocente, uma longa devoção compartilhada.

—Seu irmão—, disse Kira devagar, percebendo o alvorecer. —TJ está com as crianças, não é?

Luke assentiu, suas sobrancelhas se franzindo mais. —Eu só quero vê-lo sair, quero ter certeza de que ele será evacuado corretamente. Eu conheço TJ, e duvido que ele vá sem um grande empurrão de mim. Ele quer ser o herói, você sabe, aquele das histórias dele. —

Ele quer ser seu irmão mais velho, Kira pensou em silêncio e levou a palma da mão até a bochecha dele. Ela poderia fazer isso por ele, ela faria isso, ela daria a ele uma pessoa a menos para se preocupar.



—Então vamos ficar, com a sua ajuda eu sei que posso fazer isso—, disse Kira e apertou o braço tranquilizadamente.

O xarope de bordo mergulhou em seus sentidos - o sangue. Estava ficando mais forte.

—Kira, eles estão quase aqui. — Luke a puxou para perto, envolvendo seus braços ao redor dela, trazendo suas chamas de volta à vida novamente.

Kira abaixou a cabeça no canto abaixo do pescoço dele, concentrando-se em sua pele quente contra a dela. Ela cortou a conexão com o nariz, tentando o seu melhor para não sentir o cheiro dele, para não ceder à tentação. Luke beijou sua testa, trazendo seu poder para a força total ao mesmo tempo em que uma nova rodada de inocente e imaculado sangue corria por seus sentidos.

Kira balançou nos braços de Luke, ouvindo seu fogo ao redor dela.

A porta rangeu no andar de baixo.

Kira engoliu em seco, engolindo um longo lote de ar antes de apertar os lábios e prender a respiração. Levantando as mãos, ela cobriu o nariz, fechando o mundo completamente.

—Luke? Kira? A voz cantada de sua avó chamou.

—Mantenha todo mundo lá embaixo—, Luke gritou de volta asperamente.

O silêncio foi a única resposta que eles receberam, o silêncio e o rápido movimento de pequenos pés pisando.



Seus dedos tremiam contra sua boca. Sua garganta queimava por falta de oxigênio. Seus braços se contraíram, o corpo tremendo, rejeitando seu plano. Pontos invadiu sua visão.

Incapaz de aguentar mais, todo o corpo de Kira balançou e seus lábios se abriram, respirando com dificuldade. Açúcar. Pirulitos e goma de mascar. A delícia da pura inocência. Nada seria tão maravilhoso para drenar.

Movendo-se sem pensar, Kira empurrou contra o abraço de Luke, lutou contra o aperto dele. Ela precisa sair, ser livre, ceder, beber.

A mão de Luke bateu em seu peito, injetando suas chamas diretamente em seu coração. Um choque de adrenalina sacudiu seu corpo e Luke empurrou seus pensamentos com força total na mente de Kira. Ela estava se afogando neles, na força e lealdade - no amor. Afogando-se de um jeito que ela acolheu, porque a alternativa estava caindo, estava se libertando de seus braços e deixando-o.

Espere, seus pensamentos lhe disseram.

Eu amo você, eles disseram.

Seu fogo era um abraço caloroso, tocando cada parte de seu corpo e alma, tão pura e tão verdadeira que as sombras não podiam fazer nada além de recuar, mas correrem para longe.

—Volte para mim, Kira—, ele sussurrou, em uma voz suave que lentamente a libertou dele, lentamente a trouxe de volta.



—Kira—, ele disse calmamente novamente, abraçando-a e beijando sua testa, mantendo-a seguramente aninhada em seu ombro.

Hesitante, assustada, Kira abriu o nariz, deixou o ar entrar.

Foi claro. Limpo, quase. Ela cheirou o cheiro fraco do sangue de condutor de Luke, mas ela podia controlar esse desejo.

Ela se sentou. Ela tinha conseguido. Eles conseguiram.

Kira se virou, animada, mas Luke só tinha metade, seus olhos estavam meio focados nela.

—As crianças, elas se foram, certo? Eles conseguiram sair?
— Kira perguntou rapidamente, seus pensamentos correndo rapidamente, tentando entender.

—Eles se foram—, disse ele, acariciando o braço dela, — mas...

—Mas o que?—

Seus lábios tremeram, lutando com a questão do que fazer.

—Luke, me diga. —

—É TJ—, ele mordeu o lábio. —Eu não o vi com as outras crianças. —

Os olhos de Kira se arregalaram. Como isso estava acontecendo? Ele tinha que ir, ele tinha que encontrar seu irmão, mas... sua mente desacelerou, egoísta, mas ele não podia deixá-la sozinha. Ela poderia fazer isso sem ele?



—Tenho certeza de que ele está bem—, disse Luke, mas Kira ouviu a dúvida em suas palavras, —ele provavelmente está com meus pais. —

Mas e se ele não for? Kira ouviu a pergunta não dita.

Ela se levantou, escorregando do colo de Luke, dando-lhe uma saída.

—Vá—, disse ela, —vá encontrar seu irmão. Eu ficarei aqui. Eu vou ficar bem. — Mesmo quando ela disse as palavras, a distância do corpo de Luke fez as sombras crescerem.

—Kira—, ele disse devagar.

—Luke, eu quero dizer, isso foi o pior de tudo. Não vou procurar Aldrich e não vou sair desta casa. As crianças se foram, o resto dos condutores estão lutando. Eu posso me controlar, prometo. Vá encontrar seu irmão. —

—Ele provavelmente está com meus pais...

—Mas e se ele não estiver? E se ele está fazendo exatamente o que você disse a ele para não andar por aí, procurando por um vampiro da vida real como em suas histórias? Ela odiava fazer isso, mas Kira se recusou a ser babá. Ela amava o Luke. Ela não se sentaria e o impediria de fazer o que ele fazia melhor, resgatando as pessoas. Esta era uma luta que ela precisaria terminar sozinha.

Luke suspirou. Uma batalha se desenrolou em seus olhos.

—Você tem certeza que vai ficar bem?— Ele perguntou, um olhar culpado cruzou suas feições quando ele olhou para ela.



Kira agarrou suas bochechas, forçando-o a olhar para ela. —
Eu prometo. Eu estarei bem aqui esperando você voltar. —

Ele sorriu, resolveu e estendeu a mão para beijá-la.

—Eu já volto, eu juro. —

Ela assentiu, empurrando-o do quarto.

Luke parou na porta, olhando por cima do ombro para ela por um segundo, antes de correr pelo corredor e sair da casa.

Em sua ausência, seus membros ficaram frios novamente. O sol se escondeu. O fogo explodiu.

Kira caiu de joelhos, segurando o peito.

Finalmente chegou a hora.



DEZESSEIS

Ela prometeu.

Kira tinha feito uma promessa, e ela não pretendia quebrá-lo. Não dessa vez.

Quando Luke voltasse, Kira estaria lá esperando. Não a Kira que estava a um passo da loucura. Não a enlouquecida Kira que desejava sangue.

Não.

Uma Protetora Kira. Uma sã Kira.

Kira de Luke.

Então, quando ela caiu completamente no chão, Kira manteve seus poderes perto de seu coração e deixou as sombras virem. Era hora de acabar com isso. Ela não podia mais lutar contra a escuridão.

Seu corpo estremeceu. Apreensões arruinaram seus membros.

Mas Kira estava além de tudo.

Ela estava nadando através do fogo, montando suas chamas enquanto eles circulavam seu corpo, segurando-os firmemente sob sua pele.



Kira estava procurando pela fonte, a chave, a parte dela que decidira Justiceiro ou Protetora, porque ela estava pronta para dizer adeus à raiva, à matança.

Então ela continuou empurrando, mais e mais profundamente em sua alma.

Essa foi a história dos dois anjos depois de tudo. Se eles eram reais ou mitos, eles eram Kira. Ela era duas pessoas, dois poderes, duas vidas.

Bem, ela escolheu um caminho, mas na verdade deixando os poderes do Justiceiro irem embora? Essa foi uma questão diferente. Esse foi o único fator que restou, a única coisa que a impediu. Porque ela pensou que seria fácil, que ela decidiria, e naturalmente a outra metade desapareceria.

Mas sua decisão foi definida no momento em que Luke entrou pela porta, e seus poderes Punidor ainda queimavam dentro de seu coração.

E quanto mais fundo ela afundava, mais forte tudo parecia se tornar. Seu fogo Protetor e Chamas do Justiceiro se fundiram, vermelho e amarelo, dançando em sua mente até que tudo ao redor dela estivesse laranja e não houvesse diferenciação entre os dois. Kira puxou o fogo, separou-o, mas não iria. Não rasgaria.

Kira mergulhou ainda mais, até que sua pele estava tão quente que era como se ela caminhasse na superfície do próprio sol, em um lugar onde não havia Protetores, Punidores, anjos, apenas uma luz tão brilhante que cegaria qualquer um que ousasse. abra os olhos para olhar.



—Deus?— Ela chamou, esquecendo que ela estava falando em sua própria mente. Não parecia assim. Parecia divino. Sagrado.

Sem resposta.

—Você vai me salvar? Como você salvou os originais? — Ela perguntou humildemente. As palavras arranharam sua garganta seca, arrancando o caminho de seu corpo.

Mas ninguém estava escutando. Ninguém estava lá.

Kira estava sozinha. Mais sozinha do que ela já sentiu antes.

Perdida mesmo.

Então ela correu, correndo de volta pelo caminho que veio, seguindo o fogo do seu coração, cavalgando as ondas até que ela estivesse em sua própria pele. Mas não era dela mesma. Um anfitrião estrangeiro assumiu, negro e contorcendo-se, aderindo a todas as partes dela.

Dentes cavaram profundamente em seu lábio.

Kira os afastou.

Mas eles não se mexeram.

Ela estava se transformando em vampira. Para o bem desta vez.

Seu corpo a rejeitou, a expulsou. De alguma forma, Kira foi empurrada para o limite.

Ela gritou, um grito alto e frustrado.



Não funcionou. Ela tinha certeza de que funcionaria. Essa escolha seria fundamental. Que seus poderes obedeceriam.

Mas Kira foi traída por seu próprio fogo. Abandonada por isso. Mesmo agora, seus dedos pareciam mais frios. Seus dedos eram como gelo.

Um pequeno incêndio continuava iluminando seu coração, mas estava piscando, desaparecendo.

Quanto tempo antes de desaparecer?

Antes dela ir?

Não, Kira abriu os olhos. O mundo estava mais afiado em torno dela, mais claro, como se ela pudesse ver até mesmo as moléculas de ar suspensas invisíveis ao seu redor. Ela tinha visto assim uma vez antes, em um sonho, em uma vida que ela nunca quis.

Kira ficou em pé, reluzente.

Ela tinha que chegar à parede. Não importava que houvesse vampiros, que Aldrich estivesse esperando por ela, prontos para atacar.

Ela estava em transição e a radiação UV da parede era a única coisa que poderia salvá-la.

Kira estendeu a mão, procurando por Luke, desejando que ele pudesse de alguma forma ouvi-la. Mas não havia parede nem conexão com sua mente. Havia apenas vazio.



Então, em vez disso, ela sussurrou: —Sinto muito—, sabendo que ninguém estava perto o suficiente para ouvir. Mas de alguma forma as palavras o encontrariam. Ele encontraria uma maneira de entender por que ela havia quebrado sua promessa. Ele encontraria uma maneira de perdoá-la.

Mas antes que ela pudesse correr, um perfume fez cócegas no nariz.

Doce.

Inocente.

Infantil.

Kira cobriu a boca, reprimindo o desejo com pura vontade. Seu corpo inteiro se imobilizou, colou no lugar enquanto sua mente ainda consciente lutava contra as sombras nublando seu julgamento. Ela se recusou a se transformar em um animal.

Uma batida constante soou em seus ouvidos, um baque delicado, um tamborilar de pequenos pés ou era a bomba de um pequeno coração?

O barulho. O cheiro. Eles cresceram, mais altos, mais fortes, mais difíceis de ignorar, até que o cérebro inteiro de Kira foi tomado pelos dois sentidos.

Mas seus pés estavam imóveis, imóveis, de alguma forma ainda sob seu comando.

—Kira?—





Ela respirou fundo. Ela reconheceu aquela voz aguda, ainda não atingida pela puberdade.

—Kira?—

Não deveria se virar, não podia olhar para ele. Ela iria quebrar.

—Saia daqui. — Kira resmungou. Sua voz era dura, irreconhecível.

—sou eu. Tj. Luke me disse para vir depois da reunião, ele me disse para ir com todas as outras crianças. Eu tentei dizer a ele que eu não sou criança, que eu posso lutar, mas ele não quis ouvir. Mas eu não podia sair, não sem o ursinho de Patrick. Ele é meu melhor amigo, Patrick, e eu sei o quanto ele fica com medo, eu sei que ele precisa do seu ursinho...

Kira desligou-o. Ela não podia mais ouvir. Não podia suportar a força em sua pequena voz. Ele ligou para ela. Teria um gosto tão bom, tão fervoroso que cantaria.

Mas era o irmão de Luke, a parte dela que ainda estava lá, o irmão mais novo de Luke.

Suas palmas se contraíram. Seus dedos se esticaram, se preparando para atacar.

Mas quando ela se virou, pronta para agarrá-lo pela garganta, outra pessoa que Kira tinha medo que morrera despertou dentro dela.



—Saia—, berrou ela, gritando para TJ, instantaneamente caindo de volta, rastejando para longe do olhar de confusão e medo escrito por todo o rosto daquele menino.

E antes que ela soubesse o que estava fazendo, Kira saltou. Ela empurrou seus pés, saltando pela janela atrás dela, não se importando quando o vidro cortou profundamente em sua pele.

Instintos assumiram. Ela pousou como um gato em seus pés e decolou em uma arrancada, correndo para a parede.

Os condutores estavam lá. Seu sangue nadou em seus sentidos, empurrando-a para frente.

Mas outra garota a empurrou para a frente também, uma garota condutora lutando para se libertar, empurrando-a em direção a uma parede de fogo que a queimaria viva ou a salvaria.

Kira não sabia qual.

Ela só sabia que tinha que continuar correndo.

E ela fez. Ela voou - seus pés se movendo mais rápido do que nunca, batendo contra o pavimento. Árvores passavam por ela, embaçadas e mal ali, exceto pelas variações de verde na periferia de seus olhos.

Ela não viu ninguém. Nenhuma equipe de condutores, nenhum vampiro. A batalha ainda estava acontecendo? Alguém ganhou? Ela era a única carta selvagem que restava?

E então ela estava na estrada principal, indo cada vez mais longe de Sonnyville, cada vez mais perto de...



Sangue.

Uma piscina gigante de sangue.

Ela caiu em seus sentidos, puxando-a para frente, seduzindo-a. Kira podia sentir na parede - sangue de canalização, sangue protetor.

E sem dúvida, ela sabia que um gosto era tudo que precisaria. Um gosto e ela teria ido embora para sempre. Mas o vampiro encarregado de seu corpo não se importava, não tinha pensamento a não ser pelo sangue, não tinha objetivo a não ser beber.

Kira estava presa. Ela lutou contra isso, mas seus esforços eram fúteis. Ela havia perdido o controle. Sua única esperança era que o sangue jazesse do lado de fora da parede, além de Sonnyville.

Quando ela se aproximou, sua visão de laser assumiu, aproximando-se do sangue, localizando-o.

Logo depois da parede, havia um carro descansando intacto no meio da estrada. Pneus queimados misturados com a doçura do sangue, enchendo os sentidos de Kira. E o sangue estava ali, juntando-se ao lado do banco do motorista, pingando de dois buracos no pescoço de um homem loiro. Ele estava de cabeça para baixo, fora do carro e na calçada, deixado ali por um vampiro que queria deixar uma mensagem para Kira.

O canal dentro dela gritou, gritou, rezou por favor não.



O vampiro que a controlava continuou correndo - a visão se aproximando, focalizando duas feridas. Seus dentes doíam para preencher o vazio.

E então a parede estava lá.

Kira bateu nela, levantando os pés, virando de costas com a força do golpe. O sol cavou nela. UV queimava sua pele até começar a lascar, a rachar com o calor.

Sua voz gritou, choramingando de dor.

Sua alma cantou triunfante.

As chamas despertaram dentro de seu coração, gritadas pela parede, quase como um amigo familiar. O canal dentro dela começou a empurrar, lutando contra o vampiro.

A escuridão começou a se mexer, mais resistente que o normal, deixando um resíduo permanente dentro de seus membros. Kira não podia limpar tudo. As sombras espreitavam, e o fogo dela, mesmo com a parede, não era forte o suficiente para removê-las completamente.

Mas foi o suficiente para o momento.

Kira estava no controle novamente.

Os dentes mordendo o lábio dela encolheram-se um pouco a princípio, até ficarem embotados, apenas um pouco mais afiados que o normal. A força em seus braços diminuiu e ela caiu completamente flácida no chão. Sua pele, gargalhada pelo fogo, agora chamava o sol e começava a selar fechada, lisa e bronzeada mais uma vez.



Mas foi apenas temporário, e o coração de Kira afundou com a verdade dessa declaração. Seu próprio fogo não era mais suficiente. Seu fogo, que tinha sido forte o suficiente para matar qualquer vampiro que cruzasse seu caminho, para romper sua imunidade, não era forte o suficiente para esmagar o único vampiro que ela precisava para acabar - o que estava dentro dela.

Sem a parede, ela cairia. E não havia cura mágica, não havia como se salvar. Houve apenas morte. Talvez essa tivesse sido sua única opção o tempo todo - ela era muito teimosa para ver isso.

E então Kira se lembrou - o menino, o carro, o sangue.

Ela se levantou, lenta e dolorosamente, lutando contra os membros doloridos. Mas ela preferia o zíper, à velocidade da luz, porque isso era humano - quase.

Piscando, Kira tentou trazer de volta sua visão, e veio devagar, mas o mundo parecia confuso. A clareza estava faltando. A visão perfeita foi embora. Mas ela podia ver o suficiente.

—Luke?— Kira chorou, sua mente acelerada. O garoto no carro estava morto, mas ele era Luke? O cabelo loiro podia parecer familiar. Ele estava de costas para ela, mas sua longa constituição podia ser de Luke. Seu pescoço parecia um pouco grosso demais, seus dedos um pouco gordos demais, seu estômago um pouco mole demais.

E então Kira notou a gola em torno de seu pescoço, os botões correndo pelo centro de sua camisa, e ela respirou, suspirando de alívio.





De jeito nenhum era Luke. E quando ela disse isso para si mesma, ela poderia finalmente ver esse homem, ver todas as maneiras que ele definitivamente não era seu Luke.

Mas ele era amigo de alguém, marido de alguém, pai de alguém mesmo. E agora ele estava morto. E foi tudo culpa de Kira.

A batalha, a que ela estava escondendo, a que ela não podia lutar, era tudo sobre ela. Era sobre ela salvar Tristan, sobre seu potencial para cair, sobre sua luta com Aldrich.

E encarando a morte no rosto, ela gritou em frustração, porque ela estava ainda mais presa agora do que nunca. Quatro pés à frente, três pés atrás, quinze à esquerda e cinco à direita. A parede. Sua caixa. Sua prisão.

—Aldrich!— Kira gritou.

Sem resposta.

—Aldrich!— Ela gritou novamente, rasgando suas cordas vocais com a força de seu grito. Ela o queria ali, queria que ele a visse morrer, queria que ele soubesse que, no final, Kira era forte o suficiente para fazer a única coisa que podia - manter as sombras à distância, evitar que caísse e manter as condutas. a salvo de sua destruição.

Mas antes disso, Kira fechou os olhos, segurando as lágrimas que ameaçavam se derramar de seus olhos. Antes que ela deixasse a morte assumir, ela queria dizer adeus. Sua mãe e pai ainda teriam Chloe. Tristan mal se lembrava dela e Pavia o manteria a salvo.



Mas Luke, ele estaria sozinho. E ela o escolheu, queria estar com ele, mas o destino nunca esteve do seu lado.

Então Kira abriu sua mente, sentindo o caminho dentro de sua cabeça. Ela não queria ficar sozinha quando morresse, queria estar com ele, sã e salva no conforto do amor dele.

Mas ele não estava lá.

Confusa, Kira procurou por seus pensamentos, por sua conexão. A escuridão os quebrou? Quebrado seu vínculo como se tivesse quebrado todo o resto dentro dela?

Mas não, o caminho para sua mente estava aberto, mas onde estava Luke? Ele estava em branco. Não havia amor, nenhuma força, nenhuma resolução borbulhando em seus membros, trazendo sua alegria como normalmente fazia. Houve apenas um estranho silêncio.

Seu coração começou a bater quando o medo se instalou.

O que aconteceu com Luke?

Com os olhos abertos, Kira examinou o chão ao seu redor, mas não havia sinal dele. Ela caminhou ao redor do perímetro da parede, tão longe da radiação UV que ela ousou se mover, mas ele não estava lá.

E ela não podia sair sem se despedir. Ele era sua força, sua rocha, ela não podia fazer isso sem ele.

Alcançando no bolso dela, Kira discou o número dele.

Tocou.



Tocou.

Clique.

Sem correio de voz. Nenhuma mensagem. Nem mesmo o som de sua voz para fazê-la se sentir melhor.

Kira tentou novamente, mas foi mais do mesmo.

Ela clicou no teclado, mandando uma mensagem para ele, mas ela tinha muito pouca esperança de qualquer resposta. Ela olhou para cima novamente.

O carro. O condutor.

Foi estranho. Os dois ali, do outro lado da parede. Estranho. Por que algum condutor teria atravessado a parede, trazendo-se voluntariamente ao território dos vampiros?

A resposta foi simples. Ele não faria isso.

Mas outra coisa poderia - outra pessoa poderia.

E Kira lembrou-se do cheiro de pneus queimados. Ela olhou mais de perto para o chão, onde faixas pretas estampavam o concreto.

Este carro não foi conduzido para o outro lado da parede, foi forçado lá, chutando e gritando. E havia apenas uma pessoa no mundo que poderia fazer isso.

Aldrich.

Aldrich com sua telecinese.



A cabeça de Kira se levantou, alerta. Ele estava lá fora em algum lugar, ela tinha certeza disso. Ele estava observando-a, rindo silenciosamente de sua luta, alegre com o conhecimento de que ela estava no ponto de não retorno.

E Luke tinha que estar com ele - inconsciente, mas não morto, porque ela ainda podia senti-lo do outro lado do vínculo, ainda sabia que ele estava respirando, mas sua mente ainda estava.

Assim como um filme estava tocando em sua cabeça, Kira podia ver o que havia acontecido. Luke fugiu da casa de seus avós, revistou a praça da cidade e sua própria casa para TJ. Mas TJ tinha estado na casa de Patrick, estava recebendo seu melhor amigo, seu ursinho, e Luke nunca teria pensado em olhar para lá.

Não, ele pensou que seu irmão queria se juntar à luta com os adultos. Então Luke encontrou um Protetor com um carro e pulou para dentro, dirigindo sem rumo pela cidade à procura de TJ sem sucesso. E então os dois decidiram procurar mais perto da parede. E assim que chegaram à estrada principal, Aldrich os sentiu e assumiu o controle, usando sua mente para arrastar o carro pela barreira.

Ele sabia exatamente quem era, exatamente o que ele estava fazendo. E de alguma forma, ele sabia que Kira escolhera Luke, que Luke seria a chave.

Kira imaginou isso. Luke deve ter sabido. Eles provavelmente tentaram a porta do carro, mas as fechaduras teimosas permaneceram fechadas, mantidas pelo controle mental de Aldrich. O vidro não se quebraria. As janelas não



rolariam. Eles estavam presos, sabendo que a morte estava próxima.

Assim que atravessaram a muralha, Aldrich atacou, matando o Protetor e deixando Luke inconsciente, esperando que Kira viesse. Provavelmente arranjando o carro e o corpo do condutor só para ela. E Kira tinha jogado direito em seu plano, mas ela não tinha outra escolha.

E agora Luke precisava dela.

—Aldrich—, ela disse baixinho, calmamente, —Eu sei que você está lá. Saia para que possamos acabar com isso. —

Não houve resposta. Ele queria que ela implorasse.

Kira se ajoelhou, aparentemente amarrando o sapato, e puxou o canivete. Ela precisaria disso em breve. Escondendo-o na palma da mão, ela se levantou novamente, enfiando a faca no bolso de trás.

Hora de começar o show.

—O que você quer?— Ela chamou as árvores: —Eu farei qualquer coisa para salvá-lo!— A rachadura em sua voz era real. O tremor nas mãos dela era real também.

—Por favor, deixe-me vê-lo—, Kira choramingou.

Mas ainda não houve resposta.

—Aldrich—, ela chorou, deixando as lágrimas caírem por suas bochechas. Seu corpo espelhava o movimento deles quando ela caiu de joelhos, um mendigo.



—Eu farei qualquer coisa—, ela disse uma última vez.

E então ela ouviu. Deixa farfalhar, galhos quebrando, passos.

Um corpo voou das árvores, aterrissando rudemente no asfalto com um tapa. E desta vez, era Luke - inerte, imóvel. Quase morto, mas o vínculo em sua cabeça dava a Kira a esperança de que, de alguma forma, ele ainda estivesse vivo.

Ela começou a correr para ele, mas se conteve. Ela estava em uma gaiola, presa dentro do fogo. Mas ele precisava dela, Kira lutava, ela tinha que fazer alguma coisa.

E então uma voz soou.

—É simples—, disse Aldrich, ainda se escondendo na floresta. —Quero que você tente salvá-lo. —

Kira procurou pelo vampiro, mas Aldrich não estava à vista. E ela se recusou a lutar contra um fantasma.

—Mostre-se—, ela exigiu. Suas mãos se fecharam em punhos de ferro e o sol já havia começado a se fortalecer, reunindo-se em seu núcleo. As sombras também estavam lá, apenas esperando para atacar.

E depois mais folhas, mais galhos quebrando.

Kira seguiu o som.

Aldrich saiu da floresta e Kira recuou horrorizada.

DEZESSETE

Este não foi o Aldrich Kira lembrado.

Não o idiota alto, elegantemente vestido e arrogante. Acabou-se o cabelo castanho claro de trás, o seu comportamento calmo e cruel. A única parte dele que reconheceu foram os olhos azuis frios e quase negros da meia-noite.

O homem diante dela era um monstro.

E Kira o fez dessa maneira.

Sua pele estava queimada, carbonizada e encrostada. Seu cabelo estava chamuscado, substituído por carne escaldada vermelho-sangue. Seu nariz se dissolveu, se transformou em um toco, e suas orelhas pareciam completamente desaparecidas.

Seu corpo se curvou, incapaz de ficar em linha reta porque suas costas estavam terrivelmente feridas. Ele moveu-se mancando, sua força de vampiro aparentemente bateu. E suas roupas eram folgadas, mal ajustadas, escondendo o que Kira sabia que era um corpo quebrado.

Sua mão subiu e apertou sua boca, pegando o suspiro que ela tinha deixado escapar.

Incapaz de olhar em qualquer outro lugar, Kira captou seus olhos, a única parte dele que permaneceu ilesa. E eles olhavam para ela, calculistas e cheios de ódio.



—O que há de errado, Kira? Você não quer olhar para a sua obra-prima? Ele perguntou friamente, se aproximando do corpo de Luke.

Ela estremeceu. —Eu nunca quis que isso acontecesse. — E ela não fez.

—Não, você só queria me matar e acabar com isso—, ele disse, sorrindo.

—Não é pior do que seus planos para mim. — Kira devolveu seu sorriso excessivamente doce, empurrando qualquer sentimento de simpatia por Aldrich para o lado. Ele era um monstro, e agora seu corpo apenas refletia o que estava em seu coração.

—Não importa—, Aldrich deu de ombros, —daqui a uma década estarei completamente curado e de volta ao meu antigo eu. Eu não acho que você terá a mesma sorte. —

Ele se ajoelhou e tirou o cabelo do rosto de Luke.

O corpo de Kira se adiantou em protesto: —Não toque nele.

—

A cabeça de Aldrich estalou em sua direção, e seus olhos brilharam em um azul gelado, —faça-me. —

Kira deu um passo à frente, aproximando-se da borda da parede, mas depois parou. Ela não podia ir mais longe sem se perder, sem cair. Ela estava presa.



Frustrada, Kira levantou as mãos, atirando chamas de Punidor em Aldrich. Ela poderia matá-lo daqui. Ela não precisava se mexer.

Mas um galho de árvore bateu em seus antebraços, jogando as palmas das mãos para o lado e suas chamas explodiram sem rumo nas árvores em frente a Aldrich, inúteis.

Ele gargalhou, enviando um arrepio de pura raiva pela espinha dela. De um jeito ou de outro, Kira acabaria com ele. Seus dedos se apertaram em um punho.

—Isso é demais—, disse ele, com evidente alegria em sua voz, —nossa querida Kira presa no fogo que ela deseja manter, incapaz de lutar por seu amor. — Ele deslizou um prego no rosto de Luke, encarando Kira diretamente nos olhos enquanto esfregava um dedo curto sobre o corte e o levava à boca, saboreando o sangue que vazava da ferida recente.

Kira mordeu o lábio, tentando não perder o controle. O poder dentro dela surgiu, implorando por liberação. Mas estava claro que Aldrich estava provocando-a. Ele não mataria Luke, ainda não, não antes de terminar os jogos.

Aldrich se levantou rapidamente e contornou o corpo de Luke, mais perto da parede. —Eu me pergunto o que vai fazer você quebrar?— Ele perguntou, estendendo a mão para tocar sua bochecha. Sua mão parou perto da linha invisível, não cruzando a radiação UV que estava queimando na pele de Kira, enchendo-a de esperança e força. Ela pode estar presa, mas era uma gaiola que Aldrich não conseguiu invadir.

Ela permaneceu em silêncio, não cedendo à sua provocação.

—Você sabe—, disse ele, puxando a mão para trás. Seus olhos perderam o foco enquanto seu cérebro revirava, trazendo uma lembrança. —Eu sabia o que estava acontecendo no momento em que você me deixou ir. Eu vi a luta em seus olhos, a batalha em suas veias, eu podia sentir as sombras inundando seu coração. Eu sabia naquele momento que, não importava o que acontecesse, eu havia vencido. Porque não há como voltar atrás, Kira. Depois de provar a escuridão, não há como parar. —

—Mas há—, ela disse baixinho, sem acreditar.

—O que? Você está falando sobre Tristan? Sim, sim, eu ouvi tudo sobre como você o salvou —, ele demorou,— eu tenho medo de que é tudo que qualquer um pode falar. Estou muito cansado disso, para ser honesto. —

—Porque você perdeu a batalha—, disse Kira, presunçosa, deixando um sorriso enrolar seus lábios.

Os olhos de Aldrich brilharam, sua pele estalada ficou tensa. —Que batalha? Tristan é um tolo que se apaixonou por uma garota que nunca poderia amá-lo de volta. — A mão de Kira tremeu. O fogo pressionou contra as palmas das mãos, doendo para ser liberado, mas ela segurou firme, deixando seus poderes borbulharem e se fortalecerem, esperando pelo momento certo. —Isso não é verdade.

—Não é? Então onde ele está? Por que Luke é nosso convidado especial e não Tristan? —

—Eu o amei o suficiente para deixá-lo ir, algo que você nunca entenderá. —



—Tal sentimento é bobagem—, disse Aldrich, rindo para si mesmo, —você ainda não entende, Kira. Eu tentei te dizer antes, mas você simplesmente não entende.

—Por todos os meios, me ilumine. — Kira cruzou os braços, tentando manter a conversa o maior tempo possível. No fundo de sua mente, Kira estava apenas esperando o momento certo para atacar. Por ele vacilar, ele perderia o controle e, no momento em que o fizesse, Kira atacaria. Não havia outro jeito de acabar, nunca houve.

—Você é uma realista, Kira—, ele suspirou e Kira revirou os olhos. Não isso de novo, ela pensou.

—E daí?—

—Os realistas não podem escolher o amor, eles não sabem como. O amor é para os crentes, o amor é a fé suprema - aquela ideia invisível em que as pessoas constroem suas vidas. Mas um realista simplesmente não entende isso - eles precisam dos fatos, da lógica - eles não podem dar o salto. Eles não sabem como colocar amor primeiro.

—Enquanto eu estou realmente gostando da reflexão, você pode simplesmente chegar ao ponto?— Kira perguntou.

—O ponto é que eu sei que você vai lutar comigo porque se você não fizer eu vou matar esse garoto—, ele se aproximou, sua voz se aprofundando, —O ponto é que eu sei que você vai cair porque tanto quanto você diz que é no amor, você realmente não sabe acreditar nele —, ele olhou para ela, seus olhos ficando negros, seu rosto queimado brilhando em triunfo,— O ponto é



que eu vou ganhar e você vai perder, tanto quanto você diz mesmo de maneira diferente. —

Kira saltou para frente, a raiva empurrando seus movimentos. Fogo voou de suas mãos, avançando em direção a Aldrich em uma onda de calor esmagador. Ele estava errado. Kira amava Tristan e ela amava Luke agora, e ninguém usaria palavras extravagantes para tentar tirar isso. Ela não era um robô insensível. Ela não era.

E Kira mostraria a Aldrich o quão errado ele estava.

Mas assim que Kira cruzou a linha, seu fogo vacilou, perdendo o calor e a escuridão se arrastou para frente, atravessando sua pele, empurrando os dentes de volta, espalhando um frio entorpecedor por todo o corpo.

Sua raiva rolou para longe, substituída por uma fome profunda que ela ainda tinha que ceder. O sangue de Luke surgiu em seus pensamentos.

Ela queria isso.

Ela queria um sabor. Apenas um.

Não!

Kira se jogou para trás, de volta para a prisão, e fogo subiu por seu corpo. Ela arquejou e deixou as chamas tomarem conta, deixando que elas afastassem as sombras, outra correção temporária, mas uma correção, no entanto.

O sangue batendo em seus ouvidos começou a diminuir.



Um guincho agudo substituiu-o, inundando seus sentidos, e batendo palmas trouxe uma onda de ódio de volta ao seu coração.

Lentamente, Kira se levantou e se virou, encontrando o sorriso de Aldrich com um olhar. Isso não provou nada, não importava o que ele dissesse.

Mas ele não tentou falar - seus olhos falaram por ele. Branco quente com apenas um toque de azul, eles estavam praticamente acesos com sua excitação. Aldrich achou que ele estava ganhando.

E no fundo de sua mente, Kira concordou.

À sua direita, a porta do lado do passageiro do carro parou, gritando alto. Kira não pôde deixar de olhar enquanto raspava o chão em sua direção, erguendo-se sobre a cabeça para pousar atrás dela, bem no interior da parede.

Seu olhar correu de volta para Aldrich, para seus olhos largos e vitoriosos.

O metal atrás dela rangia, curvando-se sobre si mesmo, formando um casulo semicircular.

O coração de Kira começou a correr. Não havia nenhum lugar onde ela pudesse correr. Ela estava presa.

A briga de metal no concreto enviou medo em seu coração - estava ficando mais alto, mais perto, até que uma frieza picou seu braço.



Ela estava sendo empurrada para frente. A porta a deixou presa e tudo o que Kira pôde olhar foi a linha quase invisível da parede, o leve tremor de calor que mostrava onde a rajada de raios UV terminava.

O local se expandiu, crescendo até que assumiu toda a sua linha de visão.

Kira tentou pegar o bolso de trás, a faca que ela mantinha escondida, mas o metal estava perto demais, estava se aproximando dela, prendendo-a.

E então a fome oscilou em seu estômago, um desejo pelo sangue do condutor descansando a poucos metros de distância, esperando por ela.

Cavando os pés no chão, Kira tentou resistir. Mas ela não podia lutar contra isso - nada disso.

O dedo de Luke se contraiu. Ele estava acordando.

Acordando bem a tempo de sentir a mordida de Kira.

Mas então a porta caiu no chão, ressoando alto, parando Kira a milímetros da borda da parede.

—Seria tão fácil—, Aldrich disse lentamente, —mas eu quero ver você se quebrar.

Luke gemeu e rolou para o lado. Seus olhos permaneceram fechados. Seu corpo ficou imóvel. Era quase como se ele estivesse lembrando Kira de que ele ainda estava lá, ainda vivo, pelo qual ainda vale a pena lutar.



Ela voltou para o fogo, sua mente acelerada.

Já era tempo.

Ela choramingou.

Kira não estava pronta para dizer adeus.

Não para a vida e não para o Luke.

Mas Aldrich estava certo. Ela era realista. Ela iria cair. Ela não podia dar esse salto. Ela tentou desistir de seus poderes de Punidora e fracassou, porque alguma parte dela realmente não acreditava que a felicidade estava em seu futuro, realmente não acreditava que o amor curaria tudo, realmente não acreditava que sua vida pudesse seja um sonho tornado realidade.

No momento em que ela nasceu, ela estava condenada. Sua vida não era um conto de fadas, era um pesadelo. Ela era uma força de destruição, uma máquina de matar, morte para qualquer vampiro que ousasse cruzar seu caminho.

E a última coisa que ela faria nessa terra era destruir aquele homem que havia tirado tanto dela.

Aldrich recuou, ajoelhando-se sobre o corpo de Luke, mantendo contato visual com Kira o tempo todo. Ele levantou Luke, segurando seu corpo frouxo na posição vertical. Luke gemeu em protesto. Seus olhos começaram a se agitar.

Aldrich inclinou a cabeça de Luke para o lado, expondo seu pescoço. Presas estendidas, empurrando através de seus lábios fechados e um sorriso sinistro alargou sua boca.



Ele estava incitando-a, pedindo a Kira para fazê-la se mover, cair.

Kira colocou as mãos atrás das costas e enfiou a mão no bolso, abrindo a faca e deixando o metal frio tocar a pele frágil em seu pulso.

Ela ia morrer.

Mas ela estava levando Aldrich com ela.

Respirando profundamente, Kira mordeu o lábio, tentando manter a dor em seu rosto enquanto a lâmina cortava profundamente sua pele, queimando carne e veias. O sangue escorria por seus dedos, escorregando para o chão e as sombras seguiam-no. No momento em que ela escolheu a morte, fez o sacrifício final, o vampiro dentro dela desapareceu, deixando apenas fogo em seu lugar.

Aldrich ergueu as sobrancelhas, confuso, parando por um momento enquanto o cheiro de seu sangue imaculado entrava em seus sentidos. Ele hesitou, soltando Luke uma polegada.

E Kira atacou.

As chamas subiram de suas palmas, atingindo Aldrich com tanta força que seus pés se levantaram e ele voou para trás, batendo no chão com seu crânio queimado e careca. Surpresa foi gravada em suas feições.

Mas Kira não conseguia parar. Já sentia a vida se desvanecendo, sentiu o fogo cintilar. Seu corpo estava correndo



em adrenalina, então ela saltou da parede para pousar no peito de Aldrich.

Seu fogo afundou em sua pele, queimando a carne queimada. E ele era fraco. Seus poderes haviam minado sua força. Seus olhos estavam vidrados, desfocados da queda pesada que ele acabara de tirar.

Kira pressionou, envolvendo as mãos em volta do pescoço, concentrando toda a sua força naquele único ponto. Seus dedos queimavam, a lava jorrando em suas veias estava começando a doer, mas ela não prestou atenção a isso. Seus olhos examinaram o rosto de Aldrich, as rachaduras se espalhando ao longo de suas feições, a vida deixando seus olhos negros.

Estava quase no fim.

Um ramo voou das árvores, esbarrando em seu braço, mas foi apenas uma cutucada, mal forte o suficiente para Kira se sentir muito menos ferida.

Outra bateu de volta.

Kira permaneceu onde estava.

O sangue de seu pulso se derramou sobre a pele derretida de Aldrich, deixando-a vermelha, misturando-se com o carvão saindo de seu pescoço.

Seu fogo estava começando a diminuir. Mas não das sombras - não da escuridão, que havia desaparecido. Sua vida estava vazando e seu poder estava indo com isso.

A visão de Kira começou a aparecer.



Ela piscou. Ainda não, ela insistiu, espere um pouco mais.

Empurrando uma última vez, Kira sentiu sua onda de energia. A mistura imparável de Punidor e Protetor afundou em Aldrich.

E funcionou.

Seu fogo cortou seu pescoço, derretendo sua carne, queimando o osso tão severamente que ele partiu ao meio. Seus olhos se arregalaram, percebendo que sua morte era inevitável. Ele estava congelado no lugar enquanto a sombra subia por seu pescoço, uma onda de escuridão que não era vampirismo, mas era cinza - a fumaça de sua pele se esvaindo em nada.

Kira caiu alguns centímetros, aterrissando no chão com um baque surdo.

Aldrich se foi.

Ele finalmente foi embora.

Kira havia vencido. Mas a que preço, ela se perguntou, rolando para o lado. A escuridão havia deixado seu corpo e, pela primeira vez em anos, seu fogo parecia puro, sem manchas. Sua pele parecia exatamente como ela própria.

Mas mesmo essa consciência estava desaparecendo.

—Kira?— A voz de Luke encheu seus ouvidos. Seu coração se levantou. Ela iria dizer adeus.



Calçando os pés. Roupas raspando asfalto. E então uma mão tocou sua bochecha, uma mão quente, quente contra sua pele refrescante.

Ela foi levantada, movida para que sua cabeça descansasse em seu colo. Kira olhou em seus olhos de fogo, no verde esmeralda em torno das bordas, adorando como eles brilhavam de amor.

—Você fez isso—, disse ele, com a voz cheia de admiração, —você matou Aldrich. Nós ganhamos. — Ele limpou o polegar ao longo de sua bochecha, limpando as lágrimas. A confusão obscureceu enquanto ela permanecia em silêncio. Ele examinou o rosto dela, procurando por ferimentos, descendo o corpo dela, procurando o problema, e então ele congelou, arregalando os olhos em horror.

—Kira, o que você fez?— Ele amaldiçoou, implorando por uma explicação.

Usando os últimos pedaços de sua força, Kira levantou a palma da mão para sua bochecha, pegando as lágrimas que estavam caindo. Ele tinha que entender.

—Eu salvei você—, ela disse, sua voz quase um sussurro, — Eu salvei você de mim.

—Encontramos uma cura, havia outro jeito. — Ele balançou sua cabeça. Seus lábios tremeram e o corpo abaixo de sua cabeça tremeu.

—Não—, Kira suspirou, —não havia. Mas Luke?



Ele assentiu.

—Eu gostaria que tivesse havido. Porque eu amo você

—Eu também te amo—, ele disse a ela, com a voz embargada. E então ele se inclinou, plantando um beijo suave em seus lábios.

Sua visão começou a desvanecer-se. O mundo ao seu redor parecia evaporar até que tudo o que viu foi Luke. Suas feições endureceram, a palavra —não— dançou em seus lábios.

Ela sentiu ele levantá-la, sentiu a força da gravidade quando ela caiu em seus braços. Ele a carregou, colocando-a suavemente para baixo, correndo para o lado.

Kira sentiu o estrondo do carro.

Ele estava falando com ela. Ela não podia ouvir as palavras que ele estava dizendo, mas estava tudo bem. Ela continuou olhando para ele, bebendo-o até que suas pálpebras pesadas se fecharam.

Mas não estava escuro, vazio ou vazio atrás de seus olhos fechados, porque com a morte tão próxima, não havia nada para Kira além de seus sonhos. O mundo havia desaparecido. Não havia cheiros, sons, visões, exceto aqueles que sua mente criava.

Então ela sonhou com a vida que ela poderia ter tido. O que ela queria ter se as coisas tivessem sido diferentes.

Em vez de encontrá-la no chão, deitada ali como uma lembrança apagada, Luke teria se virado para ver Kira parada em cima dele, esperando por ele. Ele teria ficado de pé e ela teria



pulado em seus braços, exultante com a vitória deles. Ele teria girado em torno dela, rindo juntos tão alegremente que nada poderia ofuscar eles.

E eles teriam vivido juntos, felizes para sempre - brincando juntos, brigando uns com os outros, beijando, fazendo memórias - eles iriam se provocar impiedosamente, mas sempre saberiam que na base havia amor. E não o tipo de amor construído sobre a luxúria, não o tipo que acabou por desaparecer. Mas o amor real, o tipo de amor construído sobre algo mais forte, construído em saber que você poderia descobrir sua alma para outra pessoa e ele faria o mesmo. O tipo de amor que iluminou o mundo ao seu redor, tornando tudo melhor porque você sabia que seu melhor amigo também seria seu para sempre.

Kira deixou o sonho enchê-la enquanto viajava de volta ao lugar em que estivera apenas uma hora antes, no coração de seu fogo, em seu núcleo.

O mundo ao seu redor estava em chamas, mas não era assustador. Era seu poder mantê-la a salvo, mantendo-a aquecida, assegurando-lhe que mesmo que sua vida tivesse acabado, não era o fim de tudo.

Mas acima de tudo, não era assustador porque Luke estava lá, com o braço caído sobre o ombro, puxando-a para perto, dizendo a Kira que ela nunca estaria sozinha, que eles ficariam juntos para sempre.

Kira escutou suas palavras. Ela deixou a devoção em sua voz rolar sobre ela. Ela deixou-se acreditar nele, neles, em si mesma.



Eles se beijaram e sua mente estava cheia de amor. Isso formigou seus sentidos - um brilho dourado que fez a vida e até a morte parecerem mais doces.

E sem ela perceber, sua alma se dividiu. O fogo do Justiceiro se afastou, evaporando no calor de seu amor.

Pela primeira vez em sua curta vida, Kira estava em paz, envolta em seus sonhos.

Mas depois de um tempo, até os sonhos desapareceram.





EPÍLOGO

Lana Peters saiu do carro tão depressa quanto seu corpo antigo permitiria. Dois membros do Conselho Protetor seguiram em seguida, quietos e estóicos, mais como guarda-costas do que como uma equipe de saudação. Então Lana sorriu para todos eles, forçando suas bochechas a se arregalarem, embora suas mãos enrugadas tremessem.

Era difícil deixar velhos medos, muito difíceis para a maior parte da cidade. Mas Lana sabia, de sua filha e de sua neta, que algumas regras precisavam ser quebradas e algumas tradições precisavam desaparecer no passado.

Foi por isso que ela se ofereceu para dar as boas-vindas aos cerca de uma dúzia de vampiros que estavam em linha reta logo depois da parede. Sem eles, a batalha duraria muito mais tempo. Sem eles, muitas vidas de condutores provavelmente teriam sido perdidas. Sem eles, seu próprio marido, que acreditava ser vinte anos mais jovem do que realmente era, poderia ter caído.

Ela sorriu suavemente para si mesma, imaginando-o. Ele não a queria nesse papel, mas o que mais a esposa do vereador podia fazer? A avó da garota que prometeu a vida a esses vampiros? Era seu dever, o mínimo que ela podia fazer. Kira não queria mais nada.



—Bem-vindos—, Lana chamou, fortalecendo a voz de sua cantada delicada normal, —Nós viramos a parede. Vocês são livres para entrar, como amigos. —

Todos os vampiros se entreolharam, olhares rápidos e de soslaio que eram difíceis para Lana seguir com seus velhos olhos humanos. Mas ela notou o tom azul brilhante de suas íris - uma cor que combinava com o céu ensolarado e sem nuvens.

E então um se soltou da linha, aproximando-se da parede com cautela. Ela era uma garota com longos cabelos negros que não tinham mais de vinte anos para Lana. Jovem demais para ser tão maduro. E logo atrás dela estava um menino que Lana reconheceu - Tristan. Um visitante em sua cidade apenas alguns dias antes, que parecia bastante nervoso.

—Olá Lana Peters—, a vampira falou: —Eu sou Pavia. Eu acho que Kira —, ela fez uma pausa, engoliu,— quero dizer que Luke provavelmente mencionou a mim.

—Sim, claro, eu ouvi sobre você. Então é bom finalmente conhecê-la pessoalmente. — Ela assentiu levemente, um aperto de mão antiquado de mulher para mulher.

Pavia deu de ombros e sorriu. —Então, devemos começar essa festa? Via de mão única para a mortalidade e todo esse jazz?

Lana tossiu, escondendo uma risada para o benefício dos indigestos vereadores ao lado dela, —Sim, claro. Por favor, sente-se no carro atrás deste e vamos levá-la para a praça da cidade. —

—Perfeito—, ela se virou, falando com seu próprio povo, —tudo bem, você ouviu a mulher. Mantenham essas presas bem



trancadas. — Ela se virou novamente, agarrando a mão de Tristan e puxando-o, falando em seu ouvido. O garoto visivelmente relaxou e caminhou com Pavia à frente dos outros vampiros.

Lana voltou para o carro com uma pequena ajuda das duas condutoras ao lado dela. E então os carros começaram a se mover, voltando para a única casa que Lana já conhecera. Ela nasceu em Sonnyville, conheceu seu marido aqui, criou sua filha aqui. Sua casa continha as histórias de sua vida. A prateleira que o marido pendurara acidentalmente deformada, a velha cadeira que o pai fizera para eles como presente de casamento, o local em que a filha dera seus primeiros pequenos passos de bebê, o local onde ela a levara pela última vez.

Nunca naquela vida havia vampiros em sua pequena cidade. Era um refúgio seguro, um oásis da ameaça dos vampiros, e tê-los aqui, de alguma forma, parecia errado. Mas também ao mesmo tempo, ela pensou. Porque mais do que tudo, a vida dela era sobre tentar proteger as pessoas - dos vampiros, das dificuldades, da mágoa. E agora os Protetores poderiam proteger almas perdidas da maneira que foram originalmente criadas para fazer - sua neta Kira estava certa sobre isso.

Mas nem todos concordaram, pensou Lana, olhando em volta para as casas pelas quais passavam. Metade estava vazia, seus clientes reunidos na praça da cidade para celebrar o que havia sido uma batalha vitoriosa e agora um novo futuro vitorioso para os condutores entrarem. Mas metade estava cheia de olhos curiosos olhando pela janela e de crianças trancadas em





seus quartos. Metade era resistente e duvidosa, presa em seus caminhos.

Lana esticou o braço pesado para fora, pressionando a janela para baixo, ainda maravilhada de que o toque de um botão bastasse - rápido e fácil. Em um mundo de tantas tecnologias, parecia certo que seu pessoal finalmente começasse a avançar também.

Ela acenou para todas as famílias ainda amontoadas dentro de suas casas, tentando deixá-las saber que não havia nada a temer.

Em pouco tempo, um mar de cabeças loiras apareceu, seu povo - boa parte deles - reuniu-se na praça da cidade, esperando por seus convidados.

O motorista parou e abriu a porta, dando uma ajuda a Lana quando ela saiu do carro. Ela fez sinal para ele abrir a porta do outro carro também. Pavia saiu primeiro, para o suspiro de toda a aldeia, mas ela não parecia afetada e caminhou em direção a Lana.

Tal prazer, Lana sorriu, esta vampira quase lembrou de Kira, a confiança e força.

Seu sorriso vacilou, rachado. Respirou fundo e começou a arrastar os pés cansados em direção ao estrado, em direção à presença consoladora de seu marido. Com base nos olhares dos canais que ela passava, os vampiros estavam seguindo.

Logo após os passos, Lana parou, sinalizando para seus convidados continuarem. A plataforma do Conselho não era seu



lugar. Seu lugar era a cadeira vazia a poucos passos de distância, aquela em que ela estivera sentada a metade de sua vida enquanto via o marido trabalhar. Então ela sentou-se e sintonizou o discurso que tinha memorizado na noite anterior. Em vez disso, ela deixou a voz de barítono que ela amava relaxar enquanto olhava para seu povo.

Alguns ficaram com medo. Alguns esperançosos. Alguns cautelosos. Alguns animados.

Seu olhar se moveu mais para cima, na direção dos sete homens em seus trajes mais elegantes, sentados em seus tronos, um sinal de força para a nova e potencialmente difícil estrada à frente. No meio, o marido dela, rodeado por alguns de seus amigos mais próximos. Mas esses não eram os rostos que Lana estava procurando.

À esquerda de seu Conselho, ainda sentado, mas em cadeiras menores, havia oito homens de cabelos vermelhos. Sete compunham o Conselho dos Justiceiros e o último era Noah, o homem que viera para testemunhar contra Kira, que havia argumentado em acabar com a vida dela. Seu rosto estava composto, difícil de ler, mas ela se perguntou o que ele estava pensando agora.

O olhar de Lana se desviou para a direita, e seu coração escorregou um pouco, mais do que o coração normalmente pesado de alguém que viveu tanto tempo, sofreu demais. Luke estava de pé ao lado dos tronos, sozinho, as mãos fechadas atrás das costas. Seu rosto era impassível, muito melancólico para um homem tão jovem, saudável e vibrante. Seus olhos estavam





vermelhos, inchados de longos dias passados de maneira semelhante à de Lana - chorando.

Piscando novas lágrimas, Lana se concentrou em seu marido novamente. Seu discurso estava chegando ao fim.

—Este grande novo dia. E assim, nos aventuramos juntos - uma vez inimigos e agora aliados, tentando encontrar a solução que minha neta procurou fornecer. Pavia —, ele gesticulou para a vampira e ela se adiantou—, foi corajosa o suficiente para se voluntariar, confiar sua vida a Luke e Noah enquanto eles tentavam restaurar sua humanidade de acordo com o método descrito por Kira, —ele fez uma pausa, seus ombros curvado um centímetro —, antes da batalha vencida há poucos dias.

Lana, como o resto da cidade, voltou sua atenção para Pavia. Sua pele era pálida, perolada à luz do sol, e seus olhos brilhavam com um azul que saltava de seu rosto. O sorriso dela era fácil, mas Lana viu o nó na garganta, a rigidez tensa em seu corpo. E isso humanizou a vampira. Ela estava nervosa, como qualquer um seria para experimentar com a vida dele ou dela, mesmo uma vida que tinha sido vivida por muito mais tempo do que a natureza pretendia.

Pavia continuou a dar um passo à frente. A cidade permaneceu tão quieta que até os velhos ouvidos de Lana ouviram o estalar de sapatos na madeira. A vampira fez uma pausa, e então deixou seu corpo afundar na poltrona esperando no centro da plataforma.

Luke caminhou para frente primeiro, inclinando-se para dizer algo para a garota, algo que fez seu corpo rígido relaxar. Ela



se moveu rápido, de modo que sua mão era apenas um borrão, mas Lana sabia o que ocorreu. A vampira estendeu a mão para apertar a mão de Luke, para devolver o favor consolador.

Noah se juntou aos dois, completamente o trio, e toda a cidade respirou.

Chamas irromperam nas palmas de Luke.

Sua mão se moveu para frente, aproximando-se da pele do vampiro.

Pavia se encolheu.

—Pare!—

E todos obedeceram.

Como estátuas, ninguém se mexeu. E então, chocado, o mar de loiro se mexeu, concentrando todas as suas atenções na fonte desse comando.

A respiração de Lana ficou presa.

Ali, no alto da praça, estava a réplica exata de sua filha, de sua filhinha Lana, quase na mesma idade da última vez que a vira. Enfie os cabelos loiros lisos, a pele bronzeada, os olhos verdes flamejantes, a postura alta e orgulhosa.

Mas não era Lana, não era um fantasma que voltasse para assombrar, era Kira. cem por cento Protetor Kira.

Um sorriso se espalhou pelo rosto de Lana, mudando as rugas, trazendo a juventude de volta para suas feições.



Kira estava viva.

Sua neta estava viva.

—Mesmo? Vocês começaram sem mim? Um pequeno coma, —Kira fez uma pausa, inclinando o quadril para o lado—, bem, eu acho que foi tecnicamente meu segundo coma, mas vamos lá, faz apenas alguns dias. Muito mais rápido que da última vez. —

Ainda a imagem de sua mãe para Lana, Kira avançou, toda atitude. —Você está agindo como se eu estivesse morta. Nenhuma fé —, ela balançou a cabeça, e então ela parou, um sorriso rompendo a fachada de censura.

E Lana sabia por que, quando os pés batiam ruidosamente pelos degraus atrás dela, um corpo voou para sua visão.

Antes que Kira pudesse dizer outra palavra, Luke estava lá, levantando-a, girando-a, beijando-a. O reencontro deles foi cheio de tanta alegria, muita felicidade que iluminou o mundo ao seu redor, em cascata ao redor da praça como uma onda de poder. Risos choveram sobre a multidão, contagiante, trazendo sorrisos para os rostos de todos os canais lá.

Lana desviou o olhar, deixando o casal compartilhar alguns momentos sem escrutínio. Seus olhos procuraram os do marido e os encontraram acesos, orgulhosos. Seus olhos se moveram, encontraram os de Lana e, naquele segundo, foi como se toda a vida deles passasse entre eles, e eles sabiam que, de alguma forma, tudo deveria acontecer. Tudo o que sua família tinha suportado, tudo era para ser.



Com as mãos agarradas ferozmente juntas, Kira e Luke voltaram à vista, movendo-se como uma em direção à plataforma.

Pavia estava fora de sua cadeira, esperando por eles, braços cruzados.

—Cortando um pouco, você não acha?—

—O que, você não confia em mim?— Luke brincou e Pavia apenas levantou a sobrancelha.

—Com um bom motivo—, Kira demorou, acotovelando-o de brincadeira nas costelas. Ele apenas a abraçou, beijando o topo de sua cabeça. Kira protestou, mas Lana conhecia sua neta, e não houve luta real em seu corpo quando ela se inclinou naquele beijo.

Atrás deles, o marido tossiu, pedindo às crianças que se movessem um pouco mais rápido, e Lana riu baixinho para si mesma - tanta personalidade para um pequeno palco de madeira conter.

Pavia voltou ao seu assento, ficando um pouco mais alta desta vez, com um pouco mais de confiança. Luke se moveu para ficar ao lado de Noah.

Kira desviou o olhar e Lana seguiu para Tristan. Ele estava observando-a educadamente e inclinou a cabeça em olá. Kira ergueu um dos cantos do lábio, triste mas feliz ao mesmo tempo, e o cumprimentou da mesma maneira. Então os olhos de Tristan mudaram, voltando para Pavia, e Kira assentiu para si mesma, satisfeita, antes de se aproximar de Luke.



—Pronta?— Ela perguntou a Pavia. A vampira assentiu.

Luke trouxe uma chama para a palma da mão, o fogo pegou os olhos de Lana, mas Kira empurrou a mão para o lado. Suas sobrancelhas franzidas.

—Eu posso fazer isso—, disse Kira, apenas alto o suficiente para Lana ouvir, mas as palavras a encheram de uma sensação de paz. Sua neta era uma mulher incrivelmente forte.

E mesmo com apenas dezoito anos, Kira ergueu o braço, o pulso enrolado em um curativo, como sinal de sua determinação. Quase instantaneamente, as chamas explodiram acima de sua mão, crepitando e cacarejando como se estivessem vivas. Seus poderes ainda eram fortes, mas agora eles eram puros Protetores. Mesmo de seu assento na linha lateral, Lana sentiu a diferença.

E o fogo cresceu, expandindo para envolver todo o corpo do vampiro, queimando em carne fria. Pavia não se mexeu. Era assim que ela estava confiante.

Kira acenou para Noah.

Ele trouxe uma chama do Justiceiro para a palma da mão - era mais escuro, diferente e completamente estranho para Lana. Mas não para Kira.

Juntos, eles trabalhavam - dois poderes e duas pessoas.

A princípio, a carne de Pavia começou a queimar, mas depois de algum tempo, a pele com crosta se desfez para revelar uma carne humana suave e rosada.



Mas Lana parou de assistir a vampira, e mudou sua atenção para sua neta. Um sorriso se espalhou de orelha a orelha, mais brilhante do que as chamas das mãos de Kira. Seus olhos brilhavam enquanto olhavam para a multidão, para Tristan e finalmente para Luke.

E um pensamento entrou na mente de Lana - ela desejou que sua filha estivesse lá para vê-lo, estava viva para ver o que ela havia criado, porque Kira era perfeita.

Ela salvou o mundo.

Ela salvou seu povo.

Mas acima de tudo, ela provou exatamente o que a filha de Lana estava implorando à mãe para entender o tempo todo - que o amor prevaleceria.

Amor de um mundo, de um povo, de um vampiro e de um menino.

No final, foi amor e não fogo que os salvou.

###

